



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
AGÊNCIA DE INOVAÇÃO, EMPREENDEDORISMO, PESQUISA E PÓS-
GRADUAÇÃO E INTERNACIONALIZAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DOCENTE EM PRÁTICAS
EDUCATIVAS**

MARIA ZILMA RODRIGUES SILVA

**ATUAÇÃO DO CENTRO DE CULTURA NEGRA - NEGRO COSME (CCN-NC) NA
CIDADE DE IMPERATRIZ – MARANHÃO**

**IMPERATRIZ
2022**

MARIA ZILMA RODRIGUES SILVA

**ATUAÇÃO DO CENTRO DE CULTURA NEGRA - NEGRO COSME (CCN-NC) NA
CIDADE DE IMPERATRIZ – MARANHÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Formação Docente em Práticas Educativas-PPGFOPRED do Centro de Ciências de Imperatriz, da Universidade Federal do Maranhão como requisito para obtenção do título de Mestra.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Herli de Sousa Carvalho.

IMPERATRIZ
2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Silva, Maria Zilma Rodrigues.

Atuação do Centro de Cultura Negra - Negro Cosme CCN-NC
na cidade de Imperatriz-Maranhão / Maria Zilma Rodrigues
Silva. - 2022.

137 f.

Orientador(a): Herli de Sousa Carvalho.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Formação Docente em Práticas Educativas/ccim, Universidade
Federal do Maranhão, Imperatriz-MA, 2022.

1. Centro de Cultura Negra - Negro Cosme. 2.
Movimento Negro. 3. Racismo. I. Carvalho, Herli de
Sousa. II. Título.

MARIA ZILMA RODRIGUES SILVA

**ATUAÇÃO DO CENTRO DE CULTURA NEGRA - NEGRO COSME (CCN-NC) NA
CIDADE DE IMPERATRIZ – MARANHÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Formação Docente em Práticas Educativas-PPGFOPRED do Centro de Ciências de Imperatriz, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do título de Mestra.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Herli de Sousa Carvalho.

Aprovada em / /

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Herli de Sousa Carvalho (Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Prof.^a Dr.^a Heridan de Jesus Guterres Pavão Ferreira (Membro Titular Interno)
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Prof.^a Dr.^a Ilma Maria de Oliveira Silva (Membro Titular Externa)
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL

Prof.^a Dr.^a Francisca Melo Agapito (Membro Suplente Interna)
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Prof. Dr. Francisco Antônio Nunes Neto (Membro Suplente Externo)
Universidade Federal do Sul da Bahia - UFSB

Aos militantes do CCN-NC que assumiram a
responsabilidade de lutar contra o racismo na
sociedade.

AGRADECIMENTOS

A Deus criador do Universo e fonte de sabedoria.

Ao meu pai, Jose Elizeu Rodrigues, e à minha mãe, Antônia Honorinda Rodrigues, que sempre acreditaram em mim e me ensinaram os melhores caminhos. Vocês são meus maiores exemplos na vida.

Aos meus irmãos, José Ildetrone Rodrigues, Antônio Michel Rodrigues e Francisco Rubenig Rodrigues, e às minhas irmãs, Divaneia Antônia Rodrigues e Simone Antônia Rodrigues, minha base de apoio incondicional.

À todos os meus familiares tios, tias, sobrinhos, sobrinhas e primos e primas de perto e de longe que souberam compreender minhas ausências e chateações com conversas que na maioria das vezes não eram o que desejavam escutar.

À Bianca Zaene Rodrigues Mota, sobrinha e amiga; sua ajuda foi fundamental para a realização desse percurso.

À Paulo Ryck Silva Miranda, pelo companheirismo, cuidado, por segurar a minha mão, pelos sucos, café e sanduiches durante as noites em que fiquei acordada escrevendo.

À Leiane da Costa Leandro Nascimento, exemplo de ser humano que tive o privilégio de conhecer, durante a disciplina especial, no percurso do Mestrado; gratidão pela parceria e pelos artigos que construímos juntas.

Aos meus amigos do Mestrado que constantemente me questionavam como estava o desenrolar de minha pesquisa, demonstrando preocupação e carinho, que muitas vezes compartilharam comigo preocupações, desafios, angústias e conquistas, neste nosso percurso. Pelo nosso combinado no início da jornada no Mestrado “ninguém solta a mão de ninguém”. E, a expressão, ao fim das conversas que sempre me fortaleceu: “Vai dar certo!”.

Aos membros do CCN-NC, pelo acolhimento, convívio, confiança, e, convite para integrar a nova diretoria do CCN-NC “Novos Balaios”, por todos os eventos do CCN-NC os quais participei e que contribuíram significativamente para a concretização dessa pesquisa.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Formação Docente e Práticas Educativas – PPGFOPRED, UFMA – Imperatriz pela acolhida, atenção, dedicação e serenidade nas aulas ministradas.

Às professoras que gentilmente aceitaram o convite para participar da minha banca de defesa de dissertação, Solange Aparecida do Nascimento e Heridan de Jesus Guterres Pavão Ferreira, mulheres negras potentes.

A essa grande mulher negra, minha orientadora, professora Dr^a Herli de Sousa Carvalho, pelos conselhos acadêmicos para eu superar os desafios, por ter aceito seguir comigo na construção desta pesquisa, com sua recomendação de sempre: “Escute!”.

Zumbi morreu na guerra
Eterno ele será
Se negro está lutando
Zumbi presente está
Herói cheio de glórias
Eterno ele será
A sombra da gameleira
A mais frondosa que há
Seus olhos hoje são lua
Sol
Estrelas a brilhar
Seus braços troncos de árvore
Sua fala é vento
É chuva
É trovão
É rio
É mar.
(Solano Trindade)

RESUMO

Autora: Maria Zilma Rodrigues Silva.

Título do trabalho: ATUAÇÃO DO CENTRO DE CULTURA NEGRA – NEGRO COSME (CCN - NC) NA CIDADE DE IMPERATRIZ - MARANHÃO.

Linha de Pesquisa: Pluriculturalidade, Interculturalidade e Práticas Educativas Interdisciplinares

O título desta pesquisa é “Atuação do Centro de Cultura Negra – Negro Cosme (CCN-NC) na cidade de Imperatriz – Maranhão”, o objetivo central da pesquisa é conhecer a História desta entidade da sociedade civil sem fins lucrativos que desenvolve ações voltadas para negros e negras em diversos espaços da sociedade com o propósito de combater o racismo. Desse modo, esse estudo traz como questões norteadoras: 1 Qual a contribuição do Movimento Negro na minha vida e formação acadêmica? Trata-se da minha história de vida, meu processo de construção como pesquisadora e militante do Movimento Negro. 2 Qual o panorama histórico do Movimento Negro brasileiro? Se refere há como se formaram a resistência negra antes da Abolição da escravatura, a formação e as fases do Movimento Negro no Brasil e o Movimento Negro no Maranhão. 3 Como o Centro de Cultura Negra-Negro Cosme (CCN-NC) atua na cidade de Imperatriz- Maranhão? Diz respeito as atividades desenvolvidas pelo Centro de Cultura Negra-Negro Cosme ao longo da sua existência e os desafios para continuar com esse trabalho de combate à discriminação racial. Em que a busca inicial foi traçar os objetivos: identificar a contribuição do Movimento Negro na minha vida e formação acadêmica; posteriormente analisar o panorama histórico do Movimento Negro brasileiro, e, por último, descrever como o Centro de Cultura Negra - Negro Cosme (CCN - NC) atua na cidade de Imperatriz- Maranhão. Para isso, nossa pesquisa está embasada nas contribuições de Nascimento (1978); Nascimento (2006); Almeida (2018); Gonzalez (1984); Santos (1984); Gomes (2012), Ribeiro (2019), Kilomba (2019), dentre outros/as autores/as e diversas obras correspondentes à nossa proposta. Para a efetivação do trabalho o caminho metodológico escolhido foi a partir da Pesquisa Autobiográfica em Educação trazendo nossa História de vida de pesquisadora, e também por meio da pesquisa documental em fontes orais, escrita e audiovisual como o Programa Prosa de Pret@, Estatuto do CCN - NC, Regimento da Editora Balaiada, documentos diversos de coleta de informação. A abordagem qualitativa centrada na dinâmica das relações sociais que busca compreender comportamentos com enfoque decolonial ou seja, na busca de uma descolonização do saber, visto que a maneira como a colonização da América e Brasil foram feitas deixaram marcas profundas que refletem no comportamento, no pensamento e na educação, e, tendo no Brasil a imposição eurocêntrica que silencia o povo negro no modo de produzir conhecimento, a dominação do pensamento colonial reflete até a atualidade. A relevância da pesquisa é social, pois está centrada na perspectiva de transformação na sociedade, na forma de organizar o saber, levando em consideração diversas vozes e aprendizagens. Nesta perspectiva buscamos descrever o que é o CCN - NC, uma entidade que desenvolve atividades de forma voluntária e que tem contribuído com o povo negro na sociedade imperatrizense. Como produto desta pesquisa apresentamos uma Cartilha Informativa da atuação do Centro de Cultura Negra - Negro Cosme, visando com isso, contribuir para que mais pessoas, estudantes, professores/as e a comunidade em geral conheçam como o Centro de Cultura Negra - Negro Cosme tem trabalhado nos últimos vinte anos para combater o racismo.

Palavras-chave: Movimento Negro. Centro de Cultura Negra - Negro Cosme. Racismo.

ABSTRACT

Author: Maria Zilma Rodrigues Silva.

Title: ACTIONS OF THE BLACK CULTURE CENTER - NEGRO COSME (CCN-NC) IN THE CITY OF IMPERATRIZ, MARANHÃO.

Research line: Pluriculturality, Interculturality and Interdisciplinary Educational Practices.

The title of this research is Actions of the Black Culture Center - Negro Cosme (CCN-NC) in the City of Imperatriz, Maranhão. Our aim is to know the history of this non-profit civil society entity, which develops actions aimed at raising awareness and citizenship of black men and women in different spaces of society with the purpose of combating racism. Thus, this study brings the following guiding questions: What is the contribution of the Black Movement in my life and in my academic training? It is about my life story, my construction process as a researcher of the Black Movement. What is the historical panorama of the Brazilian Black Movement? It refers to how the black resistance was formed before the abolition of slavery, the formation and phases of the Black Movement in Brazil and in Maranhão. How does the Black Culture Center - Negro Cosme (CCN - NC) function in the city of Imperatriz, Maranhão? Regarding the activities developed by the Black Culture Center - Negro Cosme throughout its existence and the challenges to continue with this work to combat racial discrimination, where the initial search was to identify the contribution of the Black Movement in my life and in my academic training; then, to analyze the historical panorama of the Brazilian Black Movement; and finally, to describe how the Black Culture Center - Negro Cosme (CCN-NC) operates in the city of Imperatriz, Maranhão. To that effect, our research is based on the contributions of Nascimento (1978); Nascimento (2006); Almeida (2018); Gonzalez (1984); Santos (1984); Gomes (2012), Ribeiro (2019), Kilomba (2019), among other authors and several works corresponding to our proposal. To achieve our results, the chosen methodological path was the autobiographical research history of the researcher's life, and also through documentary research in oral, written and audiovisual sources such as the Prosa de Pret@ Program, Statute, Regiment of the Balaiada Publisher, various types of documents for information collection. The qualitative approach focused on the dynamics of social relations, seeking to understand behaviors with a decolonial focus, that is, in the search for a decolonization of knowledge, since the way in which the colonization of America and Brazil was carried out left deep marks that reflect on behavior, in thought and education, given that in Brazil the Eurocentric imposition silences black people in their ways of producing knowledge, the domination of colonial thought reflects to the present day. The relevance of this research is social, as it is centered on the perspective of transformation in society, in the way of organizing knowledge, taking into account different voices and learning processes. From this perspective, we seek to describe what the CCN-NC is, an entity that develops activities on a voluntary basis and that has contributed to the black people in the society of Imperatriz. As a product of this research, we present an informative booklet on the performance of the Black Culture Center - Negro Cosme, aiming with this to contribute so that more people, black people, students, teachers and the community in general learn how the Black Culture Center – Negro Cosme has been functioning in the last twenty years to fight racism.

Keywords: Black Movement. Black Culture Center – Negro Cosme. Racism.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Curricular Comum
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCN-NC	Centro de Cultura Negra - Negro Cosme
CCSST	Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia
CEIRI	Coordenação da Igualdade Racial de Imperatriz
CESI	Centro de Estudos Superiores de Imperatriz
CCN-MA	Centro de Cultura Negra do Maranhão
CPATHT	Centro de Pesquisa em Arqueologia e História Timbira
Dr.	Doutor
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FNB	Frente Negra Brasileira
GEDUC	Grupo de Atuação Especial de Educação
MNU	Movimento Negro Unificado
MMN	Movimento de Mulheres Negras
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
NEAI	Núcleo de Estudos Africanos e Indígenas
ONU	Organização das Nações Unidas
Pe.	Padre
PJ	Pastoral da Juventude
PT	Partido dos Trabalhadores
PPGFOPRED	Programa Profissional de Pós-Graduação em Formação Docente em Práticas Educativas
RCC	Renovação Carismática Católica
SALIMP	Salão do Livro de Imperatriz
TEN	Teatro Experimental do Negro
UEMA	Universidade Estadual do Maranhão
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFPI	Universidade Federal do Piauí

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – O MOVIMENTO NEGRO NA MINHA VIDA E FORMAÇÃO ACADÊMICA.....	20
1.1 Meus caminhos: identidade e memória	23
1.2 Em busca das raízes: uma viagem ao ano de 1818.	29
1.3 Conhecendo mais da cultura afrodescendente como estudante	36
CAPÍTULO 2 – PANORAMA HISTÓRICO DO MOVIMENTO NEGRO BRASILEIRO	42
2.1 Resistência negra antes da Abolição escravagista em 1888.	43
2.2 Fases do Movimento Negro no Brasil	48
2.3 Movimento Negro no Maranhão.	60
CAPÍTULO 3 – ATUAÇÃO DO CENTRO DE CULTURA NEGRA - NEGRO COSME (CCN - NC) NA CIDADE DE IMPERATRIZ - MARANHÃO	67
3.1 As categorias trabalhadas pelo CCN - NCC	70
3.2 Cartilha Informativa sobre a atuação do Centro de Cultura Negra - Negro Cosme (CCN - NC) na cidade de Imperatriz – MA	125
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	127
REFERÊNCIAS	132

INTRODUÇÃO

A temática “A Atuação do Centro de Cultura Negra – Negro Cosme (CCN - NC), na cidade de Imperatriz – Maranhão”, que intitula esta pesquisa teve como objetivo conhecer a História desta entidade da sociedade civil sem fins lucrativos que desenvolve ações voltadas para as pessoas negras, em diversos espaços da sociedade, com o propósito de combater o racismo, sua história, organização e formas de ação. Entendemos que o CCN - NC é uma entidade que se caracteriza por engajamento em causas e projetos de impacto na sociedade que venham favorecer o povo negro, na perspectiva de diminuir o preconceito e a discriminação racial. Estimula, neste sentido, a consecução de atividades, realizadas de forma voluntária, em favor da população negra. Destacamos que, no cenário brasileiro, mais especificadamente no Maranhão e em Imperatriz, ocorrem constantemente situações de humilhações e agressões contra as populações negras. Neste contexto, entendemos ser necessário romper com a estrutura de marginalização de negros/as na sociedade, o que somente é possível através de mobilização organizada, ou seja, quando pessoas negras se juntam, debatem e buscam soluções para solucionar seus problemas, entre eles, o racismo e a discriminação. Deste modo, o combate ao racismo foi um dos motivos que levaram à escolha da temática ora apresentada.

Destacamos que desde a implantação do sistema escravocrata brasileiro, por volta de 1530, o povo negro buscou formas de resistência, que se deram inicialmente, através de rebeliões, em busca de liberdade que se constituiu como uma das primeiras formas de luta empreendida pelas pessoas negras trazidas à força de África. Na busca por seus direitos, as tentativas de livrar-se da escravidão a que estavam submetidos, constituíram-se maneiras de resistência, dando assim, origem aos quilombos. Essas lutas iniciais e clandestinas fizeram parte de uma primeira forma de organização dos povos negros, ocorridas no primeiro período da História do negro, em terras brasileiras. Os quilombos são, pois, referências para o Movimento Negro que se formaram, após a assinatura da lei Áurea, a qual encerrou o período do escravismo, porém não encerrou as desigualdades sociais, injustiças e discriminação da população negra. Sendo assim, os quilombos se constituem o principal símbolo da luta contra o escravismo no Brasil, destacando-se entre eles, o Quilombo de Palmares, localizado na Serra da Barriga e o de Lagoa Amarela, no Maranhão, verdadeiros exemplos de organização de resistência, contra o poder dominante.

Após a Lei Áurea, em 1888, veio um segundo período pós-Abolição, de organização das populações negras. É neste período que surgem organizações negras com outras pautas; nesses primeiros anos de república, o foco das lutas ocorreu por meios de jornais e periódicos,

como forma de informar as populações negras e também fazer denúncias. Diante do exposto e com o avanço na pesquisa percebemos que o Movimento Negro brasileiro, não é único; são vários espalhados por esse imenso Brasil que não é homogêneo, mas diverso e plural. Porém, desde seu início tem buscado potencializar seus esforços em mobilizações, pautadas por objetivos de defesa da causa negra, atuando de várias formas.

Sua História de luta, enquanto organização negra, vem de longa data, desde a primeira República, no final do século XIX. Inicialmente, começou com a fundação de periódicos, como: “A Pátria, em São Paulo”, no ano de 1889; “O Exemplo”, em Porto Alegre, em 1892. No século XX, surgem outras formas de se organizar, por meio da fundação de jornais como, “O Alfinete”, em 1918, “O Clarim d’Alvorada”, em 1924; destacamos ainda, a criação da “Frente Negra Brasileira (FNB)”, em São Paulo, em 1931, a fundação da “União dos Homens de Cor (UHC)”, em Porto Alegre, em 1943 e a criação do “Teatro Experimental do Negro (TEN)”, no Rio de Janeiro, em 1944. Esta foi a trajetória do início das organizações negras, no Brasil.

No Maranhão, o Movimento Negro teve início em sua terceira fase, ou seja, a partir do processo de redemocratização da República. O Centro de Cultura Negra do Maranhão (CCN - MA) foi fundado em 1979, e em Imperatriz, as mobilizações tiveram seu início em 1990, dois anos após a Constituição Federal de 1988. Inicialmente, o grupo se reunia para estudar sobre questões étnico raciais; o movimento foi crescendo, juntando mais pessoas, ganhando forças, até sua fundação, em 27 de março de 2002, um ano de muitas mobilizações populares, em que o resultado foi o *impeachment* do então Presidente da República, Fernando Collor de Melo, após muitas denúncias de corrupção.

Considerando o contexto histórico do movimento negro brasileiro e a partir do entendimento de que o povo negro vivencia cotidianamente, situações de violência, preconceito, desrespeito a sua cultura, religiosidade e discriminação racial, esta pesquisa se propõe a descrever como o Centro de Cultura Negra Negro - Cosme (CCN - NC) promove a consciência e cidadania de negros e negras, na cidade de Imperatriz - Maranhão. É nesta perspectiva de combate ao racismo que buscamos conhecer a história do Centro de Cultura Negra - Negro Cosme (CCN - NC), localizado na cidade de Imperatriz, no estado do Maranhão e as lutas realizadas pela instituição da sociedade civil, fundada em 2002. O CCN - NC é fruto de articulações iniciadas ainda na década de 1990, por um grupo de professoras e professores, dentro da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) que sentiram a necessidade de criar uma entidade com o objetivo de combater as injustiças sofridas pela comunidade negra, na região.

A denominação Centro de Cultura Negra - Negro Cosme homenageia Bento das Chagas, um dos heróis da Balaiada, revolta popular, ocorrida no Maranhão, no período de 1838 a 1841, que contou com a adesão dos menos favorecidos, com o objetivo de lutar contra o governo provincial. Cosme era líder dos negros fugidos, que fundaram o Quilombo Lagoa Amarela, na cidade de Chapadinha, no estado do Maranhão. Foi com essa inspiração de luta que o CCN - NC foi criado, sendo o Movimento Negro pioneiro da cidade de Imperatriz e referência de luta pelo fortalecimento da identidade negra e na defesa e inclusão da pessoa negra em diversos espaços da sociedade, como também, no mercado de trabalho e na escola.

Comecei a me interessar pela temática do Movimento Negro, quando ingressei, em 2011, na graduação de História, passando a ter acesso a conhecimentos, acerca da História da África e do povo negro, que até então ignorava, como participante de estudos e pesquisas, no Núcleo de Estudos Africanos e Indígenas (NEAI), no Centro de Estudos Superiores - Universidade Estadual do Maranhão (CESI-UEMA). Neste período passei a conhecer melhor a História do povo negro, do Continente Africano e da escravidão a que o povo negro foi submetido, no Ocidente (Europa e América) e, principalmente no Brasil. Durante esse tempo passei a acompanhar, com um olhar mais atento, os fatos e acontecimentos que envolviam a população negra narrado pela televisão (TV) e também, pelas mídias sociais; acompanhava assim, as ações desenvolvidas pelo Centro de Cultura Negra - Negro Cosme, em Imperatriz.

A investigação por mim desenvolvida, a respeito do Centro de Cultura Negra – Negro Cosme (CCN-NC), em seu trabalho de promoção da consciência e cidadania negra, na cidade de Imperatriz – Maranhão, tem o objetivo de conhecer a história desta entidade que vem trabalhando, nos últimos vinte anos, no combate ao racismo. A ideia da pesquisa sobre o Movimento Negro organizado, surgiu a partir de algumas constatações, primeiramente de que mesmo após muitos anos, desde o fim da escravidão, o racismo, o preconceito e a discriminação não foram rompidos e, continuam, ainda presentes na sociedade de forma implícita ou explícita.

Além disso, durante a experiência docente como professora de História nos anos finais do Ensino Fundamental, entre 2015 e 2016, assim como, na Educação de Jovens e Adultos (EJA), de 2019 a fevereiro de 2021, na rede municipal de educação, na cidade de Imperatriz, Maranhão, pude observar que o ensino sobre as questões relacionadas aos negros/as como, a aplicação da Lei nº10.639/2003, era trabalhada de forma superficial, e apenas em datas comemorativas, como o 13 de maio, dia da Abolição da Escravidão, assinada pela princesa Isabel, e o 20 de novembro, Dia da Consciência Negra, data escolhida em homenagem a Zumbi, reconhecido pelo povo negro, como um dos grandes guerreiros, que lutou até a morte por liberdade. Zumbi foi o líder do Quilombo dos Palmares. Assim, quando surgiu a possibilidade

de acesso ao Mestrado Profissional em Formação Docente em Práticas Educativas, o Centro de Cultura Negra-Negro Cosme, logo veio a meu pensamento e foi assim que teve início a pesquisa sobre o tema, em razão de tratar-se de um assunto que há algum tempo buscava compreender, saber quando e como foi o surgimento, pautas, conquistas e reivindicações.

Assim, nossa pesquisa busca conhecer o Centro de Cultura negra Negro - Cosme e sua luta pela construção de uma sociedade, sem discriminação racial. Tem como propósito entender como o CCN-NC atua e formação do povo negro, para o exercício da plena cidadania. No tocante à educação, cultura, identidade negra e as práticas de combate ao preconceito e à discriminação racial.

Sendo assim, para embasamento da pesquisa procuramos aperfeiçoar o conhecimento através de leituras de trabalhos científicos, teses e dissertações, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a partir da pesquisa denominada Estado da Arte em Educação, onde a busca foi por produções que abordassem estudos relacionados à atuação do Movimento Negro no Brasil e onde os títulos se assemelhassem ao nosso objeto de pesquisa, o Centro de Cultura Negra Negro Cosme – CCN-NC. As buscas na plataforma CAPES ocorreram em março de 2021, tendo o recorte temporal enfatizado as produções científicas publicadas no período de 2015 a 2020. A busca teve como resultado a produção de um capítulo, no livro Estado da Arte em Educação, onde cada capítulo foi desenvolvido por um dos/as mestrandos/as do Programa Profissional de Pós-Graduação em Formação Docente em Práticas Educativas – PPGFOPRED. O capítulo traz como título: “A atuação do Movimento Negro no Brasil no período de 2015 a 2020”.

Foram feitas análises de doze trabalhos sendo, oito de mestrado e quatro de doutorado, com o intuito de compreender o que a academia está produzindo a respeito do povo negro, na contemporaneidade, conhecendo por meio dessas pesquisas as ações, mobilizações e as pautas de reivindicações do Movimento Negro brasileiro. Ao longo da pesquisa, foram observados, o título, o resumo, as palavras-chave, objetivos, autores e conclusões.

Percebemos, com isso, que essas pesquisas tinham como ponto em comum a luta por reconhecimento, o debate sobre classe e raça, ações pedagógicas antirracistas, como também, ações de combate à discriminação racial, resgate da História e das atividades do Movimento Negro, a contribuição do uso das fontes, para a revelação de como alguns acontecimentos foram reforçados, enquanto outros foram apagados. Dentre os trabalhos pesquisados, à guisa de citarmos alguns, destacamos: Alves (2015); Chagas (2017); Custodio (2017); Jesus (2015); Sales (2015); Santos (2015); Santos (2016); Santos (2015); Silva (2018); Silva (2017); Silveira (2018); Sotero (2015). A produção do capítulo do livro foi para mim, uma realização como

pesquisadora. A pesquisa na plataforma ocorrerá em março de 2021, sendo as buscas fundamentais, para auxiliar os estudos e aprofundar o conhecimento sobre as questões que envolvem o povo negro e seus embates por justiça.

Essas pesquisas denominadas de Estado da Arte em Educação, seguem alguns critérios, tratando-se de uma revisão bibliográfica, onde esta pesquisadora escolheu o marco temporal, o tema e o que seria observado, nas produções, para a partir de então, obter como resultado do estudo, o aprofundamento do assunto, a respeito da nossa temática, escrevendo o capítulo do livro: Estado da Arte em Educação.

Outras formas de aprofundar nosso conhecimento nessa jornada como pesquisadora foram o contato com disciplinas, conteúdos trabalhados e leituras, indicadas pelos professores e professoras de Fundamentos Metodológicos da Pesquisa, Currículo Cultura e Práticas Interdisciplinares, Saberes Docentes e as Práticas pedagógicas, Educação Intercultural e Práticas Educativas Interdisciplinares. Participamos de eventos e palestras que abordavam saberes sobre as práticas antirracistas, como o I Colóquio da Linha de Pesquisa Pluriculturalidade, Interculturalidade e Práticas Educativas Interdisciplinares, com o tema: “Educação Intercultural e Práticas Decoloniais na Educação Básica”.

As perguntas que nortearam nossa pesquisa tiveram como norte minha história de vida, meu processo de construção como pesquisadora do Movimento Negro e a maneira como as organizações negras se mobilizaram, ao longo do tempo, pontuando acerca da trajetória, percorrida pela entidade: Qual a contribuição do Movimento negro na minha vida e formação acadêmica? Qual o panorama histórico do Movimento Negro brasileiro? Como o Centro de cultura Negra-Negro Cosme (CCN-NC) atua na cidade de Imperatriz- Maranhão? De que forma a entidade tem se organizado ao longo de sua existência em defesa da causa de negros e negras? Essas perguntas foram o norte que guiou esta pesquisa, a partir das respostas a essas questões, por meio de aprofundamento dos estudos relacionados ao nosso tema e através do Programa Prosa de Pret@ que serviram de base para a produção deste trabalho.

A relevância do estudo se dá em uma perspectiva social buscando contribuir para que estudantes, profissionais da educação, negros, negras e a comunidade, de modo geral conheçam como atua o Centro de Cultura Negra-Negro Cosme. Visamos com isto, atingir os seguintes objetivos: identificar a contribuição do Movimento Negro na minha vida e formação acadêmica; analisar o panorama histórico do Movimento negro brasileiro; descrever como o CCN - NC atua na cidade de Imperatriz- Maranhão. Descrever as atividades desenvolvidas pelo CCN - NC ao longo da sua existência e os desafios para continuar com esse trabalho de combate ao racismo.

Para a fundamentação teórica desta pesquisa, nos amparamos ainda, nas contribuições de Abdias Nascimento (1978); Nascimento (2006); Almeida (2018); Gonzalez (1984); Santos (1984); Gomes (2012); Josso (2010); Kilomba (2019); Ribeiro (2019); Munanga (2003); Sodré (1988), dentre outros/as. E, destacamos que a fundamentação teórica é uma parte fundamental na pesquisa. Assim, a escolha foi por autores militantes, ativistas, escritores que se dedicaram em defesa dos direitos do povo negro e contribuíram na História do Movimento Negro no Brasil, primeiro porque a voz que ecoa nesta pesquisa é a voz dos negros e negras brasileiras, os quais contribuíram, com obras relacionadas ao meu tema e principalmente por escrever com propriedade, acerca dos assuntos trabalhados neste estudo, tais como: escravidão, quilombo, movimentos negros, identidade, raça, racismo estrutural. Ou seja, tomamos como referencial teórico aqueles que escreveram suas obras, apontando as opressões e violências sofridas pelo povo negro, ao longo da história brasileira, suas lutas, conquistas e pautas de reivindicações. Segundo, por fortalecer o meu conhecimento sobre a temática.

Para a metodologia utilizamos a Pesquisa (Auto)biográfica em Educação pautada na investigação qualitativa das histórias de vida dos grupos humanos e de sua leitura de mundo. Tais narrativas têm relevância por dar visibilidade e voz àqueles e àquelas que vivem os fatos, sofrem as opressões, apresentam seus sentimentos, percepções e contribuições, na sociedade. Assim, conhecermos a versão dos acontecimentos, pelo testemunho de quem vive, é completamente diferente da contada por quem está do outro lado.

Adotamos também a pesquisa documental trazendo a análise documental, a partir da concepção de documento da Escola dos *Annales* conforme Leduc *et al* (1994 *apud* CELLARD, 2008, p. 296), os quais preconizam que a pesquisa documental é pertinente por ser realizada através de várias fontes, como, atas, estatuto diversos de coleta informações que podem ser feitas da forma oral, escrita ou visual. Facilita a compreensão dos fenômenos sociais e o desenvolvimento da pesquisa. Porém é necessário elaborar as ações com base nos objetivos pretendidos, organizar um plano de trabalho, fazer o levantamento de quais fontes estão sendo utilizadas, nessa pesquisa, destacando-se a escrita e o audiovisual.

Tivemos como propósito efetivar um trabalho articulado à abordagem qualitativa, como dispõe Santos Filho (2013, p. 43), em uma abordagem que aprofunda aspectos do comportamento humano, sendo uma maneira de conhecer, entender e explicar determinados fatos, imergindo assim, na temática sobre o Movimento Negro.

O método por nós utilizado foi o qualitativo, na perspectiva de Minayo (2013, p.57) que dispõe que sua relevância está em aprofundar conhecimentos, características, contextos, interpretações individuais, lutas e vivências que os sujeitos fazem de si mesmos. Esse método

se relaciona à pesquisa ora apresentada, à medida que os participantes contribuíram com representações, percepções e vivências, realizadas por meio de entrevistas concedidas ao Programa Prosa de Pret@.

Para conhecer o Centro de Cultura Negra- Negro Cosme, inicialmente tinha pensado em fazer um número de entrevistas a um total de 5 militantes, sendo duas professoras fundadoras, militantes e ex-presidentas do CCN - NC, o primeiro presidente do CCN - NC que é também ex-vereador de Imperatriz, autor do projeto Semana Municipal da Consciência Negra, aprovado em 2000; um jovem ator, jornalista, militante ativo; e uma professora, ex-presidenta do CCN - NC, por dois mandatos. Todavia, com o andamento da pesquisa, quando realizei a entrevista com uma das ex-presidenta do CCN-NC, surgiu a oportunidade de coletar as informações através do Programa Prosa de Pret@, vendo ali, a oportunidade de apreender mais dados para esta pesquisa. Minha opção pelo Programa se deu então, por este se constituir em dez entrevistas, com dez temas diferentes, tendo como protagonistas militantes e não militantes do Centro. Os temas abordados estavam relacionados ao trabalho realizado pela entidade, tais como, palestras, formação continuada de docentes, e outros, necessários ao embasamento de nosso estudo.

Os programas foram exibidos no canal YouTube e, considerando que em cada episódio era discutido um tema, os passos para a coleta dos dados foram assistir os episódios, realizando, em seguida, sua transcrição, para posterior análise de informações. Outra forma encontrada para conhecer o CCN - NC foi através da participação em reuniões e eventos promovidos pela entidade, como por exemplo, a Semana da Consciência Negra, realizadas no ano de 2020 e 2021, cujos pontos principais foram anotados em um caderno de registro. O intuito do procedimento foi a apropriação e explicitação do material, a partir do tema abordado, visando obter mais conhecimentos do mesmo.

Além disso, pesquisamos em materiais próprios do acervo do CCN - NC, encontrados na mídia digital e nos arquivos guardados na sede. Ratificamos assim, que tais procedimentos foram pertinentes, para conhecer o Centro de Cultura Negra-Negro Cosme CCN - NC nos diversos espaços da sociedade imperatrizense, bem como suas práticas educativas de enfrentamento e combate ao racismo.

Assim, para o desenvolvimento desta dissertação, organizamos o estudo em 3 capítulos. O primeiro capítulo discorre sobre o Movimento Negro na minha vida e formação acadêmica, trazendo a história de vida desta pesquisadora, na qual as narrativas se referem a fatos que ocorreram a partir de meu nascimento, sonhos, frustrações e desafios enfrentados até a graduação; destaca ainda, minha atuação como docente, até o encontro com o objeto de

pesquisa, ou seja, com o Centro de Cultura Negra - Negro Cosme. Para tanto, o procedimento adotado foi a pesquisa Autobiográfica em Educação, uma forma de pesquisar onde o sujeito desvela (expõe) para si e se revela para os outros com uma história cheia de significações, escrita em primeira pessoa do singular, sendo que esta é a primeira vez que escrevo assim, considerando que esta é muito significativa pelo protagonismo, ao mesmo tempo tem como objetivo romper com as barreiras visíveis e invisíveis da discriminação racial.

O segundo capítulo está organizado, em uma perspectiva em que traz um Panorama histórico e as fases do Movimento Negro brasileiro, abordando o significado do termo Movimento Negro, seu desenvolvimento, fases e atuação no Brasil, ao longo da História. Discutiremos antes a importância do Quilombo na luta por liberdade, os desafios após a Abolição jurídica em 1888 e as mudanças ocorridas após a ditadura militar, no período de redemocratização, onde as pautas de reivindicação dizem respeito ao enfrentamento ao racismo estrutural, ao preconceito e discriminação racial, assim como, a respeito do valor da educação, como estratégia de luta, em favor da justiça social.

O terceiro capítulo teve como abordagem a atuação do Centro de Cultura Negra-Negro Cosme, na cidade de Imperatriz, enfatizando suas contribuições para a cidade, em relação à luta contra o racismo e defesa do povo negro, trazendo a palavra dos militantes, opiniões e sentimentos, sendo tecidas, a seguir, a conclusão, a partir das inferências realizadas, no decorrer da pesquisa.

A partir das reflexões geradas, após as etapas explicitadas, desenvolvemos como produto uma Cartilha Informativa sobre o CCN - NC e suas ações na luta contra o racismo, tendo como propósito dar maior visibilidade às atividades ali desempenhadas, para que, com isso, mais pessoas se interessem e conheçam o trabalho realizado pela entidade, de forma a fortalecer o Movimento, a partir das discussões, pautas e reivindicações bem como de suas atividades e práticas educativas antirracistas. Assim, a Cartilha traz informações a respeito da história do CCN - NC; das atividades desenvolvidas; dos locais onde desenvolve seu trabalho; quem são os participantes; como o CCN - NC contribui para combater o racismo em Imperatriz, quem são seus parceiros, tendo como público alvo a comunidade estudantil, docentes, defensores da causa negra e a comunidade em geral.

Esta pesquisa tem relevância social visto que o Movimento Negro contribui para o entendimento de questões antes ignoradas, como a de que as pessoas negras não são escravas, mas foram escravizadas em razão de diferentes fatores, tais como, ganância, egoísmo e desumanidade, me comprometendo com práticas antirracistas que não reproduzam discursos preconceituosos. Entre seus aspectos positivos destacamos a contribuição, nas atividades

docentes, a partir do aprofundamento das leituras e das aprendizagens de práticas educativas antirracistas. As contribuições deste estudo, na vida social, são significativas porque conhecendo a história, observando os comportamentos da sociedade e as formas de luta, empreendidas pelo povo negro, ao longo do tempo, pudemos antever o quanto a chamada democracia racial pode ser uma falácia, não correspondendo à realidade do povo negro.

Portanto, esses foram os passos empreendidos, em busca da apropriação da pesquisa sobre a temática do Movimento Negro, sua formação, inspiração e as lutas empreendidas, ao longo da história por reconhecimento, fortalecimento da identidade negra e das ações desenvolvidas contra o preconceito, a discriminação racial e a busca por justiça social.

CAPÍTULO 1 - O MOVIMENTO NEGRO NA MINHA VIDA E FORMAÇÃO ACADÊMICA

I HAVE A DREAM (EU TENHO UM SONHO)

Eu digo a você hoje, meus amigos, que embora nós enfrentemos as dificuldades de hoje e amanhã. Eu ainda tenho um sonho. É um sonho profundamente enraizado no sonho americano. Eu tenho um sonho que um dia esta nação se levantará e viverá o verdadeiro significado de sua crença - nós celebraremos estas verdades e elas serão claras para todos, que os homens são criados iguais. Eu tenho um sonho que um dia nas colinas vermelhas da Geórgia os filhos dos descendentes de escravos e os filhos dos desdentes dos donos de escravos poderão se sentar junto à mesa da fraternidade. Eu tenho um sonho que um dia, até mesmo no estado de Mississippi, um estado que transpira com o calor da injustiça, que transpira com o calor de opressão, será transformado em um oásis de liberdade e justiça. Eu tenho um sonho que minhas quatro pequenas crianças vão um dia viver em uma nação onde elas não serão julgadas pela cor da pele, mas pelo conteúdo de seu caráter. Eu tenho um sonho hoje! Eu tenho um sonho que um dia, no Alabama, com seus racistas malignos, com seu governador que tem os lábios gotejando palavras de intervenção e negação; nesse justo dia no Alabama, meninos negros e meninas negras poderão unir as mãos com meninos brancos e meninas brancas, como irmãs e irmãos. Eu tenho um sonho hoje! Eu tenho um sonho que um dia todo vale será exaltado, e todas as colinas e montanhas virão abaixo, os lugares ásperos serão aplainados e os lugares tortuosos serão endireitados e a glória do Senhor será revelada e toda a carne estará junta [...] (Discurso de Martin Luther King Jr. em 28/08/1963).

O presente capítulo apresenta uma abordagem sobre o Movimento Negro¹ na minha vida e formação acadêmica. Trata-se da história de vida desta pesquisadora. Portanto, autobiográfico² começo essa escrita com a narrativa sobre meus caminhos: identidade e memórias, em busca das minhas raízes e, para finalizar o capítulo, faço uma explanação sobre minhas aprendizagens acerca da cultura afrodescendente. Ou seja, descreve meu percurso histórico a partir da minha origem, nascimento, família, sonhos, lutas, formação acadêmica até meu encontro com o Movimento Negro. Para começo da narrativa, sobre meu percurso, trago como reflexão, o discurso de Martin Luther King³, proferido em 28 de agosto de 1963, em Washington DC, nos Estados Unidos.

¹ Movimento negro é a luta dos negros, na perspectiva de resolver seus problemas na sociedade abrangente, em particular os provenientes dos preconceitos e das discriminações raciais, que os marginalizam, no mercado de trabalho, no sistema educacional, político, social e cultural. Domingues, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo* [online]. 2007, v. 12, n. 23 [Acessado 12 Agosto 2022], pp. 100-122. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-77042007000200007>>.

² Autobiografia diz respeito à exposição da própria história, pelo autor, em primeira pessoa, contando sobre si e coisas que aconteceram em sua vida. *Significado de autobiografia*. Acesso em: 25/07/2022 <https://www.dicionarioinformal.com.br/autobiografia/>

³ Martin Luther King (1929-1968) foi um ativista norte-americano que lutou contra a discriminação racial e tornou-se um dos mais importantes líderes dos movimentos pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1964. Martin Luther King nasceu em Atlanta, Geórgia, Estados Unidos, no dia 15 de janeiro de 1929.

I have a dream discorre sobre o sonho de um mundo melhor, de liberdade, justiça, respeito e igualdade entre negros/as e brancos/as. Martin Luther King, lutou contra a discriminação racial, tornando-se um dos maiores líderes do Movimento, em prol dos direitos civis dos negros. Uma inspiração para todos e todas que defendem o valor da liberdade, da justiça e igualdade, entre todos os povos.

Assim sou eu, trazendo os caminhos do passado que constituem minha memória e identidade, buscando diariamente aprender, de forma consciente e com o sonho não fantasioso, mas real, de unir forças com outras pessoas, na luta por justiça social, ação política, educação e respeito às diferenças. Compartilho do mesmo desejo do militante negro Januário Garcia⁴ de “acabar com a tristeza, com a pobreza e o *apartheid*, não fazer da humanidade, a metade da metade, parte branca e parte negra” (GARCIA, 2008, p. 9). Sigo com o sonho de abolir esta herança de discriminar o semelhante, em razão da cor de sua pele, por meio dos conhecimentos advindos do Movimento Negro, aliado à Educação, pois, considero que somente através da educação inclusiva nos tornamos pessoas conscientes, emancipadas, capazes de intervir na sociedade, exigindo as transformações que possam garantir dignidade, respeito e a plena cidadania, independentemente da cor da pele.

Diante disso, destaco que a resistência não é somente se opor ao sistema vigente, mas lutar pela desconstrução de uma ideologia que cerceia o direito e a liberdade dos povos negros, em reescrever sua história, ressignificando e assumindo também, uma posição política. Destaco assim, que desde minha tenra idade, nos caminhos por mim galgados, ouvi, presenciei e vivenciei várias histórias da realidade do povo negro brasileiro. Aliada à busca incessante por conhecimento, formação acadêmica e profissional me moveram a vivenciar novas experiências, em uma outra fase da minha construção estudantil, na pesquisa com o Centro de Cultura Negra – Negro Cosme.

⁴ Januário Garcia se fez imprescindível ao apresentar imagens justas da gente negra, no Brasil. Ele soube registrar através de suas lentes a força de vida de seu povo e tem ensinado a gerações que o racismo é cruel, mas nossa humanidade é mais forte. Suas fotografias documentam nossa História recente e nos impulsionam a mobilizar memórias e vestígios de outros tempos, dando-nos a dimensão dos nossos passos que vêm de longe. Graças à generosidade de Januário Garcia e seu compromisso com as lutas negras pelo direito à História, a Rede de Historiadoras Negras e Historiadores Negros teve a honra de contar com um conjunto de suas fotografias na exposição virtual “1970-1980: Nacionalização do Dia da Consciência Negra no Brasil”, construída em parceria com o Geledés e o Acervo Cultne no Google Arts & Culture. Januário Garcia, aos 77 anos, era um homem, um fotógrafo, um pensador e um ativista cheio de vida e com muitos projetos a realizar. Nosso ressentimento e nosso lamento são profundos e irreparáveis. Perdemos um dos nossos maiores por força do descompromisso genocida do governo brasileiro, no enfrentamento à pandemia de Covid-19. Afinal, como ele mesmo nos ensinou: “Existe uma história do povo negro sem o Brasil; mas não existe uma história do Brasil sem o povo negro” – Januário Garcia (1943-2021). <https://www.geledes.org.br/januário-garcia/>

Assim, minhas memórias e identidades são formadas a partir das raízes ancestrais, do meu nascimento, dos caminhos percorridos, das experiências adquiridas no percurso, o que fazem de mim ser o que sou: uma mulher, nordestina, militante e estudante em formação.

Abolição
 Abolição
 Abolição
 A lição do meu Avô
 Que casou com minha Vó
 Que pariu a minha mãe
 E com meu pai fazendo amor
 Fez do prazer a flor da dor
 A beleza negra que eu sou
 Acabar com a tristeza
 Com a pobreza
 E o apartheid
 Não fazer da humanidade
 A metade da metade
 Parte branca
 E parte negra
 Abolição
 Abolição
 Abolição
 Abolir essa careta
 Que esconde a natureza
 E que me fez ser teu
 Irmão
 E a lição
 A lição do meu Avô
 Foi ser dono do meu ser
 Foi saber o que eu sou
 A lição da liberdade
 Da verdade de Zumbi
 Lá da Serra da Barriga
 Da barriga onde eu nasci
 Abolindo a velha intriga
 Guerreando para sorrir [...] (GARCIA, 2008, p. 9).

Ratifico que a escrita deste capítulo na primeira pessoa do singular, se dá a partir do entendimento de que nossas individualidades são partes das identidades construídas em bases sociais, compreendo também, que parte desta consciência identitária é pessoal porque resulta das experiências vivenciadas e repletas de um eu, em pleno desenvolvimento. Sobre essa forma e escrita, Kilomba⁵ (2019) diz: “Eu, como mulher negra, escrevo com palavras que descrevem minha realidade, não com palavras que descrevam a realidade de um erudito branco, pois

⁵ Grada Kilomba, nasceu em Lisboa, atua enquanto escritora, teórica, psicóloga e artista interdisciplinar. Pesquisa questões de gênero e pós-colonialidade na Universidade Humboldt em Berlim. <https://www.ufrg.br/artevera/gradakilomba-feridas-do-colonialismo-e-desobediencias-poeticas/>

escrevemos de lugares diferentes” (KILOMBA, 2019, p. 58/59). Como pontuado pela autora, falo de lugares diferentes e realidades diferentes.

Assim, os versos de Januário Garcia apresentam reflexões repletas dos significados que dou à minha existência de mulher, filha e irmã. Escolhi o poema/canção “Abolição! Abolição!” extraído do livro *25 Anos 1980 – 2005, Movimento Negro no Brasil*. Trata-se de um mergulho na história do Movimento Negro, nas angústias, sonhos e conquistas ocorridos neste recorte histórico, que me fortalece e inspira nos momentos de incertezas e desafios que se traduzem em ser dona do meu ser, saber quem eu sou, de onde vim e o que quero construir.

Expresso-me no intuito de conhecer a vida humana, daqueles/as que me antecederam, navegando por caminhos de descobertas e desafios. Expresso-me ainda, como mulher e estudante que sou do Movimento Negro, tendo como inspiração, referências e símbolos negros e negras que lutaram e lutam por uma sociedade mais humana e inclusiva, entre as pessoas e que ajudam nas minhas vivências. Neste sentido, minha formação acadêmica tem aprendizagens advindas da minha ancestralidade⁶, que trago para minhas práticas na sociedade. Assim sendo, para fundamentar a construção deste capítulo e melhor compreender a escrita autobiográfica, recorri às contribuições de: Silva Neto (1985); Kilomba (2019); Carrilho (2007); Carvalho (2016); Josso (2010); Delory Momberger (2014); Gomes (2005); Ribeiro (2017), dentre outros autores.

1.1 Meus caminhos: identidade e memórias

O trabalho de escrita desta história de vida da qual eu sou protagonista, traz alguns questionamentos, quanto ao meu modo de comportamento: Como tenho trabalhado os conhecimentos na minha jornada como estudante? De que forma tenho enfrentado os desafios que surgem durante a caminhada de aprendente? Trata-se de fazer uma reflexão, acerca das

⁶Ancestralidade, segundo a Mestre em Psicologia da Saúde, Gaby Oliveira, “ancestralidade é fonte de vida, sabedoria, identidade, pertencimento e criatividade; é o fio que tece passado, presente e futuro, formando uma teia de relações que conecta humanidades. É também a memória que transcende espaço e tempo, para recriar futuros possíveis e saudáveis.” <https://diaspora.black/blog/cultura/o-que-e-ancestralidade-e-o-que-ela-pode-nos-ensinar-sobre-nos-mesmos>

minhas memórias⁷ e identidades⁸, narrando algumas vivências ocorridas, das quais adquiri aprendizagens que contribuíram para o meu entendimento e conhecimento de mundo.

Desse modo, a narrativa do meu percurso autobiográfico permite um processo de construção e de posicionamento, diante de fatos e acontecimentos que ocorrem na nossa sociedade, assim como, o caminho por mim trilhado, o qual será sempre de um aprendizado, com objetivo de transformação. É com esse espírito de investigação do passado que impulsionou a conhecer o que significa identidade e memória e a partir desses conceitos é que almejo compreender a mim e ao mundo a minha volta; parto então, na busca pelas minhas raízes, pela minha ancestralidade. Nesta perspectiva, da escrita autobiográfica, Carrilho⁹ (2007, p. 23) afirma que:

Escrevo sobre a minha história, meu percurso de formação aí aprendo a melhor definir os meus limites, minhas fragilidades, meus medos, minhas forças, minhas competências, minhas aprendizagens. Enfim, descubro o poder formador da escrita autobiográfica (CARRILHO, 2007, p. 23).

De acordo com a autora, escrever sobre a história de vida é narrar o caminho que conduziu à formação e, ao fazer esse percurso, a pessoa aprende a melhor definir seus limites, fragilidade, medos, forças e competências. É este resultado que faz da narrativa autobiográfica um caminho grandioso na formação. Confirmando o que a autora disse sobre escrita autobiográfica, Carvalho¹⁰ (2016) em sua Tese de Doutorado “*No chão quilombola os rebentos narram suas percepções acerca da escola de infância da Comunidade Cajueiro I em Alcântara/MA*”, relata a narrativa da sua história de vida dizendo:

⁷ Memória (do latim *memoria*) é a faculdade psíquica através da qual se consegue reter e (re)lembrar o passado. A palavra também permite referir-se à lembrança/recordação que se tem de algo que já tenha ocorrido, e à exposição de fatos, dados ou motivos que dizem respeito a um determinado assunto. <https://conceito.de/memoria>

⁸ Identidade, Enfocando na raiz etimológica o termo se refere às características que são inerentes ao indivíduo, aquilo que permanece. Atualmente, se tem uma visão menos essencialista do termo e já se admite que também faz parte da identidade as características que se sobrepõem e permanecem mantendo um percurso existencial que prevê mudanças constantes.

<https://cultura,culturamix.com/curiosidades/o-conceito-de-identidade-na-sociologia>

⁹ Maria de Fátima Pinheiro Carrilho. Possui graduação em Pedagogia/Habilitação em Supervisão Escolar pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1987), mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2002) e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2007). Atualmente é professora titular do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em formação de professores e gestão educacional.

¹⁰ Herli de Sousa Carvalho é formada em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão, Mestra em História Social pela Universidade Severino Sombra, Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Doutora em Ciências da Educação pela Universidade Del Norte (UNINORTE), e, Doutoranda em Saúde Pública pela Universidade Americana de Assunção no Paraguai. Atualmente é professora do Curso de Pedagogia da UFMA e do Mestrado em Formação Docente em Práticas Educativas. Também é pesquisadora de Comunidades Quilombolas e representante da Coordenação do Pacto Educativo Global no Maranhão. Ex-Presidenta do Centro de Cultura Negra Cosme em Imperatriz.

As experiências que estou vivenciando entre leituras, escritas, perdas, doenças e solidão na concretização de escolhas e projetos profissionais que atravessam o magistério vem refazendo a minha constituição pessoal e profissional como professora-formadora-pesquisadora (CARVALHO, 2006, p. 36).

A autora relata a experiência vivenciada por ela, no processo de escrita autobiográfica, na qual refez sua constituição pessoal e profissional. De acordo com o que foi citado, fica entendido que escrever sobre a história de vida, o percurso da formação ajuda a entender quem somos, de onde viemos e para onde vamos. Neste sentido, Carvalho (2016) discorre ainda, que:

Procuo nesta escrita de minha trajetória como professora e formadora articular o campo da experiência prática com o campo teórico metodológico, de modo a evidenciar os vínculos construídos que me permitiram novas aprendizagens, habilidades, descobertas e percepção singular da constituição identitária em formação (CARVALHO, 2016, p. 36).

Aqui a autora destaca dois campos muito necessários, para ser uma professora formadora: a experiência prática, articulada à experiência teórico metodológica, articulação essa que demonstrará os vínculos construídos, as novas aprendizagens, percepção singular da constituição identitária, ou seja, como essa escrita desenvolve as habilidades cognitivas que permitem compreender o seu processo formador. Entendo assim, que a história de vida é um caminho que possibilita o desenvolvimento de habilidades cognitivas que me guiará para minha formação, enquanto pesquisadora. Considero, nessa direção que narrar nosso percurso e o que o permeia é rememorar o sentido de nossa ação, no mundo, compartilhando das ideias de Araújo¹¹ (2019), em seu livro “Alegres na esperança” destaca:

Do nascer ao pôr do sol, vivemos sempre situados nesses três momentos cronológicos. São eles que nos acompanham e dão ritmo à vida. Mesmo vivendo o tempo presente, seja ele agradável ou não, sempre nos deparamos com o passado e o futuro. O passado nos levou ao presente, e o presente nos impulsiona para o futuro. É dentro dessa situação temporal que nos realizamos ou nos frustramos (ARAÚJO, 2019, p.13).

Compreendo, como bem colocou o Frei Rodrigo, em sua obra Alegres na esperança, que minha história é feita de experiências, que aprendo todos os dias e em todos os momentos; seja com vitórias ou fracassos, aprendo com as minhas leituras, através do contato com os outros e também com as minhas escolhas; tais percalços me fizeram uma pesquisadora e estudante do

¹¹ José Rodrigues Araújo, natural de Tuntum, no Maranhão, pertencente à Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, graduado em Filosofia e Teologia pelo Seminário Maior da Arquidiocese de Belém do Pará. Mestre em Teologia Dogmática pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma-Itália. Foi Pároco da paróquia de São Francisco, de Imperatriz - Ma (1998- 2006), ministro provincial dos Frades Capuchinhos da Provincia de Nossa Senhora do Carmo, Maranhão, Pará e Amapá (2006 -2011).

Movimento negro. Entendo, como bem afirmou Jacques Le Goff¹², historiador francês “que a memória é a propriedade de conservar certas informações” (SILVA; SILVA, 2005, p. 275) são essas informações que me possibilitam uma melhor compreensão do mundo e da minha constituição, enquanto ser histórico. Sobre memória Carvalho (2016) diz que: “A memória se estabelece como possível formadora de Identidades culturais e deve ser preservada por instrumentos cotidianos, pois nela existe uma dinamicidade representativa dos momentos de conhecimento, expresso na relação entre a objetividade e a subjetividade” (CARVALHO, 2016, p.37).

Pelo exposto, fica entendido que a memória é uma possibilidade formadora de identidades culturais. Assim, entendemos a identidade como o reconhecimento de uma pessoa como ser social que se posiciona na sociedade, seja no âmbito pessoal ou coletivo e que tem relação com nossas aprendizagens, nas experiências cotidianas e sociabilidades, pois, aprender é uma característica própria dos seres humanos. O ato de narrar nossas vidas de acordo com Josso¹³

[...] é assim uma medição do conhecimento de si, em sua existencialidade, o qual oferece à reflexão de outras oportunidades de tomada de consciência sobre seus diferentes registros de expressão e de apresentações de si, assim como sobre as dinâmicas que orientam a formação (JOSSO, 2010, p. 69).

A partir do excerto infere-se sobre a oportunidade de tomada de consciência, sobre dinâmicas que orientam a formação de si mesmo, ou seja, a história de vida é uma forma de escrita que valoriza as reflexões, conduzindo à formação. Neste sentido, as histórias de vida além do conhecimento referem-se também, ao posicionamento, nas ações cotidianas e entendimento das transformações ocorridas na sociedade, em relação à história de vida que se centra na formação, ao que Josso (2007, p. 114) afirma:

O trabalho de pesquisa a partir da narração das histórias de vida ou, melhor dizendo, de histórias centradas na formação, efetuado na perspectiva de evidenciar e questionar as heranças, a continuidade e a ruptura, os projetos de vida, os múltiplos recursos ligados à aquisição de experiência, etc., esse trabalho de reflexão a partir da narrativa da formação de si (pensando, sensibilizando-se, imaginando, emocionando-se, apreciando, amando) permite estabelecer a medida das mutações sociais e culturais

¹² Jacques Le Goff foi um importante historiador francês, que se dedicou ao estudo da Idade Média. Fez parte da terceira geração da Escola dos Annales, dedicando grande parte de sua obra à História das Mentalidades. Fez estudos aprofundados sobre a cultura e mentalidade do homem na Idade Média. Abordou, em suas obras (mais de 40 livros), aspectos sociológicos, psicológicos, religiosos, antropológicos, artísticos, comportamentais, econômicos e sociais.

¹³ Marie Christine Josso, Socióloga. Antropóloga e doutora em Ciências da Educação. Professora da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Genebra. JOSSO, Marie Christine. A transformação de si, a partir da narração de histórias de vida (2007).

nas vidas singulares e relacioná-las coma evolução dos contextos da vida profissional e social

Observamos assim, que a pesquisa a partir das narrativas história de vida são produzidas em uma perspectiva de evidenciar e questionar o que foi transmitido (herança), a continuidade e a descontinuação de algo, ligados às experiências e que reflete o pensar, o sentir, o imaginar, possibilitando, com isso, transformações na vida profissional e social.

Sobre essas transformações advindas da educação Delory-Momberger¹⁴ (2012) pontua:

Esse reconhecimento biográfico traduz-se por um forte estímulo às pessoas em formação a fazerem um trabalho reflexivo sobre elas mesmas: realizando um balanço de seus percursos e de suas competências, inscrevendo sua formação num projeto pessoal e profissional (DELORY – MOMBERGER, 2012, p. 85).

Como citado pela autora, o reconhecimento da história de vida é forte porque leva as pessoas a fazerem um trabalho reflexivo, a respeito de si mesmas, revendo seus percursos, para, a partir desta narrativa, incluir sua formação em um projeto pessoal e profissional. Por isso recorrer as memórias, rever acontecimentos do passado que marcaram a minha trajetória é algo valioso na minha formação. Assim, percebo que meu caminho de aprendizado leva à compreensão dos conceitos de identidades e memórias que contribuem para minha formação, enquanto ser em construção. Conforme Gomes¹⁵, (2005, p. 41) aponta:

A identidade não é algo inato. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. É um fator importante na criação das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais. Indica traços culturais que se expressam através de práticas linguísticas, festivas, rituais, comportamentos alimentares e tradições populares referências civilizatórias que marcam a condição humana.

Como pontuado pela autora, a identidade é adquirida de acordo com o meio social e as experiências vivenciadas. Nessa perspectiva, evidencia-se que a identidade não nasce com a pessoa, mas se faz no cotidiano, nas vivências, no modo de se comportar no mundo, ou seja, é construída junto às experiências. Carvalho (2016, p. 38) defende que: “a formação produz identidades pessoal e coletiva, assim, como, por ser inerente ao ser humano, facilita as formas de convivência com os demais seres. O aprendizado é uma característica do ser humano e essa

¹⁴Delory Momberger Professora de Ciências da Educação da Universidade de Paris-13 Nord. Presidente da Associação Internacional das Histórias de Vida em Formação e da Pesquisa Biográfica em Educação (ASIHVIF).

¹⁵ A professora Nilma Lino Gomes é formada em Pedagogia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), é Mestra em Educação na mesma universidade e Doutora em Antropologia pela Universidade de São Paulo (USP). A professora Nilma também é Pós-Doutora em Sociologia pela Universidade de Coimbra e em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). É professora Emérita da Faculdade de Educação da UFMG. Também foi Ministra da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) em 2015 e do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos de 2015 a 2016 do governo da presidenta eleita, Dilma Rousseff. <https://www.abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/1033tps>

característica facilita as formas de convivência na sociedade. Assim, de acordo com Carvalho (2016): “A história de vida como processo de formação, é uma apropriação da própria história e do lugar que ocupamos ao tomarmos consciência da autoformação como experiência individual no processo de formar a si mesmo nos ambiente aprendentes” (CARVALHO, 2016, p. 39). Entendemos, como bem pontuado pela autora, que a história de vida é um significativo processo de formação, para despertar o sujeito a ampliar sua consciência de decidir seu modo de ser, de se relacionar consigo mesmo e com outras pessoas.

Sobre essas relações que ocorrem no espaço profissional Carvalho (2016, p. 55) destaca:

O eixo biográfico se encontra dimensionado na subjetividade (identidade para si) e na objetividade (identidade para o outro) e ainda está intimamente ligada com as relações sociais que ocorrem no espaço profissional, onde as pessoas, leitoras, e avaliadoras constroem uma imagem desejada do que expõem na escrita de si. Entendo que as narrativas de uma vida em formação constituem uma rica documentação, ao possibilitar o registro de práticas e modos pedagógicos de trabalhar com conteúdo que aliados à experiência de vida, ligam mais significados nas atividades diárias nos espaços escolares (CARVALHO, 2016, p. 55).

A autora destaca o eixo que se encontra demarcado na identidade para si, e na objetividade identidade, para o outro e que se liga as relações sociais. Desta forma essas reflexões sobre memórias e identidades foram essenciais e embasaram a minha construção, enquanto pessoa que deseja aprender e utilizar esse aprendizado nas práticas diárias, enfrentando os desafios que surgem nos caminhos, por mim trilhados, com atitude, esperança e a certeza da minha contribuição seja, como mulher, estudante, professora ou pesquisadora. Compreendo que minha história é marcada por várias fases e em todas elas aprendo. Sobre essa trajetória, percorrida até a formação, Dominicé ¹⁶(2010, p. 199) pontua que a história de vida “passa pela família. É marcada pela escola. Orienta-se para uma formação profissional e em consequência se beneficia de tempos de formação contínua. A educação é assim feita de momentos que só adquirem o seu sentido na história de uma vida. Percebemos que a história de vida passa por várias etapas, começando na família, onde recebemos as primeiras lições para a vida e seguimos aprendendo na escola, a fim de nos moldar em uma formação profissional que é contínua e que segundo o autor, esses momentos adquirem sentido, na história de uma vida.

¹⁶ Pierre Dominicé é professor titular da Universidade de Genebra. <https://www.scielo.br/j/ep/a/yrCQgybKvZ3bwHyXWtGbnVr>

Neste sentido, como aprendente, comungo do mesmo pensamento de Hebert de Souza, o Betinho¹⁷, sociólogo e ativista pelos direitos humanos, no ensejo de “viver de acordo com princípios democráticos fundados na solidariedade, na liberdade, igualdade, participação e diversidade” (SOUZA, 1991, p. 24 *apud* PANDOLFI; GAZIR; CORRÊA, 2012, p. 5). A citação de Betinho resume o ideal de sociedade, lugar de pessoas humanas, que pensam, sentem e valorizam o outro. Com isso, respondo ao questionamento feito anteriormente: de que forma tenho trabalhado os conhecimentos adquiridos na minha formação e enfrentado os desafios que surgem, durante minha caminhada? Afirmo então, que a minha busca diária é a defesa desses princípios humanos que levem em consideração o respeito à vida, independente de cor, religião, situação econômica, posição social ou gênero.

1.2 Em busca das raízes: uma viagem ao ano de 1818

A busca pelas raízes é algo valoroso, por demonstrar o nosso sentimento e respeito ao lugar em que nascemos e a nossa ancestralidade. Assim, consciente que antes de mim outros e outras contribuíram com minha caminhada e antes de mim outros e outras lutaram, são minhas raízes de onde eu vim. Entendo que conhecer sua origem e lugar, colabora para suas escolhas e posicionamentos na vida, seja no campo, educacional, político, econômico, religioso ou social.

Compartilhando o mesmo desejo do ex-padre. Mariano da Silva Neto¹⁸, conterrâneo, que fez mestrado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ) e foi professor da Universidade Federal do Piauí (UFPI), autor do livro *O município de Francisco Santos: estudo e memória*, que diz “quero que as gerações atuais conheçam melhor o seu passado, para reconhecer nele o rico legado dos que o precederam, construído com muito trabalho, honradez e sacrifício” (SILVA NETO, 1985, p. 7). Como o autor relata, é fundamental conhecer o legado, os valores deixados, pelos familiares que nos precederam. Uma

¹⁷ Herbert José de Souza (1935-1997), conhecido como Betinho, foi um sociólogo brasileiro e ativista dos direitos humanos no Brasil. Seu trabalho mais importante foi o projeto "Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida". Mobilizou várias campanhas para arrecadar mantimentos em favor dos pobres e excluídos. Betinho e seus irmãos o cartunista Henfil e o músico Chico Mário eram hemofílicos, doença herdada da mãe. Herbert José de Souza nasceu em Bocaiuva, Minas Gerais, no dia 3 de novembro de 1935. Nos anos 60 ajudou a fundar a "Ação Popular (AP)", movimento que lutava pela implantação do socialismo no Brasil. <https://www.ebiografia.com/betinho/>

¹⁸ Mariano da Silva Neto, conterrâneo, que fez mestrado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ) e foi professor da Universidade Federal do Piauí (UFPI). SILVA NETO, Mariano. *O Município de Francisco Santos: estudo e memória*. Teresina, COMEPI, 1985.

vez que conhecer a minha origem, de onde vim, é reconhecer que antes de mim muitas lutas, sacrifícios foram feitos, e que estas lutas contribuíram, para a construção do que eu me tornei.

Quem sou eu? Viajei as minhas origens para descobrir minha ancestralidade, e, investiguei até onde foi possível. O ponto de partida foi o ano de 1818, portanto, antes da Proclamação da Independência do Brasil e da Abolição Jurídica, que começa com a chegada de nove baianos, oriundos do estado da Bahia, Maria Vitória, seu filho solteiro Salvador Rodrigues Chaves, João da Cruz, Teresa e Anacleto (escravos de Maria Vitória, a matriarca do grupo que deu origem à povoação) e os casais Antônio Rodrigues da Silva e Isabel Maria Rodrigues; Policarpo Rodrigues Chaves e Rosa Maria Rodrigues pelo rio Riachão, dando início a uma povoação, construindo uma fazenda e dando-lhe o nome de Fazenda Jenipapeiro.

Esses primeiros moradores deram origem à população atual, na qual estão as minhas origens, onde minha bisavó materna Maria dos Milagres da Silva (Milagrosa), casada com meu bisavô Elpídio Barros Silva e minha bisavó paterna, Francisca Isabel (Lê) casada com meu bisavô Manoel Honório Rodrigues, são bisnetas dos fundadores, o casal Antônio Rodrigues da Silva e Isabel Maria Rodrigues.

Meu bisavô materno José Terto de Sousa, casado com minha bisavó Ana dos Anjos era neto do casal fundador Policarpo Rodrigues Chaves e Rosa Maria Rodrigues. Meu bisavô paterno Pedro Elias de Carvalho, casado com minha bisavó Antônia Raimunda dos Anjos era trineto dos fundadores, filho de Ana (bisneta do casal Antônio Rodrigues da Silva e Isabel Maria Rodrigues) e Mané Elias (bisneto do casal Policarpo Rodrigues Chaves e Rosa Maria Rodrigues). A minha árvore genealógica, representa a minha ligação com meus familiares, os que me antecederam e os que vieram, após o meu nascimento. Destaco que desde muito cedo, conversava com meus avôs e minhas avós, sobre suas vivências e o que sabiam de suas raízes. Me contavam muitas histórias. De forma que conhecer como os que me antecederam e construíram suas histórias, ajuda a compreender a minha.

Tendo sido a pecuária e agricultura a atividade inicial da ocupação e do desenvolvimento da região que em 1935 foi elevada à categoria de povoado do município de Picos estado do Piauí, com o mesmo nome dado à fazenda que deu origem à povoação, Jenipapeiro. O município foi desmembrado de Picos, somente em 24 de dezembro de 1960, nascendo assim, o município de Francisco Santos, nomeado em homenagem ao coronel Francisco Santos, que nasceu na fazenda Jenipapeiro, em 1882, talvez um dos filhos mais ilustres da cidade, bisneto dos velhos troncos.

Sobre os primeiros habitantes, meus troncos familiares, minhas raízes, podemos afirmar duas coisas: era um povo dedicado ao labor e à fé católica. A padroeira da cidade é o Imaculado

Coração de Maria, celebrada no 2º domingo de outubro. A festa é marcada pela presença de vários conterrâneos que moram em outras cidades, retornando, para esse momento festivo.

Meu avô paterno, Elizeu Manoel Rodrigues, era criador de gado, ovelha e também agricultor, trabalhando com o plantio de mandioca, feijão, entre outros produtos agrícolas. Era casado com Maria das Dores de Jesus, minha avó, que o auxiliava nos trabalhos, seja tirando leite das vacas, seja na apanha e debulha de feijão. Responsável pela educação dos filhos e pelos serviços domésticos, também, tinha grande habilidade com a arte de fazer bonecas de pano e flores artificiais, para decorar a casa. Chamados carinhosamente de Padinzeu e Dardou pelos netos, meus avós tinham sempre um conselho e ensinamento aos netos, quando iam visitá-los.

Meu avô materno, Antônio José de Sousa era agricultor, plantava feijão, milho, gergelim, melancia, abóbora, jerimum, maxixe. Era casado com minha vó Honorinda Maria de Sousa que, muito habilidosa, confeccionava vários produtos com a palha da carnaúba (palmeira abundante na cidade), como esteiras, surrão, cestos, os quais comercializava. Além, da desmancha e entrançamento do alho, para diversos vendedores locais que trabalhavam com a venda do produto, em outras cidades e estados, como Ceará e Maranhão.

Apaixonada por chá, também cultivava na sua roça principalmente cidreira, difícil ir à casa dela para não ser convidado a tomar um chá e gostava também de um feijão com toucinho. Seus netos os chamavam assim, meu vô (Tonhe Terto) e minha vó (Dolinda), a minha vó não gostava, queria ser chamada pelo seu nome “Honorinda”. Os conselhos e ensinamentos que recebi de meus avós paternos e maternos são lições preciosas que carrego comigo sempre.

Essas lições muito contribuíram para minha formação, como pessoa humana, na formação acadêmica, como docente e discente e em qualquer espaço por mim frequentado, pois se tratam de valores e atitudes que me ajudam a resolver os desafios diários, como o valor do trabalho, religiosidade e o respeito ao outro. Em meu entendimento e nas lições aprendidas com minha família, todos e todas têm valor, independentemente da sua posição social, ou seja, pode ser o Papa, presidente da República, doméstica, gari, criança, jovem, adulto/a, idoso/a, rico/a, pobre, classe média, branco, branca, negro, negra, indígena, heterossexual, homossexual, bissexual; todos e todas merecem respeito.

Para dar conta de responder quem sou eu, trago o poema *Miscigenação* do jornalista e militante do Movimento Negro de Imperatriz Domingos de Almeida¹⁹ (2021, p. 22):

Sou de uma terra
 Onde o abraço é apertado
 O sorriso é dobrado
 Como nunca se viu
 Ambiente de amores
 Terra cheia de cores
 Que a negritude coloriu
 Sou indígena
 Sou branco
 Sou negro
 Sou filho desse Brasil.

Esse poema descreve a minha terra, o meu Nordeste e a minha pessoa, cheia de sonhos; trago na minha cor e nas minhas atitudes o respeito à diversidade. Assim sendo, o ano do meu nascimento, 1970, foi um ano marcado por perdas das liberdades políticas, pois, o Brasil estava em meio à Ditadura Militar que teve início em 1964, quando os militares se revezavam no poder. À época do meu nascimento, o presidente Garrastazu Médici buscava passar uma imagem de que o país encontrara o caminho do desenvolvimento econômico e, aliado à conquista da copa de 70, criava um clima de euforia na população.

Assim, nesse período meu pai, Jose Elizeu Rodrigues, vaqueiro, açougueiro, criador de gado, bode, agricultor e comerciante se casa com minha mãe, Antonia Honorinda Rodrigues, responsável pelos afazeres domésticos, educação dos filhos, professora do Movimento Brasileiro de Alfabetização – Mobral, programa do governo federal criado nos anos de 1970, para alfabetizar jovens e adultos; ela era também, comerciante. Juntos, meu pai e minha mãe tinham o sonho de construir uma família feliz. Dessa forma, fiz minha estreia no mundo, no dia 09 de dezembro de 1970, mesmo ano do casamento de meu pai com minha mãe, numa casa na fazenda que pertencia a meus avôs maternos. Vim, pelas mãos de Dona Hosana, parteira que fazia os partos em domicílio; no ano do meu nascimento além de parteira, Dona Hosana era também, dona de uma farmácia, na cidade.

¹⁹ Domingos Alves de Almeida, ator e diretor formado em jornalismo pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA, especialização em Relações Internacionais Contemporâneas da América Latina (RIC), mestre em Integração Contemporânea da América Latina (ICAL) ambos pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA, doutorando em Mídia e Cotidiano na Universidade Federal Fluminense – UFF e militante do Centro de Cultura Negra – Negro Cosme (CCN-NC) de Imperatriz – MA. ALMEIDA, Domingos. Poemas em retalhos negro-nordestinos, Imperatriz, MA: Editora Balaiada de Escritas Negras, 2021.

Sou a primeira filha do casal, e conforme narra minha mãe não foi um parto fácil, mas deu certo. Tenho quatro irmãos: José Ildetrone Rodrigues, Rogério José Rodrigues (*in memoriam*), Antônio Michel Rodrigues e Francisco Rubenig Rodrigues, e duas irmãs: Divaneia Antônia Rodrigues e Simone Antônia Rodrigues. Além de Joaquim Antônio de Sousa, meu tio, irmão mais novo da minha mãe que veio morar conosco desde os oito anos de idade. Na nossa infância e adolescência passamos por várias dificuldades financeiras, momentos de altos e baixos, tempos de ganhos e de perdas; porém, meus pais sempre conseguiram enfrentar, com muita coragem, para que nada nos faltasse.

Tenho uma base familiar fundamentada na valorização da vida, meu pai e minha mãe sempre nos direcionaram aos melhores caminhos. Ildetrone é graduado em História e Direito, Rogério é comerciante, Michel trabalha como motorista, Rubenig, é agente de saúde, Divaneia e Joaquim são comerciantes, Simone é enfermeira. Cada um seguiu caminhos e sonhos diferentes. Recordo que tivemos boas inspirações e fomos ensinados, desde o nascimento, sobre o valor do trabalho, do estudo, da responsabilidade e do caráter.

Com minha família aprendi a profissão de comerciante, vendedora, tenho um box no mercado municipal de Imperatriz, Maranhão onde comercializo especiarias e ervas medicinais há mais de 28 anos. Gosto muito desse trabalho, tenho contato com um público variado que vai do culto ao popular, de todas as classes sociais e muitos turistas também. Um local onde considero minha segunda casa, já que passo a maior parte do meu dia, exercendo essa ocupação, nesse espaço, onde aprendo e ensino, diariamente, sobre bem-estar e saúde.

Sobre minha infância tenho boas recordações. Morávamos seis meses na cidade e seis meses na roça (Serra). Na época da colheita do feijão, na minha casa juntavam vizinhos, parentes e amigos; adultos, adolescentes e crianças, para a debulha de feijão. Eram noites de trabalho em mutirão, que mais parecia um encontro social. Se estendia um lençol grande, no meio da sala, despejavam o feijão seco, no centro; todos sentavam em círculo, em volta do feijão e à luz de lamparina começava a debulhar o feijão, enquanto os presentes contavam histórias, piadas e alguns acontecimentos importantes. Foi justamente nesses encontros que eu comecei meu primeiro emprego, não remunerado economicamente, de leitora, que foi muito importante na minha construção como aprendiz.

Eu animava os/as trabalhadores/as, lendo versos de Literatura de cordel): *O pavão Misterioso, Vida e Testamento de Cancão de Fogo, Encontro de Cancão de Fogo com Pedro Malazarte, Proezas de João Grilo, O Assassino da Honra ou A Louca do Jardim, Coco Verde e Melancia*, entre outros. A casa dos meus pais sempre foi cheia de pessoas (parentes, amigos)

por isso, gosto de trabalhos coletivos, visto que desde criança aprendi que duas pessoas juntas pensam mais do que uma e muitas mãos juntas, têm mais força do que uma.

Desde muito cedo ajudei o meu pai e minha mãe com pequenas tarefas, como deixar o cavalo na roça, fazer entrega das carnes na vizinhança, mexer a nata, para fazer a manteiga de garrafa e o requeijão, entre outras. Na roça, minhas diversões eram tomar banhos em açudes, atravessar o rio a nado, em um rabo de um cavalete, passeio a cavalo, armar arapuca, para pegar rolinha e codorniz, além das muitas visitas que fazia à casa dos meus avôs, onde era recebida com alegria; me agradavam com doce de leite, coalhada e queijo. Já na cidade, as principais brincadeiras era pular corda, pular elástico, rodar bambolê, jogar peteca, jogar pedras, brincar de esconder, de pega-pega, de cair no poço, amarelinha; me divertia com essas brincadeiras.

Em se tratando de vida escolar, aprendi ler e escrever bem cedo, com professoras particulares. Quando entrei no ensino regular, em uma escola municipal, já sabia ler e contar. Sempre gostei de estudar; por isso sempre tinha as melhores notas; estudei de 1ª série a 4ª série

na Unidade Escolar Dirceu Arco Verde, em Francisco Santos – Piauí. Lá tive ótimas professoras, me recordo com carinho, de uma docente do 3º e 4º ano que se chamava Elzinha. Além de professora, ela trabalhava na prefeitura onde havia uma biblioteca e sempre me emprestava livros clássicos da literatura infantil: *Rapunzel*, *Chapeuzinho Vermelho*, *Branca de Neve e os Sete Anões*, *Os Três Porquinhos*, *A Ilha Perdida*, entre outros. Eu viajava por mundos diferentes e sonhava, vivendo as aventuras contadas nos livros; me imaginava naqueles personagens. Foram leituras agradáveis que me fizeram sonhar e buscar cada vez mais, a leitura.

Terminada a 4ª série, minha família mudou-se para o Maranhão. Chegamos à Imperatriz no dia 09 de dezembro de 1984, data em que fiz 14 anos. Para uma família vinda do interior do Piauí, aquela era uma cidade grande. O prefeito da cidade era Ribamar Fiquene, o governador do estado era Luís Alves Coelho Rocha. Na presidência, estava João Baptista Figueiredo, o último do período da ditadura militar, já que em 1985, o Brasil voltou a ter um presidente civil, eleito de forma indireta, após mais de vinte anos de ditadura militar, no Brasil.

Logo que chegamos, fiz minha matrícula na 5ª série na Unidade Integrada de 1º grau Estado de Goiás, onde estudei de 1985 a 1988, da 5ª até a 8ª série, turno noturno. Fiz novas amizades, conheci novos professores; também me dedicava muito à leitura. Naquele período, minhas principais leituras foram: *No ano passado* (Lannoy Dorin); *A marca de uma lágrima* (Pedro Bandeira), *A pata da gazela* (José de Alencar); *O Alienista* (Machado de Assis), entre outros. Naquela época era adolescente, gostava de ir ao cinema com a turma da escola; ia também, à pizzaria e a muitos encontros na casa da Elioneide e Eliomar, meus primeiros e grandes amigos quando cheguei a Imperatriz e com quem estudei durante quatro anos; outros

que faziam parte do meu grupo de trabalho eram Claudio e Edmilson. Quando concluí a oitava série, foi uma conquista; meu pai fez uma festa para comemorar e assim, eu estava pronta para iniciar nova jornada escolar, agora no segundo grau.

Então, em 1989, ingressei no curso técnico de administração, no Centro de Ensino de 2º grau Graça Aranha, no turno vespertino. Foi o começo de uma nova etapa nos meus estudos e também de mudança de postura, pois comecei a despertar para outros assuntos e temáticas, como a injustiça social e a política. Ajudei na criação do Grêmio Estudantil da escola, o primeiro movimento social do qual fiz parte. Me engajei no Movimento Estudantil, me aprofundando sobre temas a ele inerentes, buscando sempre conhecer e entender a política brasileira. Nesse período, minhas fontes de informação advinham de jornais, da TV e revistas como VEJA e ISTO É. Era um momento importante para o país e eu estava eufórica por poder participar da primeira eleição direta, o que aconteceria depois de um longo período de ditadura militar. Tirei meu título, toda orgulhosa, fazendo a escolha sobre de qual lado que eu queria estar, para as grandes mudanças que o Brasil precisava e ingressei com muita força, na campanha Eleitoral.

A esperança era a palavra de ordem naquela que foi a primeira eleição direta, pós-ditadura militar; eu realmente acreditava que era a oportunidade de fazer grandes mudanças sociais. O resultado não foi o esperado por mim e apesar de decepcionada continuei confiando que os rumos da política mudariam. Concluí o ensino médio (chamado de 2º grau na época), no ano de 1991. Eu seguia firme, com o desejo de contribuir para transformações e mudanças, nos rumos da política brasileira, tendo como propósito a continuidade dos estudos. Assim, fiz o vestibular na UFMA e na UEMA; não consegui aprovação e logo descobri o motivo. Eu deveria ter estudado Educação geral e não Técnico em Administração.

Com isso, mudei de direção, me engajando na Pastoral da Juventude (PJ), grupo da Paróquia São Francisco de Assis. Participei do grupo de oração da Renovação Carismática Católica (RCC); fui participante da pastoral da comunicação sendo secretária e apresentadora do programa “Vem Louvar”, na Rádio Imperatriz, apresentado de segunda a sexta, após a Voz do Brasil. Me dedicava também, ao estudo da Bíblia, livros de louvor, pregação e liderança.

O engajamento na Igreja me ajudou a desenvolver meu lado comunicativo; foi nessa época que conheci Antônio Carlos Maciel Silva (*in memoriam*) e me casei em 15 de janeiro de 1994. Continuei apresentando o programa até 1996, quando Antônio Carlos teve que fazer uma cirurgia do coração e precisava dos meus cuidados. Quando passou esse período, em que ele precisava de maior atenção, fui estudar Teologia, curso que o Frei Luís Spelgatti estava à frente; passei a estudar Filosofia, Sociologia, Metodologia Científica, Exegese, História da Igreja,

Religiões do mundo, História da Salvação, os Evangelhos, Hermenêutica, entre outras. Nesse curso tive bons professores/as e por meio deles/as pude ter um maior conhecimento, na área de humanas, mas continuava com problemas na área de exatas.

Na colação de grau do meu irmão Ildetrone em História, ocorrida no dia 18 de março de 2010 um filme veio a minha cabeça e naquele momento decidi que chegara a hora de retomar aquele meu sonho antigo de entrar na universidade. Quando amanheceu o dia, não pestanejei; fui até um cursinho preparatório de vestibular e me matriculei; foram só três meses de muito estudo de domingo a domingo, era de dia, de noite e de madrugada. O ano era 2010, quando me inscrevi para o vestibular na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), para o curso de História. Passei em segundo lugar, consegui! Só eu sei o quanto aquele momento foi importante.

Portanto, cada momento da minha história, infância, adolescência, conversas e mais conversas com meu avô e avó paterno e materno, os ensinamentos que eu aprendi com meu pai e minha mãe, com tios e tias, primos e primas, professores/as com os livros, observando a sociedade, com as experiências agradáveis e desagradáveis, ao longo da minha jornada, posso dizer que me fortaleceram e são partes importantes da minha construção, enquanto estudante e mulher que busca nas práticas do cotidiano, romper com o preconceito e a discriminação racial.

1.3 Conhecendo mais da cultura afrodescendente como estudante

Meu acesso à universidade, em agosto de 2011, foi um grande passo para minha formação profissional e para alcançar a meta de busca por justiça, inclusão social e a luta para eliminar o preconceito e a discriminação. O início da licenciatura em História, no Centro de estudos Superiores de Imperatriz, Universidade Estadual do Maranhão (CESI-UEMA) foi um mundo de novidades que me foi apresentado e pela primeira vez estudei a História com profundidade, observando as permanências, continuidades e rupturas, ocorridas ao longo do tempo, nas sociedades. Desde o começo participava de tudo que acontecia na universidade, eventos, movimentos, grupo de estudo. Fui escolhida como líder da turma e permaneci até o fim da graduação. Participei do Núcleo de Estudos Afro-Indígena (NEAI) da UEMA/CESI que estava sob a responsabilidade do professor Jessé Gonçalves Cutrim e da professora Danielly Moraes Rocha, Arqueóloga do Centro de Pesquisa em Arqueologia e História Timbira (CPAHT).

Atenta aos noticiários, jornais e até mesmo às partidas de futebol passei a observar a sociedade a minha volta e questionar algumas coisas que percebia há muito tempo, em relação às mulheres e seu campo de atuação, mas ainda não tinha despertado minha atenção a respeito

do/a negro/a. As disciplinas de História da África Contemporânea e História e Cultura Afro-Brasileira, bem como o contato com bibliografia da área e participação em eventos que tratavam da temática das questões étnico-raciais me possibilitaram uma visão mais ampla da África e da sociedade brasileira.

A partir desses estudos, compreendi o que é de fato preconceito e discriminação racial, o que significava algumas frases que ouvia, desde a minha infância e às vezes até me incomodavam, mas que não levava a sério, o que na verdade, é o que conhecemos como, estereótipos²⁰, ou seja, uma forma de apontar determinados aspectos, relativos às pessoas negras, em uma perspectiva negativa, jocosa, que ridiculariza e desvaloriza. Em relação a estes estereótipos, Cruz (2011, p. 85) pontua:

O estereótipo consiste em uma forma de ver um determinado grupo de modo negativo, simplificado, fixo e imutável, cuja base está na generalização de características particulares de um indivíduo. Um estereótipo consiste em uma imagem pré-concebida de um grupo que atropela a diversidade inerente aos seres humanos representados. Um estereótipo se caracteriza como uma falsa imagem de todo um grupo com base em interpretações generalizadas e superficiais.

Como pontuado pela autora esses estereótipos acontecem no cotidiano e causam desconforto e inconvenientes aos membros de um determinado grupo. No que concerne ao negro/a, estes dizem respeito a sua cor, costumes, acessórios, religião, por exemplo. Com isso, fica evidenciado que os estereótipos são criados com base em opiniões sem fundamento. Exemplificando: dizer que uma mulher negra tem mais resistência física é uma forma estereotipada de crença limitante a respeito do biótipo de todas as mulheres negras. Assim, como se trata de uma interpretação generalizada; pessoas negras são rotuladas e os aspectos individuais são desconsiderados.

Porém, a partir do meu ingresso na universidade fui percebendo a dimensão das injustiças e desigualdades sofridas, pelas populações negras. Fiquei mais atenta às conversas e piadas em relação às pessoas negras na mídia, nas rodas de amigos/as, na escola e no trabalho. Quando eu ainda estava cursando a graduação, fiz um seletivo da Prefeitura de Imperatriz e atuei como professora de História do Ensino Fundamental, nos anos finais (6º ao 9º ano), trabalhando na Escola Municipal Ipiranga, na Vila Ipiranga. Sendo uma escola situada na periferia, pude, na

²⁰ Estereótipo são opiniões e ideias generalizadas, utilizadas pelas pessoas para pré-definir alguém ou algo, quanto ao seu comportamento, gênero, aparência, religião, cultura, condição social, etc. <https://www.significados.com.br/estereotipo>

prática, experienciar os ensinamentos de Paulo Freire ²¹, educador, patrono da educação brasileira exemplificado no livro *Pedagogia da Autonomia*, quando afirma que “a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante, quanto a seu desmascaramento” (FREIRE, 1996, p. 98). A educação é uma ferramenta de aprendizagem e tomando como base a citação acima, é uma forma de intervenção no mundo, porém essa intervenção tem implicações que tanto podem reproduzir a ideologia dominante, como desmascará-la.

Várias vezes me perguntei qual o sentido da escola e de como esta pode favorecer a construção de uma sociedade mais igualitária, ou seja, uma escola que acolhe, visto que socializadora, democrática, viva, aprendendo nas interações uns com os outros, em suas experiências cotidianas. Uma escola que tenha preocupação com as condições perversas em que se encontram os menos favorecidos e marginalizados, por sua condição social e sua cor.

Compreendi que professores/as e estudantes, não importa a origem, têm histórias e aprendizagens que diferem da minha e que posso tanto ensinar, como aprender com esses conhecimentos, nas minhas vivências, no cotidiano escolar, posso reproduzir a ideologia dominante, mas também posso desmascará-la, então, minha experiência como educadora foi construída assim, aprendendo, ensinando, somando e respeitando os saberes trazidos, pelos estudantes. Buscava considerar tais aspectos nos meus planos de aula, no intuito de contribuir com a liberdade que cada um/a de fazer suas escolhas e intervir no mundo. Eu fiz a minha. Uma estudante em formação disposta a aprender e defender a educação libertadora, autônoma e cidadã.

Foi com esse pensamento que concluí minha graduação em 06 de abril de 2016, um momento ímpar na minha vida, emocionei-me na colação de grau, não só eu, mas minha mãe e meu marido também, pois eu já estava muito feliz pelo caminho escolhido e ter chegado ao fim de uma etapa que tanto esforço tinha feito para alcançar. Naquela noite eu tive uma grande surpresa, fui homenageada, pela Universidade e recebi do reitor Prof. Dr. Gustavo Pereira da Costa um Troféu e um Certificado de Honra ao Mérito Acadêmico, em reconhecimento pelo meu desempenho, ao longo da graduação em História. Esse reconhecimento teve um grande

²¹ Paulo Freire (1921-1997) foi um educador brasileiro, criador de um método inovador para alfabetização de adultos. Seu método foi levado para diversos países. Paulo Freire nasceu no Recife, Pernambuco, no dia 19 de setembro de 1921. https://www.ebiografia.com/paulo_freire/

significado na minha vida e a certeza de que foi muito válido o caminho por mim trilhado; estava cheia de planos e sonhos.

Porém, nesse período um acontecimento me entristeceu muito, que foi a morte inesperada do meu irmão Rogério, de causas desconhecidas. Foi uma dor imensa. Foram noventa dias de quando ele adoeceu até sua partida. Ver o meu irmão definhando, idas e vindas a hospital em Imperatriz e em Teresina, fazendo exames para descoberta da patologia, e, sua vontade de descobrir o que tinha de doença mexeram muito comigo.

A dor de perder uma pessoa amada é, sem dúvida, a maior da existência humana. Trabalhava na escola ainda, o que foi bom, já que ajudou a me manter ativa e fez com que percebesse que outros precisavam do meu apoio porque como cristã, tenho consciência de que estamos aqui de passagem e que essa passagem pode ser curta, média ou longa e que não depende de uma escolha, pois, não sabemos nem o dia nem como será a partida. Assim, procuro fazer com que minha passagem aqui na Terra seja a melhor possível.

Em maio de 2017, mais uma partida para a eternidade, desta vez meu companheiro com quem estava casada há 23 anos. Foi um momento doloroso, mas eu consegui me refazer. Compreendi que esse acontecimento chamado morte, faz parte do processo da caminhada. Sendo assim, segui minha caminhada na igreja, com a Pastoral Familiar. Como gostava de ler, segui com minhas leituras, ingressei no atletismo (corrida de rua) e em grupos de dança, atividades que sempre gostei, mas que praticava só ocasionalmente. Essas atividades me ajudaram a seguir em frente, com mais força; fizeram-me e me fazem muito bem.

Assim, em 2018 realizei um novo seletivo da prefeitura, desta vez, para atuar na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e no período de 2019 a 2020 trabalhei na escola municipalizada São Vicente de Paula, com alunos do 6º ao 9º ano. As turmas tinham um público bem diversificado dos 17 aos 70 anos. Havia estudantes que tinham estudado recentemente e aqueles que há muitos anos não iam à escola. Foi um desafio; lá ministrei aulas de História, Geografia e Filosofia.

Por conta da pandemia da covid-19, em 2020, as aulas foram em *home office* e ocorreu por meio da Plataforma GEDUC (Grupo de Atuação Especial de Educação). Com isso, os desafios da educação ficaram ainda maiores. Nesse ínterim, conheci Paulo Ryck Silva Miranda, meu atual companheiro e com ele, um novo esporte, o ciclismo.

Um divisor de águas na minha vida foi o acesso ao mestrado, um sonho que eu tinha desde a conclusão da graduação. Soube do seletivo, por meio de minha sobrinha, Bianca Zaene, que numa tarde ao me visitar me interrogou: “Tia, você quer fazer mestrado?”, “Sim”, disse eu. Ela me informou da publicação do edital da UFMA para seleção da turma 2. Perguntei então, o

que era necessário fazer, e ela me explicou as três etapas (prova escrita, projeto de pesquisa e defesa do projeto), comentando que era necessário escolher um tema para o projeto, ao que eu lhe disse: “já tenho”. E qual era? O Centro de Cultura Negra Negro Cosme, na cidade de Imperatriz/MA.

Conheci o Centro ainda na graduação; a primeira pessoa que me falou sobre a entidade foi meu amigo, historiador Marlisson Barroso, em uma de nossas reuniões no grupo de estudo NEAI. Ele me falou todo empolgado e me convidou para também participar e a partir daquele dia comecei a acompanhar as atividades do Centro de Cultura Negra - Negro Cosme, em alguns eventos, como no Salão do Livro de Imperatriz - SALIMP. Na Praça da Cultura. Conheci a minha orientadora e presidenta atual do CCN-NC, Herli de Sousa Carvalho e a professora Maria Luísa Rodrigues de Sousa, uma das fundadoras do Centro e militante atuante, em uma viagem que fizemos com um grupo de docentes para Fortaleza, Natal e João Pessoa, em julho de 2019.

Neste sentido, posso dizer que minha graduação em História me permitiu um maior conhecimento e entendimento da cultura afrodescendente. Passei então, a enxergar com um olhar mais crítico, o lugar social ocupado pelas pessoas negras, no cenário nacional: educação, economia, política, esporte e lazer. Neste sentido, Ribeiro²² (2017) em seu livro, *O que é lugar de fala?* aponta que:

Todas as pessoas possuem lugares de fala, pois estamos falando de localização social. E, a partir disso, é possível debater e refletir criticamente sobre os mais variados temas presentes na sociedade. O fundamental é que indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de *locus* social consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares de grupos subalternizados (RIBEIRO, 2017, p. 48).

Como bem pontuou a autora, enxergar as hierarquias, a partir do lugar que elas ocupam é extremamente relevante, principalmente quando este lugar de fala social faz com que grupos ocupem posições inferiores, em razão de seu lugar de pertencimento. É necessário, pois, que a História do Brasil seja contada pela perspectiva dos/as negros e negras e não só pelo viés dos vencedores. É preciso olhar com uma visão que não seja a do colonizador. Neste sentido, as organizações negras são referência, na luta por políticas afirmativas e justiça social.

²² Djamila Taís Ribeiro dos Santos é uma importante voz contemporânea em defesa dos negros e das mulheres. Filósofa, ativista social, professora e escritora, Djamila corajosamente denuncia a violência e a desigualdade social - principalmente contra negros e mulheres - tão características da sociedade brasileira. O seu livro *Pequeno manual antirracista*, que trata do racismo estrutural, arraigado no Brasil, recebeu o prêmio Jabuti. A ativista nasceu em Santos, São Paulo, no dia 1 de agosto de 1980. https://www.ebiografia.com/djamila_ribeiro/

Portanto, este foi o meu percurso, o caminho que percorri até conhecer o meu objeto de estudo. Sigo essa jornada no Mestrado Profissional em Formação Docente em Práticas Educativas, cuja aula inaugural ocorreu em 08 de outubro de 2020, com a presença do Coordenador Witembergue Gomes Zapparoli, o Vice Reitor Marcos Fábio, Fernando Carvalho, Pró Reitor de Pesquisa, Extensão e Inovação, tendo como palestrante a Professora doutora Maria José de Pinho, através da Plataforma Google Meet.

Entendo a educação como uma forma de transformação no mundo, onde o educador se posiciona, como adverte Freire (1996): “como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque é capaz de amar” (FREIRE, 1996, p. 41). O autor cita algumas características inerentes ao comportamento e sentimentos de quem vive, em suas relações com amigos e familiares; que interage com os outros, na sociedade. Que, como pessoa humana, é capaz de transformar, realizar sonhos. Comungo desta ideia de uma sociedade humanizada, que sente dor, raiva, alegria, que escuta, luta, dialoga e decide, sonha e acredita, em um mundo com equidade e livre das mazelas da classe dominante, onde todos/as possuem um potencial, capaz de transformar a realidade em que vive.

Portanto, na minha história de vida e nos movimentos que participo, em sala de aula com estudantes e nas minhas relações com amigos e familiares, eu estou sempre em um processo contínuo de aprendizado.

CAPÍTULO 2 - PANORAMA HISTÓRICO DO MOVIMENTO NEGRO BRASILEIRO

Desiludir-se não é ruim.
 É libertar-se. É nascer. É caminhar.
 Os iludidos ou irão para o inferno ou já estão lá.
 Só as desilusões desbloqueiam a estrada.
 Deus abençoe minhas redentoras desilusões
 (HERMÓGENES, 2022, p. 108).

No segundo capítulo abordamos sobre o panorama histórico do Movimento Negro brasileiro. Para início das discussões, começamos refletindo sobre a epígrafe inicial, libertar-se das ilusões, com a consciência de que o Brasil é um país racista, e que aqui, ao contrário do que alguns pensadores dizem, não existe Democracia racial²³. Por isso, libertar-se das ilusões sejam, elas políticas, econômicas, sociais ou religiosas, é fundamental. É neste sentido que Hermógenes²⁴(2022), diz que só a partir das desilusões é possível desbloquear a estrada. Desbloquear a estrada, como citado pelo autor é o que o Movimento Negro tem buscado, ao longo de sua trajetória.

Sendo assim, neste capítulo refletimos sobre algumas questões do contexto de lutas que ocorreram antes da Abolição da Escravatura, apresentando o significado do termo Movimento Negro e as bases que fundamentaram o seu desenvolvimento e atuação, no Brasil, desde que despontou no começo do Período Republicano até sua consolidação, após 1970 e o surgimento do Movimento Negro, no Maranhão. Assim, o primeiro tópico faz um Panorama histórico do

²³Democracia pressupõe igualdade e livre participação. Em uma nação democrática, existem oportunidades e direitos similares que garantem a igualdade entre todos os cidadãos da nação. No Brasil, a Constituição Federal de 1988 atesta, ao menos teoricamente, a igualdade de todos e todas garantida pela lei. O art. 5º de nossa constituição afirma a igualdade e a não discriminação por meio destas palavras: “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”. A Declaração Universal dos Direitos Humanos estabelece que todo ser humano tem direitos invioláveis que devem ser respeitados em qualquer situação. No inciso I do art. 2º, afirma-se que “todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, idioma, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição”. Os dois documentos citados convergem apontando que não há elemento que deva servir de distinção entre pessoas para que um direito seja negado a elas, entre tais elementos, temos o fator “raça”. Pensar em uma democracia racial, nesse sentido, é pensar que a raça não deve ser fator de diferenciação entre os cidadãos, algo que vai além, muitas vezes da aquisição de direitos. Em uma democracia racial, deve haver igualdade entre pessoas de raças diferentes, não havendo distinção em quesitos como a renda, o acesso à informação e ao conhecimento, o acesso à escolarização e o acesso ao emprego e à propriedade. Se um país apresenta índices díspares entre negros e brancos nos quesitos apresentados acima, não se pode afirmar que nesse país há democracia racial. <https://mundoeducacao.uol.com.br/sociologia/democracia>.

²⁴ José Hermógenes de Andrade Pioneiro em Medicina holística no Brasil, dedicou-se o crescimento espiritual dos seres humanos, publicou livros terapêuticos e de poesia. Professor de Filosofia, faleceu em 2015. HERMÓGENES (2022).

Movimento Negro; o segundo, das fases do Movimento Negro no Brasil e o terceiro discorre acerca do Movimento Negro, no Maranhão.

Temos como autores e autoras mais conhecidas que discutem sobre a temática: Domingues (2007), Nascimento (1978), Nascimento (2006), Shimamanda (2009), Munanga (1996), Cruz (2011); Arruti (2003), entre outros, os quais apresentam a luta árdua dos/as negros/as no Brasil, suas formas de organização, nos diversos períodos da História, em busca da liberdade, justiça social, enfrentamento ao racismo e as variadas formas de preconceito e de discriminação racial.

2.1 Resistência Negra antes da Abolição escravagista em 1888

A trajetória histórica da resistência das populações negras pode ser compreendida a partir de dois períodos distintos, o primeiro, com a chegada dos/as negros/as ao Brasil, trazidos/as da África, e submetidos/as ao sistema de escravidão, por mais de 300 anos e o segundo após a abolição jurídica, no ano de 1888. É preciso destacar que desde o início da escravização houve resistência e o povo negro seguiu com o ideal de libertação, de escapar do trabalho forçado, dos castigos aplicados pelos senhores, significando com isso, que não teve aceitação, sempre em todo o tempo que durou a escravidão aconteceram lutas de negros/as escravizados/as.

Por todo esse histórico dos dramas vivenciados, pelas populações negras no solo brasileiro é que percebemos que neste primeiro período de resistência, a situação vivenciada, por negros no Brasil era de desumanização; lhes faltava as condições mínimas de tratamento humano, sendo-lhes negada a liberdade, ou seja, autonomia, o livre arbítrio, o direito de fazer escolhas, de ir e vir. Entendemos que o sistema de escravidão foi um processo brutal, uma violência absurda, onde um branco se entendia senhor, dono de outra pessoa, por conta da cor da pele, considerando-se não somente superior, como civilizado; podendo dispor da vida de negros, para satisfazer seus interesses econômicos. Neste sentido o colonizador europeu tratou de coisificar o povo negro, ou seja, reduziu a objeto ou “coisa” onde eles podiam negociar, vender e comprar, como outro objeto qualquer, ignorando o conhecimento, a cultura, religiosidade do outro, isto é, descaracterizando e desqualificando negros e negras, ou seja, questões difíceis de aceitar. O problema de quem estava sob o jugo do colonizador europeu era: como descobrir formas de se livrar, de se libertar, de quebrar as correntes? Este era o contexto onde o povo negro se encontrava, por volta de 1530, no Brasil. Segundo Nascimento (1978):

A exploração da nova terra se iniciou com o simultâneo aparecimento da raça negra fertilizando o solo brasileiro com suas lágrimas, seu sangue seu suor e seu martírio na escravidão. Por volta de 1530, os africanos trazidos sob correntes, já aparecem exercendo seu papel de “força de trabalho”; em 1535 o comércio escravo para o Brasil estava regulamente constituído e organizado, e rapidamente aumentaria em proporções enormes (NASCIMENTO, 1978, p. 48).

Segundo o autor, o escravismo no Brasil teve início por meio de uma forma desumana de exploração e um crescente, e rápido avanço estrutural; segundo ele, é quase impossível saber o número de pessoas, trazidas, para o Brasil, na condição de escravos/as.

Isto não só por causa da ausência de estatística merecedora de crédito, mas principalmente, consequência da lamentável circular nº 29, de 13 de maio de 1891, assinada pelo Ministro das Finanças Rui Barbosa, o qual ordenou a destruição pelo fogo de todos os documentos históricos e arquivos relacionados com o comércio de escravos e a escravidão em geral (NASCIMENTO, 1978, p. 49).

Aqui entendemos a complexidade da investigação, sobre a quantidade de pessoas negras trazidas como escravos, mas compreendemos que foram números gigantescos e mesmo com a destruição dos documentos, sabemos que o povo negro foi decisivo para a história econômica do país, pois, sem ele a estrutura econômica brasileira não teria existido. Por isso o caminho do progresso brasileiro de acordo com Nascimento (1978, p. 48):

Certa vez um etnologista disse que “o caminho do progresso é cheio de aventuras, ruturas e escândalo” Devemos assim, começar examinando o maior de todos os escândalos, aquele que ultrapassou qualquer outro na história da humanidade: a escravização dos povos negro-africanos.

Neste sentido, Nascimento relata que a escravidão foi a maior de todos as mazelas ocorridas entre os humanos. Uma situação em que a pessoa é anulada, tratada como coisa, objeto; uma situação muito triste e difícil de entender. Destacamos que a escravidão foi um dos acontecimentos mais marcantes na História da humanidade. Sua duração não foi uma hora, um dia ou um mês, mas, séculos.

A escravidão foi um sistema violento, cruel e desumano, que deixou marcas profundas e mesmo após séculos do fim do regime de escravização, esta ferida ainda está aberta e causando sofrimento, ao povo negro. Essa ligação com a escravidão, foi o que culminou com o preconceito com a cor negra, ou seja, fez com que o/a negro/a fosse visto de forma pejorativa, mesmo após o fim do período escravocrata. Por essa razão é necessário conhecer esse período, entender que o/o negro/a buscou saídas que os levassem a se libertar desta posição humilhante, onde foram submetidos a formas diversas de trabalho, sem direito a nenhum tratamento digno. Esse período foi marcado por várias formas de resistência como: rebeliões em que negros/as se

recusavam a obedecer aos “senhores”. Greves de fome, assassinatos, fugas individuais, recusa em trabalhar, serviço inadequado, dentre outras formas de resistência à escravidão.

Fica evidenciado assim, que foi pela não aceitação da condição de escravo que surgiram os quilombos²⁵, a exemplo do Quilombo dos Palmares²⁶, uma maneira de resistir e lutar, contra a escravidão, entendemos quilombo como uma comunidade construída, no meio da mata; formada por negros e negras que, por meio da fuga se organizavam e resistiam ao regime de escravidão. É daí que surge o questionamento: qual a importância do quilombo, para a militância negra e a luta antirracista brasileira? Destacamos que os quilombos são símbolos de resistência, construídos por negros/as que conseguiam escapar do sistema escravista, implantado no Brasil e que teve uma longa duração, sendo encerrada somente com a abolição jurídica, em 1888. Etimologicamente, de acordo com Munanga (1996): “O quilombo é seguramente uma palavra originária dos povos de línguas bantu (kilombo, aportuguesado: quilombo). Sua presença e seu significado, no Brasil, têm a ver com alguns ramos desses povos bantu, cujos membros foram trazidos e escravizados nesta terra” (MUNANGA, 1996, p. 58).

Como citado pelo autor, quilombo é uma palavra de origem bantu. Nisso, compreendemos que o quilombo brasileiro é uma reconstrução dos escravizados, inspirado no quilombo africano, sendo, de acordo com Munanga, uma das principais referências na questão do racismo, citado por Silva (2008) “se opor a uma estrutura escravocrata, pela implantação de uma outra estrutura política na qual se encontravam todos os oprimidos” (MUNANGA, 2001 apud SILVA, 2008, p. 442). O autor fala do posicionamento que vivenciavam os que conseguiam viver no quilombo; ele cita como se comportavam os moradores dos quilombos, fazendo oposição ao sistema escravocrata, implantando uma outra estrutura que, de acordo com Cruz (2011), no livro *Pluralidade racial em livros didáticos: uma análise em conteúdo de história brasileira* relata “que a perspectiva histórica acerca dos quilombos possui uma representação dos negros, como corajosos e combatentes, a partir da recusa a escravidão por meio das fugas” (CRUZ, 2011, p. 142). Diante do exposto, surge o questionamento: Como era esta forma de resistência negra que se posicionava contra o escravismo? O quilombo, era uma forma de resistência praticada de forma clandestina, ou seja, uma luta travada na ilegalidade.

²⁵ A palavra “quilombo” possui etimologia bantu e refere-se aos acampamentos de guerreiros na mata. Será, contudo, em 1740, reportando-se ao rei de Portugal, que o Conselho Ultramarino irá definir quilombo sendo: “Toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões nele”. <https://www.todamateria.com.br/quilombo-dos-palmares/>

²⁶ O Quilombo dos Palmares foi um dos muitos quilombos da era colonial brasileira e sua origem remonta a 1580. Palmares era o refúgio dos escravos fugitivos de engenhos das Capitanias de Pernambuco e da Bahia. Dentre todos os quilombos, o mais emblemático foi o de Palmares, o qual se opôs à administração colonial por quase dois séculos. <https://www.todamateria.com.br/quilombo-dos-palmares/>

Sendo assim, algumas reflexões surgem, acerca de como, no Brasil, desde o colonialismo e a implantação do regime escravista, a sociedade dominante da época, criou com muita crueldade formas de preconceitos, discriminação e racismo, no intuito de subjugar as pessoas negras, negando-lhes direitos básicos. Nascimento (1985) sobre o quilombo, diz ter sido uma das formas mais importantes que as populações negras descobriram de se libertarem do opressor, relatando acerca das primeiras referências sobre o quilombo, nos documentos oficiais. Assim, de acordo com Nascimento (1985, p. 43):

A primeira referência a quilombo que surge em documento oficial data de 1559, mas somente em 1740, em 2 de dezembro assustados frente ao recrudescimento dos núcleos de população negras livres do domínio colonial, depois das guerras do nordeste no século XVII, as autoridades portuguesas definem, ao seu modo o que significa quilombo: toda habitação de negros fugidos que passam de cinco, em parte desprovida, ainda que não tenham recursos, ranchos levantados nem se achem pilões neles.

Desta forma, percebemos que passaram anos sem que as lutas, insurreições e resistência, das populações negras fossem documentadas, razão pela qual Nascimento (1985) caracteriza o Quilombo “como se em todo tempo de sua história fossem aldeias do tipo que existia na África, onde os negros se refugiavam para curtir seu banzo”(NASCIMENTO, 1985, p. 44). Esse refúgio era povoado por pensamentos de tristeza, saudade e de lembranças da sua terra natal.

Entendemos assim, o quilombo como um pedaço de África, em um outro lugar. Fica evidenciado que esses povoamentos ocorriam em várias etapas; em diversos momentos da História, as definições de quilombo iam se transformando, de acordo com o momento. Começa como instituição africana, depois instituição do período colonial, com o passar dos anos e maior adesão a princípios ideológicos, que inaugura o século XX com uma definição bastante específica, ao que Nascimento (1985) pontua: “Quilombo passou a ser sinônimo de povo negro, sinônimo de comportamento do negro e esperança para uma melhor sociedade” (NASCIMENTO, 1985, p. 47). Neste período, novos contornos são definidos, para o termo quilombo, que passa a representar um ideal. Percebemos que o quilombo, segundo a autora, é uma referência; representa força, esperança e mais do que isso, quilombo representa o negro.

Comungando do mesmo pensamento, Nascimento (1978) relata que: “em toda a história dos africanos no novo mundo nenhum acontecimento é tão excepcional quanto aquele que se registra no século XVI: a República dos Palmares, verdadeiro Estado africano constituído no seio da floresta de Alagoas, por rebeldes e fugitivos desde 1630 até 1697” (NASCIMENTO, 1978, p. 59). Inferimos assim, que Palmares representava um verdadeiro Estado africano, sendo um acontecimento grandioso, razão pela qual o quilombo é uma inspiração para o Movimento

Negro, pois, representa a esperança de transformação na sociedade. De acordo com Silva (2018, p. 443):

A experiência histórica dos quilombos, sobretudo Palmares, foi apropriada e serviu de inspiração as reivindicações do Movimento Negro ao longo do século XX. Em um primeiro momento com a Frente Negra Brasileira, movimento social surgido em São Paulo nos anos de 1930 e que chegou a ter filiais em vários estados, inclusive no Sul do país, tinha como objetivo denunciar o racismo e desenvolver ações de ajuda mútua. No seu auge chegou a fundar um partido político, em 1936, que foi extinto como golpe que instituiu o Estado Novo, liderado por Getúlio Vargas em 1937.

Como citado pelo autor a experiência histórica do quilombo foi apropriada e serviu de inspiração para as reivindicações do Movimento Negro, no século XX. Neste sentido percebemos então, que o Quilombo faz parte da construção histórica do Movimento Negro, no sentido de lutar contra um sistema estrutural que oprimia o negro/a, mesmo depois do fim da escravidão.

Outro Movimento que se inspirou no Quilombo, foi o Teatro Experimental do Negro (TEN); a esse respeito Silva (2018) discorre que: “Teatro Experimental do Negro, fundado pelo militante Abdias Nascimento, na década de 1950, que também foi editor e fundador do jornal “Quilombo”: vida, problemas e aspirações do negro, tendo circulado no Rio de Janeiro de 1948 a 1950.” (SILVA, 2018, p. 443). Pelo relato, verifica-se que o quilombo está sempre presente na história dos negros e negras, com ressignificações de acordo com o tempo e as lutas vivenciadas pelas populações negras. Para Carvalho (2016, p. 86):

O fato de terem sido formado vários quilombos no Brasil caracteriza o valor que as pessoas deram aos espaços de moradia como local de sonhos coletivos de liberdade e convívio numa sociedade organizada de acordo com a conhecida maneira de estar no mundo como símbolo de resistência.

Na citação acima, a autora fala da valorização dos quilombos, como espaços de moradia, ou seja, local de sonhos coletivos e de transformação. Entendemos que esses foram lugares de conquista e espaços de construção de vida, que mesmo com todas as limitações que tinham, se configuravam como um espaço de liberdade. Sobre esse sonho de liberdade, Carvalho (2016) discorre: “muitas foram as histórias de luta pela liberdade de pessoas que foram escravizadas que, ao morarem em grupos “mata adentro” formaram quilombos como resistência à opressão e as condições de vida a que eram submetidos os afrodescendentes de então” (CARVALHO, 2016, p. 85). Nascimento (1980, p. 263) esclarece também, que: “Quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial”. Pelo posicionamento da autora, percebemos que muitas pessoas não compreendem o Quilombo como um lugar de pessoas reunidas que tem projetos, sonhos,

vivências. Com isso entendemos quem defendem que “quilombo significa escravo fugido” são as pessoas que consciente ou inconsciente reproduzem o pensamento do colonizador.

Assim sendo, em uma perspectiva de mudança, o conceito de quilombo na atualidade ampliou-se.

A discussão a respeito da ressignificação do conceito ampliou-se, passando a ser pensado, também por acadêmicos, e não mais exclusivamente, por técnicos dos órgãos oficiais e militantes. Assim, pela proposta de Glória Moura a noção de quilombo na contemporaneidade compreenderia: “Comunidades negras rurais que agrupam descendentes de escravos que vivem da cultura de subsistência e onde as manifestações culturais tem forte vínculo como passado ancestral. Esse vínculo com o passado foi reificado, foi escolhido pelos habitantes como forma de manter a identidade” (MOURA, 1994 apud ARRUTI²⁷, 2003, p. 84).

O autor destaca que o conceito de quilombo foi ampliado e na contemporaneidade, passou a ser pensado também, por acadêmicos, diferente de outras épocas que era exclusividade de técnicos e órgãos oficiais e militares. Ficam assim evidentes, as transformações pelas quais o termo quilombo passou, durante o percurso da História, porém, mesmo tendo passado por diversas ressignificações, o que fica entendido é sua importância para o Movimento Negro brasileiro. Quilombo significa então, luta; a luta dos negros e negras, por reconhecimento, direitos e o combate a toda e qualquer forma de opressão. Destacamos assim, que é neste contexto histórico que surgem as organizações negras brasileiras, no pós-Abolição.

2.2 Fases do Movimento Negro no Brasil

Assinada a Abolição da escravatura, as populações negras começaram a se organizar; é o começo do segundo período que ocorre logo após, uma longa época de dominação, a que os negros/as foram submetidos. Vários movimentos se formaram, no intuito de fortalecer o povo negro. Conforme Domingues²⁸ (2007, p. 103):

²⁷José Maurício Arruti formado em História pela UFF, mestre e doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional da UFRJ, atuou como pesquisador do CEBRAP entre 2003 e 2006. Foi prof. no PPG em Educação da PUC-Rio entre 2007 e 2011, onde coordenou o Laboratório de Antropologia dos Processos de Formação. Realizou pesquisas em comunidades indígenas e quilombolas, tendo coordenado projetos de pesquisa e advocacia junto a tais comunidades entre 1998 e 2006 (Koinonia). https://linkedin.com/in/jos%c3%a9-maur%c3%adcio-arruti-906*8521

²⁸ Petrônio Domingues, graduado, mestre e doutor em História pela Universidade de São Paulo (USP). É professor na Universidade Federal de Sergipe (UFS). Pesquisador convidado na *Rutgers The State University of New Jersey* (EUA), com bolsa da Capes, desenvolve pesquisas sobre populações da Diáspora africana no Brasil e nas Américas, pós-emancipação, movimentos sociais, identidades, biografias, multiculturalismo e diversidade etnoracial. <https://www.gruposummos.com.br/autor,petronio-domingues/>

Para reverter esse quadro de marginalização no alvorecer da República, os libertos, ex-escravos e seus descendentes instituíram os movimentos de mobilização racial negra no Brasil, criando inicialmente dezenas de grupos (grêmios, clubes ou associações) em alguns estados da nação. Em São Paulo, apareceram o Club 13 de maio dos Homens Pretos (1902), o Centro Literário dos Homens de Cor (1903), a Sociedade Propugnadora 13 de Maio (1906), o Centro Cultural Henrique Dias (1908), a Sociedade União Cívica dos Homens de Cor (1915), a Associação Protetora dos Brasileiros Pretos (1917).

De acordo com o autor esses grupos surgiram com a ideia de reverter o quadro de marginalização, ou seja, de exclusão, no qual o povo negro era submetido. No mesmo período, surge também, a imprensa negra, uma alternativa de informações, para o povo negro. Em relação a isso, Domingues (2007, p. 104) diz que:

Simultaneamente, apareceu o que se denomina imprensa negra: jornais publicados por negros e elaborados para tratar de suas questões. Para um dos principais dirigentes negros da época, José Correia Leite, “a comunidade negra tinha necessidade de uma imprensa alternativa”, que transmitisse “informações que não se obtinha em outra parte”. Em São Paulo, o primeiro desses jornais foi A Pátria, de 1899, tendo como substituto Órgão dos Homens de Cor. Outros títulos também foram publicados essa cidade: O Combate, em 1912; O Menelick, em 1915; O Bandeirante, em 1918; O Alfinete, em 1918; A Liberdade, em 1918; e A Sentinela, em 1920. No município de Campinas, O Baluarte, em 1903, e O Getulino, em 1923. Um dos principais jornais desse período foi o Clarim da Alvorada, lançado em 1924, sob a direção de José Correia Leite e Jayme Aguiar.

O autor cita os primeiros jornais publicados, por negros e a data de circulação. Pelo exposto, o primeiro desses jornais foi A Pátria, veiculado em 1889, logo no início da República. Com isso, fica evidenciado que as populações negras inauguram um novo momento de resistência. Domingues (2007, p. 105) pontua que, inicialmente:

Esses jornais enfocavam as mais diversas mazelas que afetavam a população negra no âmbito do trabalho, da habitação, da educação e da saúde, tornando-se uma tribuna privilegiada para se pensar em soluções concretas para o problema do racismo na sociedade brasileira. Além disso, as páginas desses periódicos constituíram veículos de denúncia do regime de “segregação racial” que incidia em várias cidades do país, impedindo o negro de ingressar ou freqüentar determinados hotéis, clubes, cinemas, teatros, restaurantes, orfanatos, estabelecimentos comerciais e religiosos, além de algumas escolas, ruas e praças públicas. Nesta etapa, o movimento negro organizado era desprovido de caráter explicitamente político, com um programa definido e projeto ideológico mais amplo.

De acordo com o autor, os jornais enfocavam diversas mazelas que afetavam a população negra, no âmbito da saúde, educação, habitação e trabalho; serviam para pensar, soluções concretas para o problema do racismo. O autor relata também, que nesse período o Movimento Negro não tinha caráter político. Percebemos, pelo relato, que os jornais também tinham como ações, as denúncias sobre segregação racial, onde negros eram impedidos de ter

acesso a vários estabelecimentos, praças públicas, ruas e escolas. Fica então, evidenciada a continuação do racismo, na sociedade.

Nessa perspectiva de luta, o Movimento Negro emerge como uma união de pessoas que lutam, para resolver problemas comuns. Uma de suas principais bandeiras é a busca, por igualdade de oportunidades, por direitos e justiça social. Por essa razão, o Movimento Negro, desde sua fundação é uma articulação social de pessoas negras que buscaram formas de combater injustiças, discriminação e lutar por direitos. Esclarecido como se deu a formação inicial do Movimento Negro, no pós-abolição, vamos conhecer o significado do termo e as bases que fundamentaram o seu desenvolvimento e atuação, no Brasil. Sobre isso, Custódio²⁹ (2017, p. 22) caracteriza o Movimento Negro como:

Todo grupo que atua na luta, seja pela via ideológica, como houve nos movimentos abolicionista e acadêmicos, ou pela via física, como podemos notar nas lutas de resistência quilombola e rebeliões de confrontos armados, pela igualdade de negros e brancos e pelo fim da desigualdade social que tange as relações e que recebem novos contornos dentro do sistema capitalista.

Conforme o autor, o Movimento Negro se caracteriza como todo grupo que atua na luta, tanto pela via ideológica, como pela física. Outra forma de definição para o Movimento Negro, segundo Joel Rufino, conforme citado por Domingues (2007, p. 102):

[...] todas as entidades, de qualquer natureza, e todas as ações, de qualquer tempo [aí compreendidas mesmo aquelas que visavam à autodefesa física e cultural do negro], fundadas e promovidas por pretos e negros (...). Entidades religiosas [como terreiros de candomblé, por exemplo], assistenciais [como as confrarias coloniais], recreativas [como “clubes de negros”], artísticas [como os inúmeros grupos de dança, capoeira, teatro, poesia], culturais [como os diversos “centros de pesquisa”] e políticas [como o Movimento Negro Unificado]; e ações de mobilização política, de protesto anti-discriminatório, de aquilombamento, de rebeldia armada, de movimentos artísticos, literários e ‘folclóricos’ – toda essa complexa dinâmica, ostensiva ou encoberta, extemporânea ou cotidiana, constitui movimento negro.

Vimos que o autor deu uma definição ampla, para o termo Movimento Negro que engloba entidades de qualquer natureza, ações de qualquer tempo, protesto antidiscriminatório, de aquilombamento, de rebeldia armada, de movimentos artísticos, literários e ‘folclóricos’. Todas essas formas de ação constituem o que conhecemos como Movimento Negro.

²⁹ Doutorando em Antropologia pela Universidade de São Paulo, no qual estuda a relação racial e Cuba através do prisma da antropologia urbana e etnográfica, com o projeto "Habaneros Negros: relações raciais, estigmatização e afro-cubanía em um bairro de Havana". É integrante do grupo de pesquisa CANIBAL: Grupo de Antropologia do Caribe Global no Departamento de Antropologia da USP inserido no projeto coletivo "Cronotopos Canibais no Sul Global: A coprodução de histórias, lugares e identificações" coordenado pelo Prof. Dr. João Felipe Gonçalves (<http://www.antropocanibal.com.br/>). É mestre em Filosofia com habilitação em Estudos Culturais pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP). [//www.escavador.com/80822545](http://www.escavador.com/80822545)

Compreendemos que a partir desta perspectiva que podem se resolver problemas, diminuir as diferenças e buscar direitos, seja por meio de práticas culturais, através de reivindicações, por políticas de combate às desigualdades sociais e de atividades voltadas, para a educação e inclusão que o autor se refere. Com essas ideias de mobilização, encontra-se as organizações e entidades que lutam pelos direitos das pessoas negras. Isso significa ser importante a compreensão das fases, entender os enfrentamentos de cada período; saber o ponto de partida, avanços, pois a história do povo negro, importa: suas lutas, cultura, religião e educação.

Para compreender os caminhos percorridos pelo Movimento Negro brasileiro é necessário entender que ele possui uma longa caminhada de luta, que perpassou séculos. O povo negro viveu tempos de exploração, angústia, dor e sofrimentos que marcaram profundamente sua História, porém, nunca aceitaram essa imposição desumana e cruel, a que foram submetidos e buscaram formas de resistir.

Petrônio Domingues (2007) classificou o Movimento Negro em fases, a primeira, organizado na República (1889-1937); a segunda (1945-1964) da segunda República a Ditadura Militar e a terceira, a partir de 1978, com o início do processo de Redemocratização à República Nova, pois, novas mudanças e desafios surgiram na vida do povo negro, após a abolição, em 13 de maio de 1888; com isso passaram a enfrentar novos problemas. Veio a era Republicana, a partir de 1889, e tem início um novo sistema político; essa mudança não alterou, entretanto, o tratamento e nem assegurou direitos, aos povos negros. Começam então, as primeiras organizações coletivas de luta, tais como, grêmios literários, associações beneficentes, jornais, onde se desenvolviam atividades de caráter social, educativo, cultural, através do jornalismo, do teatro, da música, da dança e do lazer.

Posteriormente, ocorreu a fase de Ditadura Militar, com Getúlio Vargas no poder, período conhecido como Estado Novo, marcado por violenta repressão política, tornando inviável qualquer movimento de contestação. Neste período, os negros/as, passaram a priorizar a luta pelos direitos civis.

A partir de 1978, emerge nova mudança, no cenário político nacional, surgindo assim, várias entidades negras. Com a redemocratização de novas lutas e mobilizações são organizadas, agora em torno de objetivos comuns: a busca por direitos entre brancos\as e negros\as, eliminar as diferenças, entre esses dois grupos, através do enfrentamento ao racismo e à discriminação que continua presente na atualidade. Ou seja, essa investigação busca conhecer o Movimento Negro, articulação e formas de mobilização, reivindicações e conquistas, pois sabemos que a História que nos foi contada e que lemos nos livros, pois, não contam a real História do povo negro, como este vivia antes de serem arrancados de suas terras

(família, cultura, religião)? Como eram seus antepassados? O que é contado, ao longo dos séculos é só sua existência de escravizado. Neste sentido, é preciso um resgate desta História e dos fatos anteriores, entendendo que quando estudamos o passado, os acontecimentos, e, as condições em que os fatos transcorreram, passamos a compreender a nossa própria História.

Com este panorama de pesquisa é que buscamos conhecer como as populações negras reuniram-se, isto é como se estruturaram para o embater e, conseqüentemente, a sua busca por respostas que possibilitassem resolver seus problemas que envolve pautas: educacional, social, cultural, religiosa, política e econômica.

Assim, a primeira fase, de 1889 a 1937, teve início na primeira República e foi um longo período até o Estado Novo. O Movimento começou em algumas cidades e foi, aos poucos, ganhando força e expandindo-se. Neste período um dos elementos importantes surgidos, foi a imprensa negra, onde negros/as faziam a publicação, elaboravam as suas questões. O primeiro desses jornais surgiu em São Paulo, chamava-se a Pátria, de 1889; Seguindo a mesma linha, surgiram outros jornais: Homens de Cor. Clarim da Alvorada, Bandeirante entre outros.

Na década de 1930, o movimento negro, deu um salto qualitativo com a fundação, e 1931, em São Paulo da Frente Negra Brasileira (FNB), considerada a sucessora do Centro Cívico Palmares, 1926. Na primeira metade do século XX, a FNB foi a mais importante entidade negra do país. Com “delegação” – espécie de filiais – e grupos homônimos em diversos estados (Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Pernambuco, Rio Grande do Sul e Bahia (DOMINGUES, 2007 p. 93).

Observa-se assim, que o Movimento Negro deu um salto qualitativo, a partir da fundação da Frente Negra brasileira (FNB), em 1931. Ele destaca que na primeira metade do século XX, a FNB foi a entidade negra mais importante do país. O Movimento negro sofreu com golpe militar de 1964. Domingues (2007, p. 111) dispõe que:

O golpe militar de 1964 representou uma derrota, ainda que temporária, para a luta política dos negros. Ele desarticulou uma coalizão de forças que palmilhava no enfrentamento do “preconceito de cor” no país. Como consequência, o Movimento Negro organizado entrou em refluxo. Seus militantes eram estigmatizados e acusados pelos militares de criar um problema que supostamente não existia, o racismo no Brasil. De acordo com Gonzalez, a repressão “desmobilizou as lideranças negras, lançando-as numa espécie de semiclandestinidadade”. A discussão pública da questão racial foi praticamente banida.

Diante do exposto, destacamos que o ano de 1964 representou uma grande derrota, para a luta dos/as negros/as. A repressão desmobilizou as lideranças negras e as discussões públicas, a respeito da questão racial, praticamente banida. Ainda sobre os primeiros passos do

Movimento Negro no pós-abolição Silva³⁰ (2018, p. 35) aponta as primeiras lutas do Movimento Negro:

A imprensa negra, a exemplo de O Clarim d'Alvorada (1924) e o Getulino (1923), denunciava as principais formas de discriminações raciais nos centros urbanos. Tal imprensa foi o embrião da primeira instituição de luta contra o racismo brasileiro. Esses jornais, muitas das vezes, eram veículos de informação constituídos por grêmios e clubes e associações de negros. Essa imprensa, os grêmios e o Centro Cívico dos Palmares foram de fundamental importância para a criação da Frente Negra Brasileira – FNB (1931), que tornou-se a maior expressão desse movimento em sua época e obteve conquistas sociais importantes, tais como a inclusão de afro-brasileiros nos quadros da Guarda Civil de São Paulo, que anteriormente negava a admissão de afro-brasileiros aos quadros dessa instituição. O movimento social negro brasileiro, nessa primeira fase, teria como principal característica a busca pela inclusão do negro na sociedade.

Para a autora, a imprensa negra foi o embrião da primeira instituição de luta, contra o racismo brasileiro. Ela afirma que nesta primeira fase, a principal característica do Movimento Negro é a busca pela inclusão do negro, na sociedade. De acordo com Albuquerque (*apud*, Silva 2018, p. 36):

Frente Negra Brasileira (FNB) foi fundada como uma entidade negra nacional, nos moldes dos partidos políticos, com pretensões eleitorais. Alguns de seus fundadores foram Francisco Lucrecio, Dr. Guaraná de Santana, Arlindo Veiga da Costa, Raul Joviano do Amaral, José Correia Leite, dentre outros. Inicialmente a FNB se dedicava a atividades educacionais, esportivas e sociais de outras associações negras, mas logo evoluiu para a luta política, atuando, muitas das vezes, como uma espécie de central sindical de trabalhadores negros. A principal meta da FNB era assegurar o lugar da população negra no mercado de trabalho, com garantias legais.

No entendimento da autora, a frente Negra Brasileira foi fundada como uma entidade nacional, nos moldes dos partidos políticos, apontando que esta, inicialmente, se dedicava a atividades educacionais, esportivas e sociais, mas logo evoluiu para a luta política, atuando como uma espécie de central sindical de trabalhadores negros/as, cuja principal meta foi assegurar o lugar da população negra, no mercado de trabalho, com garantias legais. Em 1936, a FNB formaliza seu registro partidário. Porém, não houve tempo para se afirmar como partido, pois, em 1937, o regime ditatorial foi implantado, no Brasil.

Finalmente, em 1936, a entidade reuniu todas as condições exigidas pela Justiça Eleitoral para formalizar o registro partidário. Mas não houve tempo para a FNB se firmar como partido, pois em 1937, Getúlio Vargas estabeleceu o regime ditatorial denominado Estado Novo. Tal regime acabou com a liberdade de organização política

³⁰ Gracielle Costa da Silva, Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande (2010/2015). Mestra em Antropologia (2015/2017) pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), sito no estado de Pernambuco na cidade de Recife. Hoje com pesquisas nos seguintes eixos temáticos: Etnicidade, Identidade, Políticas Públicas, com ênfase em estudos raciais. <https://www.escavador.com/qobre/8427783/>

e sindical, de imprensa, de palavra e de manifestação pública. Todos os partidos foram dissolvidos, inclusive a Frente Negra Brasileira (SILVA, 2018, p. 37).

Esse momento, de acordo com a autora, acabou com a liberdade de organização política, sindical e de manifestação pública; todos os partidos foram dissolvidos. No século XX se destaca o surgimento do Teatro Experimental do Negro (TEN), considerado como um dos principais movimento de luta, contra o racismo, fundado por Abdias do Nascimento, em 1944 que é considerado um dos maiores nomes, quando o assunto é a valorização da população negra e a luta antirracista brasileira. Sobre esse momento histórico, de acordo com Albuquerque (*apud* SILVA, 2018, p. 37):

Abdias Nascimento foi uma das principais personalidades do movimento negro, desde a década de 1930, sua atuação se deu enquanto dramaturgo, artista, plástico, poeta, escritor e militante político. Esteve entre os fundadores da Frente Negra Brasileira e criou o Teatro Experimental do Negro (TEN), em 1945. Segundo Abdias, o TEN surgiu para contestar a discriminação racial, formar atores e dramaturgos afro-brasileiros, além de promover as tradições culturais negras. Uma das questões levantadas pelo TEN foi a introjeção do racismo pela própria população negra, tendo em vista a aceitação do ideal de embranquecimento e da supervalorização dos padrões estéticos brancos. Dentre as atividades do TEN estavam as artes cênicas, a poesia, a música negra e a ênfase nas tradições religiosas de matriz africana, incluindo o candomblé. Temos, a partir desse momento, uma mudança que gera a valorização da herança cultural africana e a percepção da ideia de mestiçagem de forma positiva. Essas foram as marcas do movimento negro brasileiro dos anos 1950. Celebrava-se a identidade mestiça do Brasil, a originalidade de um país que sintetizava referências africanas, indígenas e europeias.

Após esses primeiros anos de atuação, vem a segunda fase que se inicia com o advento do Estado novo. Esse segundo momento, foi um período marcado pela violência e repressão política. Começa no período de 1945- 1964, na segunda República até a Ditadura Militar. Sobre esse período, Domingues (2007, p. 107-108) postula que:

Os anos de vigência do Estado Novo (1937-1945) foram caracterizados por violenta repressão política, inviabilizando qualquer movimento contestatório. Mas, com a queda da ditadura “Varguista”, ressurgiu, na cena política do país, o movimento negro organizado que, por sinal, ampliou seu raio de ação. Na concepção de Guimarães, o protesto negro aumentou por diversas razões.

Conforme o autor, os anos de vigência do Estado Novo de 1937 a 1945 apresentou-se violento e inviabilizou qualquer tipo de movimento contestatório, porém esse quadro se

modificou, a partir da queda da ditadura Vargas. De acordo com Guimarães³¹ (*apud* DOMINGUES 2007, p. 108):

O protesto negro aumentou por diversas razões: Primeiro, porque a discriminação racial, à medida que se ampliavam os mercados e a competição, também se tornava mais problemática; segundo, porque os preconceitos e os estereótipos continuavam a perseguir os negros; terceiro, porque grande parte da população “de cor” continuava marginalizada em favelas, mucambos, alagados e na agricultura de subsistência.

Pelo citado aumentaram consideravelmente, os protestos após o fim da era varguista, em razão das problemáticas que negros e negras enfrentavam no mercado de trabalho. Preconceitos e estereótipos continuava sendo entraves, na vida das populações negras. Além do que grande parte do povo negro continuava às margens da sociedade.

Terminada a segunda fase, inicia-se a terceira, a partir da década de 1970 e vai até o início do processo de redemocratização à República Nova. Sobre essa terceira fase, Domingues (2007, p. 112) alerta:

Só em 1978, com a fundação do Movimento Negro Unificado (MNU), tem-se a volta à cena política do país do movimento negro organizado. Mas, afinal, como ocorreu esse processo? No plano externo, o protesto negro contemporâneo se inspirou, de um lado, na luta a favor dos direitos civis dos negros estadunidenses, onde se projetaram lideranças como Martin Luther King, Malcon X e organizações negras marxistas, como os Panteras Negras, e, de outro, nos movimentos de libertação dos países africanos, sobretudo de língua portuguesa, como Guiné Bissau, Moçambique e Angola. Tais influências externas contribuíram para o Movimento Negro Unificado ter assumido um discurso radicalizado contra a discriminação racial (DOMINGUES, 2007, p. 112).

A partir do excerto, observamos que, na terceira fase, o Brasil recebe fortes influências externas, sendo destacados, os direitos civis estadunidense e os Movimentos de libertação dos países africanos. Pereira³², citado por Silvia (2018) diz que chega um novo momento.

³¹ Prof. Antônio Sérgio Alfredo Guimarães tem graduação e mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Doutorado em Sociologia pela *University of Wisconsin*, Madison. Professor Titular (Sênior) do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo (USP), Pesquisador 1A do CNPq e pesquisador do CEBRAP. Foi *Tinker Visiting Professor* na Universidade de Chicago (Spring 2019), Titular da Cátedra Simón Bolívar da *University of Cambridge* (2016-2017) e da *Chaire Brésilienne de Sciences Sociales* Sérgio Buarque de Holanda, na *Fondation Maison des Sciences de l'Homme*, Paris (2010-2014). Foi presidente da Sociedade Brasileira de Sociologia e recebeu a comenda do Mérito Científico do governo do Brasil em 2007. Atua na área de Sociologia, com ênfase em estudos afro-brasileiros e formação de classes sociais, nos temas: identidades raciais, regionais e nacionais; racismo e desigualdades raciais. <https://sociologia.fflch.up.br/nodeq87>

³² Amílcar Araújo Pereira é Bacharel e Licenciado em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é mestre em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), com um ano de estágio doutoral na Johns Hopkins University, nos Estados Unidos. cultne.tv/educacao/seminarios/178/historias-do-pos-abolicao/video/2367/amilcar-p

Desde a fundação do Movimento Negro Unificado (MNU), no final dos anos 1970, o Movimento Negro se organizou política e discursivamente como um movimento novo, pois pensavam diferente de tudo o que já havia existido antes. Este movimento passara a associar os conceitos de raça e classe como sendo interligados. Rejeitavam a ideia de que a sociedade brasileira via a mestiçagem como sendo algo positivo, mas que, ao contrário, este era um discurso hipócrita que só reforçava o mito da democracia racial. O movimento negro atenta para a necessidade de se traçar um passado histórico dignificante dos negros, com o intuito de modificar a imagem inferiorizante que foi imbuída ao longo dos séculos. Muito embora a contribuição africana seja vista, a partir daí, de modo muito diferente dos momentos históricos anteriores, isso não significa dizer que o sujeito negro foi elevado à mesma categoria do branco. Ele ainda é o outro, o diferente, portador de uma cultura exótica. É, portanto, como movimento social organizado, surgido no Brasil como sendo parte de um processo de contestação que o movimento negro contemporâneo se levantou (PEREIRA, 2013, Apud SILVA, 2018, p. 40).

Segundo o autor, a partir da fundação do Movimento Negro Unificado (MNU), houve a associação dos conceitos de raça e classe, como sendo interligados. Rejeitavam a ideia de que a sociedade brasileira via a mestiçagem, como sendo algo positivo, havendo assim, uma mudança na concepção de olhar a situação do povo negro; começam a reivindicar um passado histórico dignificante para os negros, no intuito de eliminar a imagem inferior, reproduzida, ao longo dos séculos. Um marco histórico no entendimento de Domingues (2007, p. 114/115):

O nascimento do MNU significou um marco na história do protesto negro do país, porque, entre outros motivos, desenvolveu-se a proposta de unificar a luta de todos os grupos e organizações antirracistas em escala nacional. O objetivo era fortalecer o poder político do movimento negro. Nesta nova fase, a estratégia que prevaleceu no movimento foi a de combinar a luta do negro com a de todos os oprimidos da sociedade.⁴³ A tônica era contestar a ordem social vigente e, simultaneamente, desferir a denúncia pública do problema do racismo. Pela primeira vez na história, o movimento negro apregoava como uma de suas palavras de ordem a consigna: “negro no poder!”. O culto da Mãe Preta, visto como símbolo da passividade do negro, passou a ser execrado. O 13 de Maio, dia de comemoração festiva da abolição da escravatura, transformou-se em Dia Nacional de Denúncia Contra o Racismo. A data de celebração do MNU passou a ser o 20 de novembro (presumível dia da morte de Zumbi dos Palmares), a qual foi eleita como Dia Nacional de Consciência Negra. Zumbi, aliás, foi escolhido como símbolo da resistência à opressão racial. Para os ativistas, “Zumbi vive ainda, pois a luta não acabou”. O movimento negro organizado, com suas reivindicações específicas, adquiriu certa visibilidade pública.

Segundo o autor, a tônica era contestar a ordem social vigente, e pela primeira vez o Movimento Negro colocava na pauta, a palavra de ordem, “negro no poder”; o 13 de maio, dia da Abolição da escravatura transformou-se em dia de denúncia contra o racismo. Foi instituído também, o 20 de novembro, Dia Nacional de Consciência Negra; o movimento ganha assim, mais visibilidade. Entendemos que o MNU procurou se mobilizar, de modo a melhorar a situação do negro. Neste período de redemocratização, o Movimento Negro inaugura um novo momento de esperança de mobilização, visando a transformação da sociedade, pois, a ditadura representou um atraso, para todos os setores da sociedade, destacando-se que, neste contexto,

o golpe militar de 1964, desarticulou o movimento negro. Seus militantes eram apontados e perseguidos, sendo acusados pelo regime, de criar um problema, pois, segundo eles, não existiria o racismo.

A respeito desse período, abordamos o sentimento e a batalha de quem viveu e lutou, ativamente, para que o Movimento Negro ganhasse visibilidade e conquistasse seu espaço, no sentido de conquistar suas pautas reivindicatórias e reparação de injustiças, sofridas pelas populações negras, desde a implantação do sistema escravista que atravessou o império, até a ditadura militar. Garcia (2008): conta um pouco do que viveu, junto com outros militantes; relata no seu livro "25 Anos 1980 - 2005 Movimento Negro no Brasil" durante o período de ditadura que:

Nos anos 1970/80, vivíamos um regime ditatorial, em que o racismo estava enquadrado na Lei de Segurança Nacional - qualquer texto, qualquer discurso ou qualquer reunião sobre o racismo no Brasil era crime de subversão. Mesmo assim, desafiando todo o sistema, os negros faziam reuniões, criavam entidades e publicavam jornais. Não foi fácil nossa atitude, que andou na contramão da história, da sociedade dominante e de governos militares (GARCIA, 2008, p. 23).

Pelo testemunho acima, vimos que este período de ditadura foi complicado, onde encontros e reuniões eram consideradas suspeitas, sendo proibido qualquer discurso a respeito de racismo, pois isso era considerado um crime de subversão. Porém, essas medidas não conseguiram paralisar o Movimento Negro que continuou sua luta, suas articulações, só que de forma silenciosa. De acordo com Garcia (2008, p. 23):

Aquele período demarcou uma linha de atuação do Movimento Negro diante da ditadura militar. Enquanto os militares brasileiros apoiavam os colonizadores na África, o Movimento Negro brasileiro desafiava a ditadura e apoiava a luta de libertação dos países africanos, onde se destacavam Agostinho Neto, Samora Machel, Amílcar Cabral, Sam Nujana, Roberto Mugabe, Joshua N' Komo e tantos outros líderes.

No período de redemocratização, o Movimento Negro atuou de modo bem incisivo, o que fez com que diversos setores da sociedade passassem a rever seu posicionamento. Algumas mudanças começaram a acontecer, dentro das universidades, nas igrejas, nos partidos políticos, como frutos da luta do Movimento Negro. Percebemos que as ações do Movimento Negro, ao longo da sua história, caminharam no sentido de solucionar seus problemas mais imediatos, buscando sua inserção no mercado de trabalho, na educação e na política, através de ações afirmativas, cujo objetivo era corrigir as desigualdades sociais e o racismo.

Algumas questões são levantadas, como, o que significa a expressão negro no Brasil? "No Brasil, negro é o afrodescendente e está historicamente associado à escravidão" (SILVA;

SILVA, 2005, p. 312). Isso significa que a cor preta, na nossa sociedade, possui significado pejorativo, isto é, preconceituoso, no entanto, pode ser uma construção positiva, isso ocorre quando o/a negro/a se assume negro/a. Essa atitude é uma reelaboração de sua identidade e uma forma de resistência cultural, contrapondo-se assim, ao sentido pejorativo.

A expressão NEGRO, utilizada para humilhar, agredir e discriminar os descendentes de africanos no Brasil. Foi nesse período que o Movimento Negro reescreveu essa expressão. NEGRO tornou-se uma palavra de ordem, de reconstrução da dignidade, de desenvolvimento da autoestima. Transformamos a desqualificação na qualificação maior da nossa identidade (GARCIA, 2008, p. 23).

Segundo o autor essa distinção foi um fato importante, ocorrido na redemocratização. Percebemos então, que no Brasil existem duas maneiras para designar o ser negro. A primeira concerne a ser designado, pela sociedade. A outra forma é se autoidentificar, se assumir como tal. Silva (2008, p. 42) afirma que:

Em 1986 ocorreu a Convenção Nacional “O negro e a constituinte”, organizada pelo MNU, considerado como um importante evento para o movimento negro naquela época, pois foi nesse congresso que surgiram as propostas de criminalização do racismo e da regulamentação das terras de quilombos, mas detalharei melhor este assunto no terceiro capítulo. Outra importante determinação da Constituição de 1988 foi a criminalização do racismo, passando a ser crime inafiançável, sujeito à pena de reclusão. Essas foram algumas das importantes conquistas, por meios legislativos, conseguidas através da luta do movimento negro. No ano de 1988 acontece o Centenário da Abolição, o que motivou alguns setores do movimento negro a discutir sobre a situação do negro na sociedade brasileira. Em 11 de maio de 1988 A “Marcha contra a farsa da Abolição”, realizada na Candelária, no Centro do Rio de Janeiro, que questionava a harmonia social e denunciava o racismo. Também em 1988 é criada a Fundação Cultural de Palmares, vinculada ao Ministério da Cultura, cuja finalidade era promover a preservação dos valores culturais, sociais e econômicos que decorrem da influência negra na formação da sociedade brasileira.

Torna-se assim, fundamental que a sociedade procure compreender e conhecer a História dos afrodescendentes, sabendo com isso, diferenciar o 13 de maio do 20 de novembro. A esse respeito, a poetisa Maria do Carmo (1987 *apud* NASCIMENTO, 2001, p. 169) escreveu um poema que diz:

Vejo o treze de maio um dia feio,
Branco, sem colorido.
Como coisa morta, fantasmagórica.
Dá medo de sair, vontade de ficar escondida
E procurar aconchego como em dia de vendaval,
Quando criança.
Oxalá vente muito forte e apague a ilusão
Da democracia racial,
Acendendo o amor do negro pelo que é seu.

Nesse poema a autora expressou o seu sentimento de conhecimento, e expôs para que outros entendessem, o que essa data representa para o povo negro. Sobre o 13 de maio, Geraldo dos Santos Nascimento³³ (2001) Mestre em Ciências Políticas pela Universidade Federal de Santa Maria, em seu artigo *Uma Tentativa de Romper a Barreira do Racismo*, manifesta seu posicionamento assim:

Os negros e todos os brasileiros precisam saber que esse é um dia da cultura branca, de branco para brancos, que para contrapor com essa data foi criado o “Dia da Consciência Negra”, no dia da morte do grande líder Zumbi dos Palmares. Essa comemoração deverá acontecer no dia 20 de novembro e deverá ser data reservada no calendário, para a valorização da comunidade negra e para reforçar o combate ao racismo (NASCIMENTO, 2001, p. 169).

Como foi citado acima, brasileiros e brasileiras precisam entender que o dia da Consciência Negra difere do dia 13 de maio, pois se trata de reconhecer aquele que representa um símbolo de resistência, contra a opressão; é uma data para ser valorizada, para lembrar a morte de um grande lutador e para refletir sobre o racismo estrutural, sobre a discriminação racial e acerca de políticas de ações afirmativas, ou seja, é um dia para rever as conquistas e para lutar, por justiça social. Vimos que essa data, o 20 de novembro é repleta de significados e representa a luta contra o racismo. Significa que após tanto sofrimento e violência veio a tão desejada liberdade, no sentido de as populações negras começarem a se organizar.

Nascimento (2001), refere que “um dos canais que poderá ser usado é o da recuperação da memória do negro que chegou ao Brasil, em meados do século XVI. Só assim, o negro poderá (ré)fazer sua árvore genealógica, conhecer-se melhor, amar-se.”(NASCIMENTO, 2001, p. 169). O autor aqui fala da importância da memória, como meio de recuperar a ancestralidade.

Seguindo esse raciocínio, de que não temos uma história única e que é preciso se reconhecer como negro/a, ou seja, como alguém que possui História e que é protagonista. Neste sentido, Ngozi Adichie Chimamanda³⁴ (2009) da Nigéria, grande escritora e feminista da atualidade, em sua obra *O perigo de uma história única* (2009, p. 10) pontua:

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas

³³Geraldo Santos do Nascimento. Mestre em Ciências Políticas pela Universidade Federal de Santa Maria (2001).

³⁴ Chimamanda Ngozi Adichie é uma romancista nigeriana, escritora de não ficção, contista e atriz. Como escritora nigeriana experiente, ela foi chamada de “a mais proeminente” de uma “procissão de jovens autores anglófonos aclamados, pela crítica que está conseguindo atrair uma nova geração de leitores para a literatura africana”. <https://cronacron.com/media-personalities/3235-chimamanda-ngozi-adichie-husband-family-education-biography-facts.html>

podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada.

A autora nos lembra que, dependendo do olhar e do ponto de vista, nossas histórias podem ser usadas para espoliar, mas também podem ser usadas, para humanizar. Sabemos que na historiografia tradicional do Brasil, o olhar foi voltado, para os senhores, pois, negros e negras eram ignorados, sendo apenas admitida sua existência. Emerge então, a necessidade de se reescrever os acontecimentos, os fatos, a vida do povo negro na sociedade brasileira, desde o início, quando foram submetidos ao regime de escravidão, como pessoas que compõem as principais bases formadoras da sociedade brasileira, nos diversos setores na política, economia ou cultura, para, desta forma eliminar essa construção histórica onde pessoas negras se configuram, como peça sem valor.

Assim, as organizações dos/as negros/as nasceram da necessidade de ressignificar e transformar, sua história. Para atingir esse objetivo de mudança social é que foram criados o MNU (Movimento Negro Unificado), a FNB (Frente Negra Brasileira), o TEN (Teatro Experimental do Negro) entre outros, em momentos diferentes da história do Brasil. Um momento de luta importante, que uniu vários movimentos negros do Brasil, ocorreu durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, como podemos observar:

Em 1995, ocorre a Marcha Zumbi dos Palmares contra o Racismo, pela cidadania e a Vida, em homenagem aos 300 anos da morte de Zumbi. Fernando Henrique Cardoso foi o primeiro presidente da República a reconhecer publicamente a existência de discriminação racial em nossa sociedade. E em 9 de janeiro de 2003 é assinada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva a lei que torna obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados (PEREIRA, 2010, *apud* SILVA, 2018, p. 44).

Como citado pela autora, em 1995, ocorre a Marcha Zumbi dos Palmares, contra o racismo, pela cidadania e a vida. Fernando Henrique Cardoso foi o primeiro presidente a reconhecer publicamente a existência da discriminação racial, em nossa sociedade; em 2003, o presidente Luís Inácio da Silva sanciona a lei que torna obrigatória o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, uma conquista, ao mesmo tempo que resultante das lutas do Movimento Negro.

2.3 Movimento Negro no Maranhão

Abordamos, neste tópico, o surgimento do movimento negro, no Maranhão, tendo seu início ocorrido na terceira fase do Movimento Negro brasileiro, ou seja, a partir do processo de

Redemocratização à Nova República. Percebemos que ao longo da História, o movimento negro se organizou de diversas formas, cabendo reconhecer que ele não é uno, mas plural. Tem, porém, desde seu início, buscado potencializar seus esforços em mobilizações, pautadas por objetivos de defesa da causa negra.

Assim, neste contexto histórico é que o Movimento Negro desponta na cidade de São Luís, capital do Maranhão. Como foi o início? Quais influências? Como foi a fundação? E Quais as formas de ações? As respostas para estas questões serão dadas por alguns dos militantes do movimento do Maranhão, como por exemplo, Mundinha Araújo³⁵ e Magno Cruz³⁶.

De início, foi uma luta por Consciência da negritude, de acordo com Mundinha, sua percepção de preconceito racial foi a partir de conversas com o seu irmão, que tinha ido estudar no rio de janeiro e estava de férias no Maranhão, segunda ela:

Ele começou a falar de muitos fatos que nós aqui não sentíamos. Aí ele disse: ‘Vocês ainda não perceberam’. Começamos então a ver como o preconceito se manifestava; nem toda vez tinha que ser muito acintoso para que fosse percebido. A gente vivia uma ilusão. Você imagina: morar aqui no centro da cidade, a quatro quadras da rua principal. Nós não tínhamos essa identidade como negro de periferia, não se tinha a identidade com o negro” (ALBERTI; PEREIRA 2007, p. 65).

Pelo depoimento de Mundinha Araújo, a gente percebe que inicialmente, nas conversas com seu irmão, ela percebeu que vivia uma ilusão, isto é, não tinha Consciência sobre a questão do preconceito racial e também não tinha identidade com o negro. Esse diálogo com seu irmão fez ela ver as coisas com um outro olhar. Relata o seu sentimento, ao tomar consciência, segundo disse: “Eu acho que quando a gente toma consciência, começa a sofrer. Eu sofri. Aí não era mais em relação a mim, era em relação ao povo negro; aí minha tomada de consciência já vai ser assim para o coletivo “(ALBERTI; PEREIRA, 2007, p. 66). Foi neste momento de tomada de consciência que Mundinha despertou para o coletivo. Não se tratava mais de um incômodo individual. E ela passou a ter um outro comportamento; o cabelo, por exemplo, passou a usar natural, estava fazendo o seu movimento, mas já pensando que o assunto era sério e que precisava fazer algo.

³⁵ Maria Raimunda (Mundinha)Araújo. Formada em Comunicação Social pela Federação das Escolas Superiores do Maranhão, em 1975; foi fundadora do Centro de Cultura Negra do Maranhão (CCN), em 1979, a primeira vice presidenta. De 1980 a 1982 ocupou a presidência no mandato seguinte de 1982 a 1984. Foi diretora do Arquivo Público do Estado do Maranhão, entre 1991 e 2003.

³⁶ Magno Cruz. Engenheiro formado pela Universidade Estadual do Maranhão em 1976. Foi presidente do Centro de Cultura Negra do Maranhão (CCN) por dois mandatos consecutivos, de 1984 a 1988. Foi presidente do Conselho Diretor da Sociedade Maranhense de Direitos Humanos e era diretor de formação do Sindicato dos Urbanitários do Maranhão, filiado à Central Única dos Trabalhadores (CUT).

De fato, conscientização é algo que faz as pessoas se mover e Mundinha começou a se movimentar. Assim, sobre essa questão da consciência, Magno Cruz, afirmou em depoimento a Alberti; Pereira (2007) que, efetivamente, entrou para o CCN, em 1983, porém, já conhecia Mundinha Araújo, que sempre que se encontravam ela o convidava para o CCN, que a Mundinha andava com o livro de Ata e que ele chegou até a assinar, em 1980. Então, qual era a resistência? Por que ele não se engajava no trabalho do CCN? Sobre isso ele, assim se expressou:

Eu não me considerava negro. Inclusive meu apelido na faculdade era ‘Moreno’. As pessoas eu não conhecia meu nome me chamavam de Moreno. E eu era crente que eu era moreno. Essa questão da identidade é muito complicada, não é? Eu não dizia que não ia porque não me considerava negro. Mas no fundo eu tinha essa resistência. Pensava: como ia participar de uma entidade do Movimento Negro se eu não me considerava negro? Mas com os seminários e com as palestras, que houve muito, eu fui mudando. Vieram vários historiadores, o Joel Rufino veio dar cursos etc. A Mundinha deu o encaminhamento que eu acho que foi o melhor possível, porque foi de formação (ALBERTI; PEREIRA, 2007, p. 55).

Pelo depoimento do Magno Cruz, percebemos como ele não se identificava como negro; não tinha consciência da sua cor, em uma espécie de ilusão, com essa história de ser moreno. Destacamos que essa atitude era comum, considerando o percurso histórico e mesmo social do povo brasileiro. Fomos educados, no contexto de uma falsa democracia racial, assim como também, de que não havia preconceito e discriminação racial, no Brasil. O depoimento dele demonstra, como é importante o trabalho de conscientização, pois foi em função de seminários e palestras que ele se conscientizou da sua negritude e depois desta tomada de consciência, Magno Cruz se engajou na luta. Esse processo de tomada de consciência, segundo disse: “As primeiras reuniões que eu fui no CCN eram reuniões de estudo” (ALBERTI; PEREIRA, 2007, p. 55). Uma demonstração de que o estudo, o conhecimento sobre África, negritude, raça, racismo, preconceito.

Essas histórias diferem daquelas contadas nos livros didáticos, o que faz toda a diferença, quando se considera a busca pela ancestralidade, assim como, pelas histórias que foram silenciadas, que as pessoas se conscientizam, ainda que vivam uma ilusão, mas, através do conhecimento, se pode mudar a própria História e Magno Cruz mudou a dele e a de várias pessoas, por meio de sua mobilização e de seu ativismo.

Neste sentido de tomada de consciência, e mudança de atitude é que Josilene (Jô) Brandão³⁷, faz a seguinte declaração:

Em meados dos anos 1980, o Centro de cultura Negra do Maranhão, CCN, realizava os primeiros encontros de comunidades Negras do Maranhão, e o assunto era ‘educação’. Eles tinham feito um trabalho de identificação das áreas de quilombo, e então convidaram várias comunidades rurais. Mandaram um convite para a comunidade e a pessoas me mandaram para o Encontro, porque ia tratar da questão do negro e de educação. Foi a primeira vez eu tive contato, de fato, com o movimento negro. E foi um momento marcante, porque era eu me descobrindo enquanto negra. Porque tinha a coisa da ‘morena’ da família, mesmo sendo negra, mas tratando isso de outra forma. E quando cheguei no Encontro foi uma coisa muito bonita, porque foi a primeira vez que vi tantos negros reunidos e todo mundo muito bonito. Foi um momento que eu registrei, porque foi como se eu tivesse me achado. Quando eu entrei naquele auditório, tudo era negro, eram negros e negras. Era como se eu tivesse entrado e me visto, foi uma sensação que eu guardo até hoje: de ter me visto ali (ALBERTI; PEREIRA, 2007, p. 57).

E mais um testemunho de alguém, que era negra, mas que se achava morena, ou seja, negava a sua cor, sua origem; que não tinha consciência da sua negritude. Pelo depoimento, percebemos o encantamento de Jô Brandão, por estar em um ambiente onde se viu representada. Ela pôde perceber que negros tem História e fazem História. Ela ficou encantada com o que viu, foi o nascimento de uma nova mulher; de uma mulher negra, agora com conhecimento de pertencimento, de realmente saber quem era e também por onde seguir. Ela ainda diz que: “ali eu comecei a aprender, de fato – porque aprendizagem é para a vida toda – o que era o movimento negro e o que ele significava” (ALBERTI; PEREIRA, 2007, p. 58). Pelo depoimento, fica evidenciado a importância do movimento negro, na questão da conscientização, da formação de consciência da negritude, por meio de encontros e palestras.

Para organizar o Movimento Negro, foi preciso um trabalho árduo de conscientização, de levar as pessoas a refletir sobre si mesmas e seu comportamento. Consciência é mudança nos rumos, nas atitudes; é o nascimento para um jeito de ser, pensar e de agir e que para que tais mudanças ocorram, é preciso um despertar. Mundinha diz que na vida dela, tudo foi um processo e quando ela entrou na universidade, já começou a falar sobre a questão racial. Porém, em se tratando de influências, na sua vida, ela fez o seguinte comentário:

O doutor Cesário Coimbra ocupou cargos, foi deputado estadual, deputado federal, era rico, tinha fazendas no interior e estudou no Rio Grande do sul. E quando estudou lá, ele foi de movimento, de uma associação dos negros de cor. Uma vez ele me mostrou o estatuto, ele já tinha alguma vivência de organização. E quando eu ia me

³⁷ Josilene (Jô) Brandão nasceu na cidade de Salobo, próximo de Bacabal (MA), iniciou sua militância em grupos de jovens da Igreja Católica e no Partido dos Trabalhadores. Foi assessora das mulheres quebradeiras de coco babaçu, no Maranhão e em 1987, Assessora da Associação das comunidades Negras Rurais Quilombolas do Maranhão (ACONERRQ).

consultar, ele gostava muito de conversar comigo, e dizia para minha mãe: ‘sua filha é muito inteligente, gosto de conversar com ela’. E nós começávamos a falar de preconceito, discriminação, e ele dizia: ‘Olha aqui se precisa criar um grupo. Nós precisamos criar um grupo para ver essas questões’ Se teve alguém que me influenciou, foi o doutor Cesário Coimbra” (ALBERTI; PEREIRA, 2007, p. 96).

Pelo depoimento, a gente percebe que Mundinha teve essa orientação de como se organizar, mas que ela tinha vontade mesmo de conhecer e de aprender. Foi nesta perspectiva de vencer obstáculos, conhecer mais que ela, em dezembro de 1979, resolveu ir ao Rio de Janeiro, para procurar as entidades negras de lá, pegar estatutos, isso porque foi uma orientação, de acordo com ela: “O Neiva Moreira, tinha orientado que a gente se formalizasse: ‘não vai ficar o tempo todo, vocês estão pretendendo o quê? Criem um grupo formal, regularizem, tenham um estatuto” (ALBERTI; PEREIRA, 2007, p. 96). Isso porque, de acordo com Mundinha Araújo, pensavam em ser só grupo de estudos, porém em 1979, a ideia era se transformar em entidade jurídica. Sobre sua viagem ao Rio de Janeiro, ela deu o seguinte depoimento:

Nessa vez, no Rio eu conheci a Lélia Gonzalez, também e já algumas pessoas que eles me apresentaram e fiquei muito feliz. Para vocês verem: esse intercâmbio, eu vi se prolongar por muitos anos, começa logo aí, antes do CCN estar formalizado. Ainda não tinha nome, não tinha nada. Mas a gente já sabia que queria fazer pesquisa, queria ir para a comunidade negra, queria fazer denuncia de racismo, de preconceito, não era uma coisa só. (ALBERTI; PEREIRA, 2007, p. 97).

Vimos pelo depoimento de Mundinha Araújo que o pensamento agora, não era só um grupo de estudo; era algo bem mais amplo, já estava com tudo organizado, mesmo sem a formalização, com os objetivos definidos. Prontos para as mobilizações.

Então, após a vinda do Rio de Janeiro, ocorreu o momento para as articulações de fundação do CCN, desde a escolha do nome e da diretoria, entre outras providências. A escolha do nome foi uma sugestão do Luizão³⁸: “Vamos botar Centro de Cultura Negra do Maranhão, que é abrangente e a gente vai fazer o que se quiser sem chamar muita atenção; a maioria concordou e ficou assim” (ALBERTI; PEREIRA, 2007, p. 174). Após a escolha do nome, o próximo passo foi a escolha do presidente. Mundinha Araújo disse que não queria e que preferia estar organização. Foram então atrás do Luizão, que disse: ‘Não. Vocês sabem que estou chegando agora. Tu é que tem que ser Mundinha’. Eu disse: ‘Não Luizão ‘Então, quando tiver

³⁸ Luís Alves Ferreira, Formado em medicina pela Universidade Federal do Maranhão, primeiro médico negro do município de Brejo (MA). Foi um dos fundadores do Centro de Cultura Negra do Maranhão (CCN), em 1979 e primeiro presidente da entidade de 1880 até 1882. Mestre em Patologia, pela Universidade Federal da Bahia, em 1992.

que dar entrevista em jornal, em televisão, eu não vou. E assim ficou, elegeram a primeira diretoria e eu era a vice presidenta (ALBERTI; PEREIRA, 2007, p. 175). E assim foi a fundação do CCN do Maranhão, com Luizão na presidência e Mundinha como sua vice. Sobre esta fundação. Luizão deu o seguinte depoimento:

Construímos o Centro de Cultura Negra do Maranhão, fizemos estatuto, tudo isso, aí me escolheram como primeiro presidente. Eu nem estava preparado. Eu nem estava querendo, eu dizia: Mundinha tu que tens que ficar, os companheiros todos diziam isso. Mas foi uma certa convocação. Aí aceitei (ALBERTI; PEREIRA, 2007, p. 175).

E assim é que ocorreu a fundação do CCN-MA. Agora com nome, diretoria e finalidade. Após a fundação começa a fase da mobilização negra, no Maranhão. A este respeito, a partir de 1980, fizemos a primeira Semana do Negro, com palestras nas escolas, Mundinha começou a ir ao Arquivo Público, para pesquisar informações a respeito do negro. Depois foi criada a Semana da Consciência Negra, no mês de novembro.

Sobre as ações nas escolas, Magno Cruz fez o seguinte relato: Tivemos muitas barreiras; tinha escola que a gente chegava, já tinha mandado ofício há um mês e o diretor não queria a palestra. A gente tinha que ameaçar denunciar na Secretaria de Educação. Não foram fáceis esses momentos (ALBERTI; PEREIRA, 2007, p. 206) Pelo relato, percebemos que nem sempre as pessoas eram receptivas e que o movimento enfrentou algumas dificuldades, em relação a essas ações nas escolas; no entanto, eles insistiram e conseguiram desenvolver suas propostas de embate contra o racismo, o preconceito e a discriminação.

Para Mundinha Araújo, um momento muito importante, não só para o CCN - MA, mas para os movimentos negros do Brasil, foi o primeiro encontro do Memorial Zumbi, em 1980 em Alagoas, sendo a primeira vez, depois da anistia que se reuniram as antigas lideranças, como Abdias do Nascimento, Joel Rufino, Beatriz Nascimento, Clovis Moura com o pessoal que surgiram com movimentos em 1978, e 1979. Depois vieram os encontros de negros e negras do Norte e Nordeste, onde ocorria intercâmbio e troca de experiências. Em 1986, o CCN fez o I encontro de Comunidades Negras Rurais do Maranhão, onde a temática foi o Negro na Constituição. Após 1988, Josilene (Jô) Brandão diz que quando se fala em Movimento Negro, engloba tanto rural como urbano e que o movimento quilombola faz parte desta história.

De acordo com o testemunho das lideranças ficou evidente que as questões principais, envolvendo negros e negras é a falta de consciência da negritude; de não se reconhecer como negro. Que o estudo, palestras e seminários são esclarecedores e importantes, para as pessoas se encontrarem consigo mesmas, não se iludirem, se enganando que não são negros/as, mas

morenos/as. Portanto, consciência e formação são as chaves, para fazer o Movimento Negro, obtendo, assim, êxito, nas pautas e demandas a que se propõe desenvolver.

CAPITULO 3 – ATUAÇÃO DO CENTRO DE CULTURA NEGRA - NEGRO COSME (CCN - NC) NA CIDADE DE IMPERATRIZ - MARANHÃO

Ao meu redor tudo é branco
 O modelo do anúncio
 É branco
 Os galãs da televisão e do cinema
 São brancos
 Os heróis dos contos de fadas
 São brancos
 O gerente do banco
 É branco
 O gerente da loja da esquina
 O médico
 O advogado
 O juiz
 O promotor
 O delegado
 O diretor
 Todos são brancos
 Meus professores
 São brancos
 Até o quadro negro da universidade
 É branco
 Às vezes me sinto uma mosca
 Afogando nesse leite [...]
 (ALMEIDA, PROGRAMA PROSA DE PRET@
 em: 19/11/2021)

Buscamos neste capítulo descrever acerca da atuação do Centro de Cultura Negra Negro Cosme (CCN-NC), na cidade de Imperatriz - Maranhão. Vamos conhecer a História do CCN-NC e como foi a formação do Movimento Negro, em Imperatriz, seus primeiros passos, as motivações, como se organizou, as pautas defendidas e os desafios, para o futuro. Para início das discussões, refletimos sobre alguns versos do poema “Denegrindo³⁹” de Domingos de Almeida, quando ele diz “ao meu redor tudo é branco”. O autor chama a atenção para a exclusão do povo negro, em vários espaços da sociedade, porém, é fundamental compreender que o negro tem direito e luta, para ocupar os espaços, no mesmo nível de igualdade que o branco. É com este contexto de luta que desponta o Movimento Negro de Imperatriz, da iniciativa de duas mulheres negras, professoras, que perceberam não haver nenhuma organização que discutisse as questões relacionadas à temática das populações negras, na cidade de Imperatriz. Uma delas, Izaura Silva⁴⁰, já tinha militado no Centro de Cultura Negra do Maranhão, e também foi

³⁹ Denegrindo vem do verbo denegrir. O mesmo que: obscurecendo, aguarentando, enegrecendo, enlodando, escurecendo, infamando, maculando, manchando. <https://www.dicio.com.br/denegrindo/>

⁴⁰ Isaura Silva, pedagoga pela Universidade Federal do Maranhão, mestra em História pela Universidade Federal do Ceará, professora aposentada emérita da Universidade Estadual do Maranhão, pedagoga orientadora

fundadora do Movimento Negro na cidade de Caxias, quando se mudou para Imperatriz, e chegando à cidade, observou a ausência de debates a respeito de negros e negras e, sentiu o desejo de formar um grupo para debater essas temáticas. Foi quando conheceu a professora Maria Luísa⁴¹e, a partir de suas conversas, decidiram criar um grupo para estudar e refletir sobre as questões étnico raciais. Como Maria Luísa era bem relacionada e conhecia bastante pessoas na cidade, decidiram formar um grupo para estudar e discutir sobre as problemáticas, enfrentadas por negros e negras, ao longo dos anos.

A partir dessa tomada de decisão, Maria Luísa começou a se movimentar, convidando amigos, estudantes e professores para participar de reuniões, na Universidade Estadual do Maranhão e assim, começaram os primeiros encontros, na década 90. Inicialmente, estas mobilizações se deram, em sala de aula, em 1990, se reunindo, estudando, convidando pessoas para se integrar às reuniões e com esses passos, deram origem ao primeiro Movimento Negro da cidade de Imperatriz.

A movimentação desse pequeno grupo resultou na Lei n. 973 de 2001, que criou Semana Municipal da Consciência Negra, projeto do então vereador Mariano Dias⁴², que posteriormente se tornou o 1º presidente do Centro de Cultura Negra-Negro Cosme. A semana nasceu com o objetivo de demonstrar para a sociedade, as dificuldades vivenciadas, ao longo da História, por negros e negras, em Imperatriz. A referida lei veio fortalecer a luta do movimento e também estabeleceu as bases para fundação, no dia 27 de março de 2002, do Centro de Cultura Negra-Negro Cosme (CCN-NC), fundado em uma Assembleia realizada na Academia Imperatrizense de Letras. Este foi o percurso da luta iniciada, nos anos 90, contra o racismo, que a partir de 2002 passa a atuar como entidade, com estatuto e diretoria, constituído como sociedade sem fins lucrativos, de acordo com o Art. 2º do estatuto do Centro de Cultura Negra - Negro Cosme que tem por finalidade:

- a) Lutar pela construção de uma sociedade sem discriminação racial; b)
- Contribuir e promover a formação do negro para o exercício da plena cidadania; c)

educacional do Instituto Federal do Maranhão campus de Imperatriz, uma das fundadoras do Movimento Negro em Imperatriz, foi presidenta do Centro de Cultura Negra Negro Cosme no período de 2008 a 2012. Programa Prosa de Pret@ em: 03/12/2021.

⁴¹ Professora ativista do Movimento Negro Maria Luísa Rodrigues de Sousa, formada em letras, português e inglês pela Universidade Estadual do Tocantins, Especialista em Políticas Públicas em Gênero e Raça pela Universidade Estadual do Maranhão. Faz parte do grupo de fundadores do Movimento Negro na cidade de Imperatriz e do Centro de Cultura Negra Negro – Cosme, entidade que presidiu de 2004 a 2008. Programa Prosa de Pret@ em: 17/12/2021.

⁴² Mariano Dias Pereira, licenciado em Ciências, pela Universidade Estadual do Maranhão, Servidor público Federal; possui uma longa trajetória nos movimentos sociais e políticos. Faz parte do grupo que fundou o Centro de Cultura Negra Negro Cosme aqui de Imperatriz, entidade que presidiu entre o período de 2002 a 2004. Programa Prosa de Pret@ em: 11/03/2022

Estimular a participação dos negros na elaboração de políticas públicas voltadas para o bem-estar coletivo; d) Contribuir na construção de uma sociedade justa, fraterna e solidária, e fundamentada na responsabilidade individual e social do ser humano (Estatuto do Centro de Cultura Negra – Negro Cosme).

O nome escolhido foi uma homenagem ao quilombola e líder da Balaiada⁴³: Cosme Bento das Chagas⁴⁴. Ao longo dos anos, a sede do CCN-NC funcionou em alguns espaços; inicialmente na Academia Imperatrizense de Letras e a partir da metade do mês de maio de 2022, passou a funcionar em novo endereço, localizado nas dependências do Sindicato dos Trabalhadores e das Trabalhadoras Rurais de Imperatriz, na rua João Lisboa, nº 1205, entre as ruas Alagoas e Sergipe, no Centro de Imperatriz – Maranhão.

Ressaltamos que para o desenvolvimento deste terceiro capítulo, nossa abordagem, foi feita a partir do Programa Prosa de Pret@ - 2ª temporada, composto por 10 episódios onde apresenta como objetivo a produção e o compartilhamento de conteúdo audiovisual antirracista, em que a essência é a valorização da identidade e da cultura negra.

O Programa é um projeto desenvolvido pelo Centro de Cultura Negra - Negro Cosme (CCN-NC), com o apoio do Grupo Carrefour, por meio do edital Juntos para Transformar. O Programa Prosa de Pret@ apresenta-se em quatro quadros: Balaio do Cosme (História), Mundo Negro (entrevistas com temáticas étnico raciais), Literanegr@ (declamação de poesias) e, Heróis de todo mundo (no qual um/a convidado/a responde a perguntas e fala sobre o seu herói ou heroína). O Programa foi publicado no YouTube, no período de 2021 – 2022. As categorias discutidas foram: Consciência Negra, Racismo Estrutural, Ações Afirmativas, Feminismo Negro, Gênero, Religião, Literatura Negra, Educação Antirracista, Movimentos Sociais e Juventude Negra, foram elas, mais a entrevista realizada com Doralice de Assunção Mota. As vivências no CCN-NC, assim como também, as leituras realizadas foram fundamentais para o embasamento e respostas às questões de pesquisa. Estas discussões são necessárias, pois vivemos numa sociedade, permeada por preconceito, discriminação e desigualdade racial, isto, é, imposição da branquitude, ocupando sempre lugar de privilégios e reproduzindo o racismo

⁴³ Balaiada, Revolta que ocorreu no Maranhão no século XIX, de 1838 a 1841, e teve como uma das características principais, a liderança de homens pobres, mestiços e escravizados. Programa Prosa de Pret@ em: 19/11/2021.

⁴⁴ Cosme Bento das Chagas, o Negro Cosme nasceu em Sobral no estado do Ceará, em 1800, vivia de pequenos expedientes sabia ler e escrever. Em 22 de setembro em 1830 foi preso, o motivo da prisão ter assassinado o fazendeiro Francisco Raimundo Ribeiro em Itapecuru mirim, no Maranhão, porém, não se sabe as motivações, e em quais circunstância, ocorreu este homicídio, mas é certo que foi preso e enviado à cadeia da capital, São Luís. Programa Prosa de pret@ em: 14/01/2022.

ao longo do tempo, como citado na epígrafe inicial, “denegrindo”, de Domingos de Almeida⁴⁵. Acreditamos que é possível romper, descolonizar esta forma de organização da sociedade e democratizar esses espaços. É com mobilização e conscientização que esses espaços serão conquistados.

3.1 As categorias trabalhadas pelo CCN - NCC

Sabemos que Consciência Negra⁴⁶ é o reconhecimento da contribuição de negros/as, para a construção da sociedade brasileira, porém muitas pessoas se posicionam contrárias a este reconhecimento. De acordo com o jornalista Domingos de Almeida alguns se posicionam da seguinte forma:

Não precisamos de um dia da Consciência Negra, mas de 365 dias de consciência Humana” ou já se deparou com o vídeo do ator americano Morgan Freeman, em que ele defende que: “precisamos parar de falar sobre isso” Essas são colocações implícitas com um objetivo único e exclusivo: “apagar a história real”. Quando as pessoas dizem que precisamos parar de falar sobre o racismo, elas estão silenciando e negando a história do próprio país, a colonização, o racismo e se negando a ser antirracista (ALMEIDA, Programa Prosa de Pret@ em: 19/11/2021).

Consideramos esta fala coerente porque vivemos em uma sociedade onde as pessoas não se reconhecem e têm comportamentos negacionistas e nada fazem para mudar a situação da discriminação racial. Segundo Domingos:

A Lei nº 12.519 que em 2003 foi incluída no calendário escolar, mas que o feriado só foi oficializado em 2011 pela então presidenta Dilma Rousseff. A celebração da Consciência Negra, no Brasil acontece no dia 20 de novembro e é atribuída a morte do líder quilombola Zumbi dos Palmares. (ALMEIDA, Programa Prosa de Pret@ em: 19/11/2021).

Com isso, percebemos, a celebração do 20 de novembro, uma conquista para negros/as, pois é um dia para refletir sobre o percurso, lutas e também para desenvolver projetos e planejar ações que venham equilibrar a nossa sociedade, onde o povo negro tenha reconhecimento do seu valor, como construtor da sociedade brasileira. Para Boff¹ (2004, p. 88):

⁴⁵ Domingos Alves de Almeida, ator e diretor formado em jornalismo pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA, especialização em Relações Internacionais Contemporâneas da América Latina (RIC), mestre em Integração Contemporânea da América Latina (ICAL) ambos pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA, doutorando em Mídia e Cotidiano na Universidade Federal Fluminense – UFF e militante do Centro de Cultura Negra – Negro Cosme (CCN-NC) de Imperatriz – MA. ALMEIDA, Domingos. Poemas em retalhos negro-nordestinos, Imperatriz, MA: Editora Balaiada de Escritas Negras, 2021.

⁴⁶ Consciência Negra, é a percepção da pessoa negra em relação as suas origens, no entendimento das raízes culturais e históricas dos seus antepassados. A consciência negra também representa a identificação da causa e luta dos ancestrais africanos que desembarcaram no Brasil e trouxeram consigo toda a cultura, costumes e tradições do seu povo. Consciência negra o que é? <https://www.geledes.org.br>

Se não sou negro por raça posso ser negro por opção política, quer dizer, mesmo não sendo negro, posso assumir a causa de libertação dos negros, defender o direito de suas lutas, reforçar como puder, sua organização e sentir-me aliado na construção de um tipo de sociedade que torne cada vez mais impossíveis a discriminação racial e a opressão social e que veja como riqueza a diferença e a escolha como complementação.

Como bem pontuado pelo autor, não é necessário ser negro, para assumir a causa de libertação dos negros. É preciso consciência, reparar injustiças, reconhecer suas lutas, na formação de uma sociedade, onde as diferenças sejam respeitadas, o que consideramos a partir do pensamento que, ao longo da História do Brasil, negros e negras foram vítimas de um sistema, imposto pelo colonizador europeu branco, que lhes tirou a liberdade e os colocou à margem da sociedade. Neste sentido, Boff ⁴⁷ (2004) apresenta a Consciência Negra como negação da negação e elenca cinco “nãos” históricos, referentes às populações negras que foram excluídas. O primeiro não vem do processo colonial, o segundo da escravidão e o terceiro, da exclusão social; o quarto não provém do racismo e o quinto da marginalização religiosa. Esse foi o modelo de sociedade, ao qual o povo negro trazido da África foi submetido.

A exclusão e discriminação, no Brasil, se deu a partir do processo de colonização, em que o colonizador branco retirou direitos fundamentais do povo negro, como: autonomia, projeto próprio, independência e a identidade, ou seja, existindo e produzindo somente para os outros, tendo sua vida e sua morte, sob o domínio do colonizador, perdendo com isso, o direito de existirem como povo. Agostini⁴⁸ (2004) relata que: “Uma vez desembarcados e separados, eram leiloados, conforme sua capacidade de trabalho. Os que tinham tornozelos finos serviam para o trabalho pesado da lavoura; os de tornozelos grossos eram bons para o trabalho doméstico” (AGOSTINI, 2004, p. 42). Pela narrativa, percebemos que a situação do negro era dramática e desesperadora. Eles perdiam todo o vínculo familiar já que eram separados, tratados como coisa (mercadoria), pois eram leiloados. Além de não escolher que tipo de trabalho cada um desenvolveria.

Foi assim que o colonizador português desenvolveu seu projeto de alcançar riqueza, através da escravização de negros/as, lhes tirando o direito de pessoa, transformando o

⁴⁷ Leonardo Boff é formado em Teologia e Filosofia, professor de Ética e Filosofia da Religião na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Foi também professor visitante nas universidades de Harvard, Basel e Heidelberg. Junto com outros ajudou nos anos de 1970 a formular a teologia da libertação. É autor de mais de 70 livros (2004).

⁴⁸ João Carlos Agostini, Bacharel em História pela Universidade de São Paulo. Professor da rede particular e estadual de ensino (2004).

escravizado em coisa, ou seja, em um instrumento para gerar lucros. Sodré⁴⁹ (1988, p. 57) afirma que:

Empregar os braços na lavoura, semear e colher, torna-se sábio em qualquer coisa que dissesse de perto com o esforço físico e com o contato da terra era coisa em que pensavam os brasileiros. E não pensavam porque séculos de uma tradição confusa e permanente haviam fixado nos seus subconscientes a ideia de que tal forma da atividade, sendo praticada só por escravos, era digna apenas de escravos.

Pelo relato do autor, percebemos como esse país foi construído, com as mãos habilidosas, com suor e sangue de negros/as, porém, eles não tiveram nenhum benefício, nada receberam pelo seu trabalho, nem enquanto durou e nem após a Abolição da escravidão, pois, esta foi um sistema opressivo que teve uma duração de mais de trezentos anos e que mesmo após o seu fim, o povo negro continuou sofrendo com as marcas por ela deixadas. A eles foi negado, entre outros, o direito à cidadania.

Após o fim oficial da escravidão no Brasil em 1888, a realidade dos afro brasileiros mostrava-se caótica, pois não tinham trabalho nem instrução e contavam com poucos mecanismos de integração social; na verdade uma grande parte estava excluída da sociedade. Muitos saíram do campo e foram para as cidades viver em cortiços e favelas, submetendo-se aos trabalhos menos qualificados e mal remunerados. Estavam abandonados à própria sorte e vivendo numa sociedade impregnada de um profundo preconceito por sua cor (AGOSTINI, 2004, p. 49).

Como foi relatado pelo autor, a abolição não favoreceu o afro-brasileiro que se viu em um dilema, sem solução à vista, pois estava no meio de uma sociedade que não o acolheu como pessoa; um povo sem lar, sem instrução, sem ter o que fazer nem onde ir. Sobre a falta de integração do negro na sociedade, a este respeito, Sodré (1988, p. 54) diz que:

Por toda parte ouvem-se, palavras amargas contra o preto que vive no último grau de miséria, que não trabalha, que não produz. Ninguém nota, entretanto, o premente traumatismo do desamparo a uma massa enorme, que se vê entregue à própria sorte num país onde as condições econômicas não podiam atenuar ou resolver a transição do trabalho escravo para o trabalho assalariado.

Como vimos a Abolição veio, no entanto não veio com as alterações que proporcionassem dignidade ao povo negro que, ao contrário foi entregue, jogado e despedido de mãos vazias, para reconstruir suas vidas e diminuir suas angústias. Tudo o que encontrou, pelo caminho foi desprezo e o julgamento do seu comportamento. Ou seja, o negro foi excluído, como diz Boff (2004, p. 89): “Da senzala, foi jogado diretamente na favela, sem nenhuma

⁴⁹ Nelson Werneck Sodré foi um militar, professor, escritor, colunista e historiador brasileiro marxista. Nelson Werneck Sodré - Marxismo 21. <https://marxismo21.org/nelson-werneck-sodre>

compensação ou pedaço de terra ou casa ou ferramenta, para começar a trabalhar”, como citado pelo autor, negros/as foram colocados à margem da sociedade, as condições como percebemos desfavorecia-os completamente.

Com isso, compreendemos como foi se formando o racismo no Brasil, como diz Boff (2004, p. 89): “é ser feito não-digno, não-inteligente, não-puro, ser inferior e desprezível, pelo fato de ser negro de raça e de cor preta”, consequências que tem perseguido o percurso histórico de negros/as e que os coloca em situação delicada, no tocante a sua inserção, na sociedade.

Sendo sua religiosidade outro ponto de não aceitação, o que também, colocou a população negra à margem da sociedade, pois, a religiosidade foi uma das justificativas do colonizador português, para escravizar negros/as. Neste sentido, percebemos que não foi fácil, mas o negro/a continuou resistindo, fazendo da dor a sua força e mesmo com tanta dificuldade, falta de oportunidades e injustiças, segundo Sodré: “A contribuição do negro para a formação do caráter da nossa gente foi enorme. Por ela fizemos a religião mais intimista, mais enfeitada, mais festeira, o seu caráter menos áspero. Por ela, adquirimos uma dose mais elevada de emotividade e de superstição” (SODRÉ, 1988, p. 67). Observamos, deste modo, que o /a negro/a foi essencial em todos os setores da construção da nação brasileira, ou seja, com sua mão-de-obra, na produção de alimentos, na sua cultura e na sua religiosidade.

Por esta razão é que de acordo com Carvalho, em entrevista ao Programa Prosa de Pret@, que o Dia da Consciência Negra: “é muito importante porque traduz a luta do Movimento Negro, no Brasil. Uma luta que vem pelo reconhecimento das personalidades negras que fizeram, construíram o Brasil. Essas pessoas estão localizadas em vários tempos e espaços e hoje traduzem o Axé e a resistência do povo negro” (CARVALHO, Programa Prosa de Pret@ em: 19/11/2021). A professora destacou a importância do Dia da Consciência Negra, como uma luta que transpõe, traspassa tempos e espaços, no reconhecimento daqueles e daquelas que resistiram e construíram o Brasil. Compreendemos que o 20 de novembro é um dia de luta, um dia que representa o orgulho da cor da pele; pelo ser negro. Para valorar, debater e refletir a consciência negra, em Imperatriz, temos a Semana Municipal da Consciência Negra em que o CCN - NC desenvolve ações de construção, consciência e luta contra o preconceito e o racismo.

Neste sentido, faz parte da agenda de luta do CCN - NC realizar diversas atividades, na Semana Municipal da Consciência Negra. Em 2021, não foi diferente; por isso, a XXI Semana da Consciência Negra, em Imperatriz, trouxe como temática os “150 Anos da Lei do Ventre Livre no Brasil desde o Germinar das Religiões de Matriz Africana até a Saúde Mental em Tempos de Pandemia”. A temática foi trabalhada:

A partir de três reuniões que nós realizamos com os/as militantes do CCN-NC, foram levantadas 3 temáticas discutidas e chegamos a este consenso de trazer essa discussão da Lei do Ventre Livre, e, de que forma as Religiões de Matriz Africana vêm realizando seu trabalho aqui na cidade e região. Nós temos agora uma Associação dos Terreiros que tanto faz parte a religião, quanto da forma como a cultura de matriz africana e estão organizados. Tiveram uma participação na Audiência Pública na Câmara Municipal para fazerem reivindicações que são importantes para a continuidade da compreensão desse movimento de matriz africana. Depois nós temos também nesse momento histórico, o dia 15 de novembro, que é o Dia da Umbanda e os terreiros desceram para a Beira Rio [Imperatriz] para fazer as apresentações dos Orixás e depois poderem fazer suas giras. Então uma irmandade muito grandiosa compareceu para fortalecer esse pertencimento. E, por último, nós temos dentro do nosso quadro de população negra principalmente aflorou mais em tempos pandêmicos a saúde mental, como cuidar dessa saúde mental que já vem carregada de tantos traumas, de tantos danos psicológicos, morais e emocionais, perdas de direitos que já tinham sido conquistados com muita luta, braveza. A grandeza da nossa temática vem dessa realidade que nós estamos vivendo e que necessita realmente de um olhar, de um debate de construções poderosas” (CARVALHO, Programa Prosa de Pret@ em: 19/11/2021).

Essas ações desenvolvidas, pelo Centro de Cultura Negra-Negro Cosme são pertinentes e ajudam a refletir, sobre a Consciência Negra, porque além dessa reflexão, demonstra o cuidado com as pessoas negras, com sua cultura e religiosidade. A Semana Municipal da Consciência Negra é de fato importante e a temática escolhida se faz urgente e necessária. Destaca-se como valorosa pelo cuidado com o outro, nesse período de pandemia, onde a fragilidade, o medo, as perdas e a negação nos afetaram de forma emocional e psicológica. Necessária também é a temática relacionada às religiões de Matriz Africana que sempre são incompreendidas e muitas vezes desrespeitadas. Assim sendo, as apresentações de terreiros na Beira Rio são formas de mostrar a cultura, a espiritualidade, e desconstruir esse preconceito que as rodeiam ao longo da história; para assim, desconstruir esses “nãos” históricos que os negros/as tem sido vitimado/as.

De joias e coroas
 Para correntes e chicotes
 De um povo reduzido a menos que animais
 Liberdade acorrentada
 forçados a servir, sem nada a ganhar
 Tudo não passa de migalhas
 O que desejas sinhá?
 Liberdade, a, se atreve a tão alto sonhar
 Aqui se aprende na força
 E se punha no açoite [...]
 (OLIVEIRA, PROGRAMA PROSA DE PRET@
 em: 03/12/21)

O racismo⁵⁰ no Brasil vem de longa data, desde a implantação do sistema escravista, perpassando o período do império até os dias atuais, assim neste poema intitulado: *Prisão de Pele*, a estudante Verônica Oliveira, 3º série do Ensino Médio do Centro de Ensino Urbano Rocha expressa o sofrimento vivenciado por negros e negras, no decorrer da História do Brasil. Ela fala da liberdade desejada, que o povo negro ainda espera, mas continua sendo desrespeitado/a e dos abusos que perduram, além do sonho que ainda está por conquistar, ou seja, da liberdade de fato e de direito, dos negros, como cidadãos.

No Brasil o racismo possui diversas formas de se expressar, na cultura, na literatura por exemplo, mas, em todas as suas expressões há um prejuízo em comum: a negação histórica dos direitos aos negros e negras do país. Por isso discutir a discriminação racial e sua forma de operar entre nós é fundamental para entendermos como o racismo estrutura nossas relações na sociedade e assim traçar estratégias para enfrenta-lo (ALMEIDA, Programa Prosa de Pret@ em: 03/12/21).

Como pontuado pelo jornalista, discutir e conhecer as formas como o racismo opera na sociedade é imprescindível. A voz da/do negra/o tem de ecoar na sociedade, para desconstruir essa negação histórica de direitos. Assim, para compreender como o racismo foi estruturado na sociedade, é necessário conhecer o conceito de raça⁵¹, de acordo com Munanga⁵² (2003) “O conceito de raça tal, como empregamos hoje, nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e dominação” (MUNANGA, 2003, p. 6), significa que existe um poder dominante. Infere-se, desse modo que, o racismo é: “uma ideologia que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que tem características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas, suporte das características psicológicas, morais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais” (MUNANGA, 2003, p. 7-8). É essa divisão de valores

⁵⁰ Racismo é um substantivo masculino que descreve um grupo de crenças onde se estipula a hierarquia entre as raças e etnias. Ideologia política em que uma raça (tida como pura e superior) se considera no direito de dominar as outras. Discriminação social embasada na convicção de que há diferentes raças e que algumas são superiores às outras. <https://www.meusdicionarios.com.br/racismo>

⁵¹ A palavra raça vem do latim *ratio*, que quer dizer categoria. Dividir algo em raças é categorizar. <https://www.significados.com.br/raca/>

⁵² Fez a maior parte de sua carreira acadêmica como professor efetivo na Universidade de São Paulo, de 1980-2012, de onde se aposentou como Professor Titular, atuando principalmente nas áreas de Antropologia da África e da População Afro-brasileira, com enfoque nos seguintes temas: racismo, políticas e discursos antirracistas, negritude, identidade negra versus identidade nacional, multiculturalismo e educação das relações étnico-raciais. É autor de mais de 150 publicações entre livros, capítulos de livros e artigos científicos. www.iea.usp.br/pessoas/pessoak/kabengele-muna...

desiguais que tem acompanhado a História de negros e negras, na sociedade brasileira, os quais sempre tiveram um tratamento oposto ao da elite branca. Para Gomes⁵³ (2005, p. 45):

O Movimento Negro e alguns sociólogos, quando usam o termo raça, não o fazem alicerçados na ideia de raças superiores e inferiores, como originalmente era usada, no século XIX. Pelo contrário, usam-no com uma nova interpretação, que se baseia na dimensão social e política do referido termo. E, ainda, usam-no porque a discriminação racial e o racismo existentes na sociedade brasileira se dão não apenas devido aos aspectos culturais dos representantes de diversos grupos étnico-raciais, mas também devido à relação que se faz na nossa sociedade entre esses e os aspectos físicos observáveis na estética corporal dos pertencentes às mesmas.

De acordo com a autora, é necessário um cuidado ao usar o termo “raça”, ou seja, observar em que contexto, lembrando que tem que levar em conta a nova interpretação que diferente de raça superior e inferior, deve ser utilizado em uma dimensão social. Já Almeida⁵⁴ (2018) aponta que “há grandes controvérsias sobre a etimologia do termo raça. O que se pode dizer com mais segurança é que seu significado sempre esteve de alguma forma ligado ao ato de estabelecer classificações” (ALMEIDA, 2018, p.19). Com isso percebemos que é necessário cautela e um estudo detalhado quando se trata de diferenciar raça e etnia. O que ocorre é que estes estudos ocorreram por meio de levantamento dos fatos, levando em consideração aspectos físicos, e geralmente organizados a partir de classificações e foram essas classificações que deram origem ao que se conhece hoje, como raça superior ou inferior.

Há, portanto, divergências quanto ao conceito de raça, mas segundo ele quase sempre está ligado à classificação, ou seja, é referente a distintas categorias de seres humanos. “Portanto, raça não é um termo fixo, estático. Seu sentido inevitavelmente atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado” (ALMEIDA, 2018, p. 20). Significa, com isso, que foram as circunstâncias históricas, ocorridas no século XVI, que deram um sentido característico à ideia de raça, ou seja, à expansão da economia mercantilista e à exploração do novo mundo, servindo como base para a cultura renascentista e para as reflexões a respeito da unidade e multiplicidade da existência humana.

⁵³ Nilma Lino Gomes é formada em Pedagogia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), é Mestra em Educação na mesma universidade e Doutora em Antropologia pela Universidade de São Paulo (USP). Pós-Doutora em Sociologia pela Universidade de Coimbra e em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). É professora Emérita da Faculdade de Educação da UFMG. Também foi Ministra da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) em 2015 e do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos de 2015 a 2016 do governo da presidenta, Dilma Rousseff.

⁵⁴ Silvio de Almeida é advogado, jurista, filósofo e a principal voz contra o Racismo Estrutural no país. No livro que escreveu sobre o tema, ele examina como as relações raciais serviram de base de sustentação para todas as instituições da sociedade. <https://www.hypeness.com.br/2021/12/quem-e-silvio-de-almeida-autor-do...>

Compreendemos que muitos estudiosos e intelectuais preferem o termo *etnia*, isso porque o conceito de *etnia*, segundo Gomes (2005) é “usado para se referir ao pertencimento ancestral e étnico/racial dos negros e outros grupos em nossa sociedade” (GOMES, 2005, p. 50) assim, segundo a autora o termo *raça* não é muito utilizado por tratar-se de um termo pejorativo. Assim, o mais adequado para demonstrar a origem e a cultura é *etnia*, que não é sinônimo de *raça*, que quase sempre inferioriza determinados grupos humanos; é notório que a ideologia do racismo é algo que deixa marcas profundas nas populações negras. Porém para Munanga (2003, p. 12/13) sobre pesquisadores empregarem o conceito de *etnia*, ao invés do de *raça*, ele diz que:

Essa substituição não muda em nada a realidade do racismo, pois não destrói a relação hierarquizada entre culturas diferentes que é um dos componentes do racismo. Ou seja, o racismo hoje praticado nas sociedades contemporâneas não precisa mais do conceito de *raça* ou da variante biológica, ele se reformula com base nos conceitos de *etnia*, diferença cultural ou identidade cultural, mas as vítimas de hoje são as mesmas de ontem e as *raças* de ontem são as *etnias* de hoje.

O que fica evidenciado, de acordo com o autor é que a dominação e a exclusão seguem intacta. De acordo com Kilomba⁵⁵ (2019, p. 76): “É a combinação do preconceito e do poder que forma o racismo. E nesse sentido o racismo é a supremacia branca”. Isso significa que foi construída uma falsa ideia de *raça* superior. De acordo com Kilomba o racismo estrutural ocorre quando:

O racismo é revelado em um nível estrutural, pois pessoas negras e *People of Color* estão excluídas da maioria das estruturas sociais e políticas. Estruturas oficiais operam de uma maneira que privilegiam manifestadamente seus sujeitos brancos, colocando membros de outros grupos racializados em desvantagem visível, fora das estruturas dominantes. Isto é chamado de racismo estrutural (KILOMBA, 2009, p. 77).

Como citado pela autora, as estruturas sociais e políticas não incluem pessoas negras. Elas são estruturadas para dar privilégios aos brancos. Em relação ao preconceito e à discriminação racial Nascimento⁵⁶ (2006) aponta que:

⁵⁵ Escritora e artista portuguesa a residir em Berlim, é um nome cada vez mais celebrado na arte contemporânea. <https://www.geledes.org.br/grada-kilomba-e-artista-que-portugal-precisa-de-ouvir/>

⁵⁶ Maria Beatriz Nascimento foi uma intelectual, historiadora, professora, poeta e ativista antirracista. Ao longo de sua trajetória como pesquisadora, estudou profundamente a formação dos quilombos no Brasil, defendendo o reconhecimento e a titulação das terras quilombolas no país, mas foi com a sua participação no documentário “Ôrí” que se tornou conhecida.

Ela escreveu e narrou os textos do documentário, no qual foi apresentado o percurso dos movimentos negros, no Brasil, entre os anos de 1977 e 1988, tomando os quilombos como fio condutor das reflexões apresentadas. Para ela, “Ôrí” foi uma forma de dar voz ao negro, fazer com que ele pudesse ser ouvido em um país que o silencia diariamente <https://iconografiadahistoria.com.br/2021/07/20/a-trajetoria-de-beatriz-nascimento-uma-historiadora-do-percurso-do-negro-no-brasil/>

A ideologia do racismo tem raízes tão profundas na formação social brasileira que temos que levar em conta uma série de formas de comportamento, de hábitos, de maneira de ser e de agir inerentes não só ao branco (agente) como ao negro (paciente). Principalmente, e da parte do negro que se necessita esclarecer todo o produto ideológico de quatro séculos de inexistência dentro de uma sociedade da qual participou em todos os níveis (NASCIMENTO, 2006, p. 101).

Nascimento entende que no Brasil, faz-se necessário esclarecer todo o produto ideológico, construído durante quatro séculos, onde para a sociedade o/a negro/a não existia como participante. Diante disso, percebemos, desde o período colonial que os negros/as foram submetidos ao regime de escravidão, onde as distinções foram se generalizando e ganhando forças, na sociedade brasileira, e isso se deve principalmente, ao fator regime escravocrata.

Almeida (2018) relata o que é preciso conhecer, para poder entender o que é racismo. Ele sugere que antes de entender o que é racismo é necessário conhecer o que é raça e como foi que teve início essas questões, onde uma raça passou a dominar e se entender superior a outra.

O espírito positivista surgido no século XIX transformou as indagações científicas sobre as diferenças humanas em indagações científicas, de tal sorte que de objeto filosófico, o homem passou a ser objeto científico. A biológicas e a física serviram como modelo explicativos da diversidade humana: nasce a ideia de que características biológicas ou condições climáticas e/ou ambientais – determinismos geográficos seriam capazes de explicar as diferenças morais, psicológicas e intelectuais entre diferentes raças. Desse modo, a pele-não branca e o clima tropical favoreciam o surgimento de comportamentos imorais, lascivos e violentos (ALMEIDA, 2018, p. 23).

Foi assim que começou a história de raça superior. É o chamado racismo científico. Que influenciou tantos pensadores e estudiosos e que causou tanta indiferença, marcando de forma brutal e negativa, a história de tantos povos. Portanto, esse foi o contexto em que surgiu a ideia de superioridade de uma raça sobre a outra, fazendo ainda, uma ressalva em relação ao perigo da mistura de raças.

Percebemos então, que o racismo está impregnado no comportamento da sociedade brasileira, demonstrado através de atitudes, como quando olham uma pessoa negra próxima de um carro ou condomínio de luxo, já concluem se tratar de um ladrão, como se negros e negras não tivessem direito de possuir bens de qualidade, ou ao chegar num restaurante, por exemplo, e se deparar com uma pessoa negra já deduzir que se trata do motorista como se pessoas negras não pudessem usufruir de estar em lugares requintados como consumidor, mas apenas como mão de obra. A esse respeito, Almeida (2018, p. 25) esclarece que:

O racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminaram em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial a qual pertençam.

Neste sentido, o autor infere que nem sempre as pessoas discriminam conscientemente, mas, também, discriminam de forma inconsciente. Diante do que foi exposto pelo autor, percebemos, que vivemos numa sociedade, onde o racismo se configura individualmente, institucionalmente e estruturalmente. É racismo individual, quando expresso em atitudes de discriminação, através de estereótipos, insultos a pessoas que não tenham as mesmas características étnicas e ou institucionais, porque trata-se de desigualdades que se baseiam em raça, distinção (desigualdade), no tratamento entre pessoas negras e brancas e que podem ocorrer em instituições como o Estado, a Igreja e Empresas privadas e públicas, sendo, pois, estrutural, quando resulta da crença de que existe superioridade entre as culturas existentes, ou seja, cultura, religião, costumes, língua entre outras.

O racismo é, por um lado, um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como: cor da pele, tipo de cabelo, etc. Ele é por outro lado um conjunto de ideias e imagens referente aos grupos humanos que acreditam na existência de raças superiores e inferiores. O racismo também resulta da vontade de se impor uma verdade ou uma crença particular como única e verdadeira (GOMES, 2005, p. 53).

A autora, fala de um comportamento de ódio, onde determinados indivíduos acreditam na existência de raças superiores e inferiores e se comportam por isso, de forma discriminatória e agressiva, chegando às vezes a ser violentos, com outros indivíduos. É fato que no Brasil existe muito preconceito racial.

Preconceito é um julgamento negativo e prévio dos membros de um grupo racial de pertença, de uma etnia ou de uma religião ou de pessoas que ocupam outro papel social significativo. Esse julgamento prévio apresenta como característica principal a inflexibilidade pois tende a ser mantido sem levar em conta os fatos que o contestem. Trata-se do conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos. O preconceito inclui a relação entre pessoas e grupos humanos. Ele inclui a concepção que o indivíduo tem de si mesmo e também do outro (GOMES, 2005, p. 54).

O preconceito se dá, pela dificuldade de aceitação do outro, como relatado pela autora; é o julgamento, a dificuldade de aceitação, onde o indivíduo tem uma opinião sobre determinado assunto; é não aceitar que o outro pense e viva diferente do que ele entende ou seja uma opinião formada, sem conhecimento dos fatos. Preconceito não é inato, isto é, a pessoa não nasce preconceituosa; ela aprende socialmente a ser.

Outra questão que é necessária ser eliminada da sociedade é a discriminação:

A palavra discriminar significa “distinguir”, “diferençar”, “discernir”. A discriminação racial pode ser considerada como a prática do racismo e a efetivação

do preconceito. Enquanto o racismo e o preconceito encontram-se no âmbito das doutrinas e dos julgamentos, das concepções de mundo e das crenças, a discriminação é a adoção de práticas que os efetivam (GOMES, 2005, p. 55).

Como a autora relata, a discriminação é considerada uma prática do racismo e uma efetivação do preconceito, onde aqui no Brasil tentam, de todas as formas, disfarçar e negar a existência do preconceito racial. Se não tem preconceito racial, então não existe discriminação racial; é esse o sentido dos que defendem a existência da democracia racial.

Segundo Nascimento⁵⁷ (2001): “A democracia racial brasileira é um mito e uma forma bastante eficaz de controle social, é uma forma cruel de racismo que atinge os negros [...]” (NASCIMENTO, 2001, p. 163). Para o autor, esse é um grande problema que precisa ser desmascarado, pois, não passa de ilusão, como não é declarado, também é perigoso.

É esse o discurso de quem diz não ter preconceito, como afirma Gonzalez⁵⁸ (1984):

Racismo? No Brasil? Quem foi que disse? Isso é coisa de americano. Aqui não tem diferença porque todo mundo é brasileiro acima de tudo, graças a Deus. Preto aqui é bem-tratado, tem o mesmo direito que a gente tem. Tanto é que, quando se esforça, ele sobe na vida como qualquer um. Conheço um que é médico; educadíssimo, culto, elegante com umas feições tão finas... Nem parece preto (GONZALEZ, 1984, p. 225).

Viu -se pela forma de se expressar, como as pessoas se comportam, ao tratar da questão do racismo, tentam disfarçar, mas o preconceito é visível, diante do que a autora expõe, percebemos pelo relato, que há uma naturalização do racismo, na sociedade brasileira, que é, mais nega, ou seja, não assume. E essa negação é algo que precisa ser desconstruída.

A autora evidencia que essas atitudes equivocadas, existentes na nossa sociedade e que, consciente ou inconsciente, se posicionam de forma preconceituosa e racista.

Ninguém nega o fato de que todos nós gostaríamos que o Brasil fosse uma verdadeira democracia racial, ou seja, que fôssemos uma sociedade em que os diferentes grupos étnico-raciais vivessem em situação real de igualdade social, racial e de direitos. No entanto, os dados estatísticos sobre as desigualdades raciais na educação, no mercado de trabalho e na saúde e sobre as condições de vida da população negra, revelam que tal situação não existe de fato (GOMES, 2005, p. 56).

⁵⁷ Geraldo Santos do Nascimento, Mestre em Ciências Políticas pela Universidade Federal de Santa Maria. NASCIMENTO, Geraldo Santos do. Uma tentativa de romper a barreira do racismo In: QUEVEDO, Júlio (Org). Historiadores do novo século. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

⁵⁸ Lélia Gonzalez foi uma importante intelectual e ativista brasileira. Considerada a primeira mulher negra a se dedicar aos estudos de raça e gênero no Brasil, Lélia desenvolveu forte pesquisa e militância na área. https://www.ebiografia.com/lelia_gonzalez

A autora afirma que o Brasil deveria ser uma verdadeira democracia racial, que de fato os grupos étnico-raciais vivessem uma situação de igualdade social, mas não é o que ocorre, em relação a população negra.

O mito da democracia racial pode ser compreendido, então, como uma corrente ideológica que pretende negar a desigualdade racial entre brancos e negros no Brasil como fruto do racismo, afirmando que existe entre estes dois grupos raciais uma situação de igualdade de oportunidade e de tratamento. Esse mito pretende, de um lado, negar a discriminação racial contra os negros no Brasil, e, de outro lado, perpetuar estereótipos, preconceitos e discriminações construídos sobre esse grupo racial (GOMES, 2005, p. 57).

Inferimos assim, que a democracia racial no Brasil é uma falácia e que a pretensão dos que defendem essa ideologia é perpetuar estereótipos, preconceitos e discriminações, construídos sobre o povo negro. Seguindo essa mesma linha de raciocínio, Nascimento⁵⁹ (1978, p. 93) pontua:

Devemos compreender “democracia racial” como significando a metáfora perfeita para designar o racismo estilo brasileiro; não tão óbvio como o racismo dos Estados Unidos e nem legalizado qual apartheid da África do Sul, mas eficazmente institucionalizado nos níveis oficiais de governo assim como difuso no tecido social, psicológico, econômico, político e cultural da sociedade do país. Da classificação grosseira dos negros como selvagens e inferiores.

Nesse sentido, Nascimento se utiliza de uma figura de linguagem para afirmar que o brasileiro não admite, mas é, ainda que tente disfarçar. Se atentarmos, porém, para seus discursos, comportamentos, a realidade se revela; razão porque devemos compreender a “democracia racial” como uma tentativa de encobrir o racismo. Entendemos, que este é um comportamento da sociedade brasileira que há muitos anos precisa ser transformado. No entanto, para que se torne realidade, faz-se necessário um reconhecimento, isto, em se tratando de combate ao racismo SANTOS⁶⁰ (1984). O autor traz uma receita de especialistas, ao tratar a questão toxicômano muito pertinente, para combater o racismo:

Dizem os especialistas que o primeiro passo para curar um toxicômano é fazê-lo admitir que é. Assim, se a sociedade brasileira deseja acabar com a violência e o

⁵⁹ Abdias Nascimento (1914-2011) já foi descrito como o mais completo intelectual e homem de cultura do mundo africano do século XX. Poeta, escritor, dramaturgo, artista visual e ativista pan-africanista, ele fundou o Teatro Experimental do Negro e o projeto Museu de Arte Negra. Suas pinturas, largamente exibidas dentro e fora do Brasil, exploram o legado cultural africano no contexto do combate ao racismo. Professor Emérito da Universidade do Estado de Nova York, ele foi deputado federal, senador da República e secretário do governo do Estado do Rio de Janeiro. <https://ipeafro.org.br/personalidades/abdias-nascimento>

⁶⁰ Joel Rufino dos Santos (Rio de Janeiro) é um historiador, professor e escritor brasileiro. É um dos nomes de referência sobre cultura africana no país. <https://www.geledes.org.br/joel-rufino-dos-santos>

racismo, deve confessar que é violenta e racista. Pode nos consolar talvez, a ideia de que não estamos sozinhos: todas as ex-colônias europeia – Uganda, El Salvador, Vietnã... têm a mesma personalidade básica. Tal foi a herança do colonialismo (SANTOS, 1984, p. 48).

Assim, um dos entraves para se resolver a discriminação é o fato das pessoas não admitirem que são racistas. Diante do exposto, fica evidenciado que a forma mais coerente, para acabar com a violência e o racismo é admitindo, reconhecendo que é. Sendo assim, o primeiro passo é assumir, confessar, reconhecer e então a partir dessa atitude, tem chance de se transformar porque, muitas vezes, na caminhada o que se precisa, para mudar uma situação de forma positiva é a atitude, ou seja, dar o primeiro passo e seguir, fazendo as transformações necessárias. Isso significa, que a luta é cheia de obstáculos e que esta é a razão, pelas quais as populações negras precisavam encontrar meios, para se defender da violência e das injustiças praticadas contra eles.

Em muitos momentos da história do racismo no Brasil, os negros foram rotulados de preguiçosos, vadios, bêbados, arruaceiros, bandidos, marginais, representando um grande perigo para a sociedade brasileira. Essas imagens estereotipadas dos negros persistem até os dias atuais. Com a necessidade objetiva de desmistificar esses rótulos, começou a haver respostas para a questão do negro. Apenas nas últimas décadas do século XX é que a luta contra o racismo, com características próprias dos negros, experimentou um crescimento de coesão e expansão na história do Brasil, através do fortalecimento dos movimentos, das organizações autônomas, das entidades populares, nas universidades, nas entidades religiosas e nos movimentos de mulheres negras (NASCIMENTO, 2001, p. 161).

Nota-se assim, que foi neste contexto estereotipado, em relação ao negro que a partir do século XX, surge a luta com características próprias dos/das Negros/as, como as organizações autônomas, movimentos de mulheres negras entre outros. Desse modo, foi a partir do momento que os/as negros/as se organizaram, fortaleceram os movimentos e juntaram forças, em torno da sua causa, que os resultados se tornaram mais promissores. Neste sentido, Isaura Silva assim se expressou, em entrevista ao Programa Prosa de Pret@:

Eu observo e discuto que os negros e negras estão mais fortes, se sentindo mais fortes, mais consciente, mais ousados/as, em buscar seus direitos e se assumirem como negros/as, mas, por outro lado os racistas também se arregimentaram e parecem que perderam assim a cerimônia como se diz, de ser racista, eles estão assim bem mais contundentes, mais agressivos, mais assumidos, tem gente que diz assim: “Eu sou racista” e outrora a gente não via isso. O racismo que antes era camuflado, hoje ele é explícito (SILVA, Programa Prosa de Pret@ em: 03/12/2021).

Como foi colocado pela entrevistada, na atualidade temos duas realidades. Na primeira, os negros estão mais conscientes quanto à busca pelos seus direitos e na segunda é que os

racistas decidem mostrar, de fato, aquilo que são. O que parece ser ruim, pode ser um avanço, pois agora de fato é mais fácil enfrentar, já que os racistas não conseguem mais disfarçar seu preconceito racial, para, com isso, fazer as reparações necessárias. Lembrando que o racismo no Brasil é crime, inafiançável e imprescritível previsto na Lei nº 7.716/1989 isto significa que quem comete ato racista, comete crime e poderá ser condenado, mesmo anos depois, de ter cometido o crime.

Eu acho uma ironia
 Essa tal igualdade entre as pessoas
 Dizem que existe
 Mas no fundo elas só magoam
 Aquela vaga de emprego
 Entre o jovem branco e o preto já está garantida,
 Não pela competência,
 Mas pela infame boa aparência,
 Tão estereotipada,
 Cheia de comparação,
 Um modelo que não é o meu nem o seu,
 Veio junto com o europeu
 E aumenta a exclusão,
 Já dizia a ativista Chame Bel:
 como se pode estar desarmado?
 Se a minha negritude
 É a arma que eles têm,
 Com ela as pessoas oprimem, mentem [...]
 (LIMA, Programa Prosa de Pret@ em: 17/12/2021)

Notadamente, alguns avanços foram alcançados no Brasil, através da luta do Movimento Negro e a partir da Constituição Federal de 1988, assim como, por ocasião do Centenário da Abolição, onde a militância negra trouxe várias demandas reivindicatórias, com objetivo de transformação, para as populações negras, entre elas, as políticas de ações afirmativas⁶¹, com objetivo de oportunizar melhores condições sociais, educacionais e políticas ou seja, a garantia de direitos e a reparação de desigualdades existente na sociedade brasileira.

Sobre essas ações afirmativas, Almeida explica que: “são políticas públicas voltadas para grupos que sofrem discriminação” e em seguida fala qual o objetivo: promover inclusão de populações historicamente privadas do acesso a oportunidades” (ALMEIDA, Programa Prosa de Pret@ em: 17/12/021).

⁶¹ *Ação Afirmativa* se refere a um conjunto de políticas públicas de uma determinada sociedade para a proteção de minorias e grupos discriminados, no passado. A ação afirmativa visa remover barreiras, formais e informais, que impeçam o acesso de certos grupos, ao mercado de trabalho, a universidades e a posições de liderança. <https://www.ufrgs.br/acoesafirmativas/2019/01/07/o-que>

Percebemos com isso, que tais políticas públicas são primordiais, para promover reparações e possibilitar oportunidades, voltadas para aqueles e aquelas que sempre foram colocados às margens, pela elite dominante, como observamos, no poema acima: “Compreender para mudar” de Thiago Costa Lima, estudante da 1º série do Centro de Ensino Graça Aranha, onde o autor, expressa a sua indignação com as diferenças existentes na sociedade, por conta da cor da pele. Em que negros/as são excluídos e oprimidos historicamente. Assim sendo, as ações afirmativas servem para reparar essas desigualdades e as populações negras terem o direito de ocupar espaços, nas diversas áreas da sociedade, seja política, econômica ou social, saindo da invisibilidade ao mesmo tempo que conquistar dignidade.

Em relação a essas ações afirmativas Ribeiro⁶² (2019) destaca que: “Esse debate não é sobre capacidade, mas sobre oportunidade – e essa é a distinção que os defensores da meritocracia parecem não fazer” (RIBEIRO, 2019, p. 43). A autora traz duas palavras que fazem toda a diferença neste debate: capacidade e oportunidade. A distinção entre elas é o que defensores da ideia do mérito ignoram. De acordo com Ribeiro (2019, p. 44): “Um garoto que precisa vender pastel para ajudar na renda da família e outro que passa as tardes em aulas de idiomas e de natação não partem do mesmo ponto. Não são muitos os que têm a oportunidade de cursar uma graduação, sem trabalhar ou ganhando apenas uma bolsa de estagiário”. Como a autora explicou, existe muita diferença entre quem trabalha, para ajudar na renda da família e quem tem tempo disponível, para se dedicar ao estudo. Fica evidenciado que a questão não é de capacidade, mas de oportunidade. Sendo assim, no entendimento da autora as novas políticas, adotadas pelas universidades, transformaram o perfil dos alunos e, ao contrário do que muitos afirmavam, o desempenho de alunos cotistas trouxe grandes avanços para o país.

Os avanços alcançados são demonstrados por meio de pesquisas, como pontua Ribeiro (2019):

O Instituto de Pesquisa Aplicada (IPEA), em 2008, na qual se demonstrou que os alunos cotistas de quatro universidades federais tinham desempenho similar ou superior ao dos alunos não cotistas; e a da Procuradoria – Geral do Estado do Rio de Janeiro realizado em parceria com universidades estaduais, a qual constatou que no período entre 2003 e 2016 a evasão entre cotistas (26%) foi menor se comparada com a de não cotistas (37%), além de apontar desempenho similar entre ambos (RIBEIRO, 2019, p. 46).

⁶² Djamila Ribeiro, Mestra em filosofia política pela UNIFESP. Colunista do Jornal Folha de São Paulo. Coordena a Coleção Feminismos Plurais da Editora Pólen e é autora de *o que é lugar de fala?* (2017) e *quem tem medo do feminismo negro?* (Companhia das Letras, 2018). RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. 1ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2019).

Os dados apresentados, nas pesquisas, deixam antever como essas políticas são necessárias, para reparar injustiças. Então, o que falta é oportunidade, porém se ela for dada, o resultado é positivo. Por isso, Ribeiro (2019) afirma que:

A Lei de cotas para universidades federais, promulgada em 2012, representou uma grande vitória. Uma pesquisa da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) com base em dados de 2018 mostrou que, nessas instituições, a maioria dos estudantes é negra (51, 2%), 64,7% cursaram o ensino médio em escolas públicas e 70, 2% vêm de família com renda per capita de até um salário mínimo e meio. Infelizmente o mercado de trabalho ainda não reflete essa mudança (RIBEIRO, 2019, p. 49).

Ao analisarmos esses dados, percebemos como a conquista da chamada Lei de cotas mudou a realidade de muitos estudantes e para que essa conquista se materialize é preciso que também aconteçam mudanças, no mercado de trabalho. Em acordo com o que relatou a autora, Sousa (2021), em entrevista afirma que:

A Lei 12.711, que é a Lei das cotas, ela é muito importante, porque ela promove a reparação da desigualdade racial, econômica e educacional do povo negro. De acordo com a entrevistada esta Lei é essencial porque ela promove a reparação da desigualdade racial, econômica e educacional do negro, pilares que são fundamentais para se construir uma sociedade com oportunidades para todas/os. (SOUSA, Programa Prosa de Pret@ em 17/12/2021).

A entrevistada aponta que a Lei de cotas é importante, por promover reparação, em setores da sociedade, como por exemplo, economia e educação que no entendimento dela são pilares para a construção da sociedade. Ela relatou que o Centro de Cultura Negra – Negro Cosme tem acompanhado a implementação da Lei das Cotas. Maria Luísa afirmou, em entrevista ao Programa que:

O Centro de Cultura Negra - Negro Cosme, ele acompanha fazendo parte da Comissão de verificação étnico racial e da banca de heteroidentificação onde o estudante faz sua alta declaração para o ingresso na Universidade Federal do Maranhão em Imperatriz e tem a participação minha, como professora, Movimento Negro, da Professora Herli, Fábio Cardias, Vanda Pantoja, Maria da Natividade, Professora Isaura e tem mais outros professores que fazem parte dessa banca (SOUSA, Programa Prosa de Pret@ em: 17/12/2021)

Como bem pontuou a entrevistada esta é uma das formas de atuação do CCN-NC: acompanhar a Comissão de heteroidentificação e, para que esse trabalho alcance o resultado desejado, a entrevistada relata como funciona a banca de verificação étnico racial e de heteroidentificação, como se pode verificar:

A banca quando é presencial, a gente recebe os alunos e a gente faz as perguntas, então são várias perguntas na banca são três pessoas, cada professor faz uma pergunta e o aluno responde. Quando é online, primeiro a gente olha a declaração, depois a gente vai assistir o vídeo e o vídeo quando o aluno fala tem que estar de acordo com declaração dele, onde ele se identifica como negro, ele fala dos seus fenótipos e os fenótipos tem que estar de acordo com o vídeo e a declaração (SOUSA, Programa Prosa de Pret@ em: 17/12/2021).

Pelo relato, percebemos que há todo um cuidado por parte de quem avalia, o que se faz necessário, para que a oportunidade seja dada a quem de fato é negro/a. Assim, ela avalia que a Lei de Cotas tem contribuído para a equidade social, pontuando na entrevista que:

A Lei de Cotas, ela contribui bastante para ingresso do estudante na Universidade e Institutos Federais, nós sabemos que existe um abismo muito grande entre a educação pública e a educação privada. A educação privada, ela tem todos os recursos para investir. A educação pública, não tem. É por isso que a Universidade federal e o Instituto federal vinculado ao Ministério da Educação definem o percentual de vagas para a população negra (SOUSA, Programa Prosa de Pret@ em: 17/12/2021).

Como a professora relatou, cotas são necessárias para que negros e negras tenham oportunidade de produzir conhecimento, mostrar sua capacidade e se inserir, nos diversos setores da nossa sociedade. De acordo com a entrevistada, mudanças ocorreram no perfil dos alunos do ensino superior. Para ela:

Muitos negros que estavam de fora, precisando de uma oportunidade e esta oportunidade que foi dada através da Lei das cotas foi muito importante para eles e eles agarraram com unhas e dentes. Então os estudantes cotistas. As notas deles é igual a dos outros ou superior, inclusive a pesquisa já foi comprovada que a nota deles não é inferior a dos demais estudantes, então é de suma importância porque a gente precisa de uma oportunidade pra que a gente possa está fazendo parte deste processo da educação superior, nesse processo também de trabalhar fora da educação, a sociedade precisa de profissionais negros e negras dentro do mercado de trabalho fazendo parte de outros níveis é só mais os brancos e os negros precisam também ocupar esses espaços (SOUSA, Programa Prosa de Pret@ em: 17/12/2021).

Então percebemos o quanto a Lei das cotas são favoráveis, no sentido de reparar desigualdades, entre brancos e negros. A partir da fala da Maria Luísa, entendemos a importância da Lei das cotas, como ela funciona, quem faz avaliação de heteroidentificação e, como ela mesma falou, esta é uma lei reparatória, que tem mudado o cenário das universidades e institutos federais e que as pessoas negras necessitam aproveitar essa oportunidade, a fim de ocupar esses espaços, em razão de tratar-se de um direito conquistado com muita luta; cabe destacar que, de acordo com pesquisas, as notas dos alunos cotistas são iguais a dos brancos, o que nos leva a entender que se trata mais de uma questão de oportunidade.

As ações afirmativas reparam injustiças, historicamente sofridas, pela população negra. Inferimos assim, que o trabalho do CCC-NC, junto à universidade é de grande relevância, para que pessoas negras consigam ter acesso e ingressem, na universidade.

Já é normal ver certa raça
Sofrendo discriminação.
Em uma sociedade injusta e hostil.
O negro é sempre calado com um não.
Não vista isso, não faça aquilo, não seja assim.
Não revide não.
Isso que irão sempre ouvir.
Preto não tem direito de querer, apenas baixar a cabeça e obedecer.
Ao andar nas ruas, cuidado vai ter que tomar.
A cor preta é sempre suspeita
E não vão hesitar em acusar, julgar e até matar [...]
(BANDEIRA, Programa Prosa de Pret@ em: 31/12/2021)

Historicamente, desde que foram trazidas forçadamente, da África, as mulheres negras passaram a sofrer todas as formas de violência, como abusos, estupros e preconceito, porém, sempre buscaram modos de resistência. Surge assim, o feminismo⁶³, em vários lugares do mundo, inclusive no Brasil, onde tinham como bandeira de luta, o direito ao voto, ao trabalho e à liberdade financeira, então porque feminismo negro⁶⁴? Por que não lutar juntas? Essa divisão ocorreu porque os problemas enfrentados por mulheres negras são diferentes dos enfrentados por mulheres brancas; por exemplo, enquanto mulheres brancas lutam pelo direito de poderem escolher casar, ter filhos as mulheres negras lutam para serem tratadas como seres humanos, dignas de poder casar; sua principal bandeira de luta é a luta contra o racismo. Almeida (2021) apresenta uma explicação sobre o surgimento do feminismo negro, discorrendo que:

Dentre a vertente do Movimento Feminista existem especificidades próprias das mulheres negras: O denominado Feminismo Negro, essa vertente teve início no Brasil na década de 1970, como Movimento de Mulheres Negras, a partir da observação que faltava uma abordagem conjunta das pautas de raça dentro dos movimentos da época (ALMEIDA, Programa Prosa de Pet@ em: 31/12/2021).

⁶³ Feminismo, do latim Femina (“mulher”), o feminismo é a doutrina social favorável à mulher. Trata-se de um movimento que exige que os homens e as mulheres tenham os mesmos direitos: por conseguinte, concede ao gênero feminino capacidades que outrora eram exclusivamente reservadas aos homens. <https://conceito.de/feminismo>

⁶⁴ Feminismo negro, é uma vertente do movimento feminista que busca centralizar e explorar as experiências de mulheres negras. Ele tem como base entender e trabalhar com a posição do racismo, sexismo e classicismo, na vida de mulheres negras ou não brancas. Levando em conta que essas pessoas acabam sofrendo de mais de uma discriminação. O que é e como surgiu o feminismo negro? <https://www.ecycle.com.br/feminismo-negro/>

Como citado pelo autor, o Movimento de Mulheres Negras (MMN) surgiu da necessidade de pautas que não eram abordadas pelos movimentos sociais da época, nem pelo movimento feminista tradicional, naquele período inicial; um excelente exemplo de feminista negra é Lélia Gonzalez (1984), atuante nas décadas de 1970 e 1980 enfatiza que:

Se a gente detém o olhar em determinados aspectos da chamada cultura brasileira a gente saca em suas manifestações mais ou menos conscientes ela oculta, revelando, as marcas da africanidade que a constituem. (Como é que pode?) seguindo por aí, a gente também pode apontar pro lugar da mulher negra nesse processo de formação cultural, assim como os diferentes modos de rejeição/integração de seu papel (GONZALEZ, 1984, p. 226).

A autora trabalha com a questão da conscientização, contras formas de domesticação, destacando que através da consciência é que “a gente entende o lugar do desconhecimento” e como o lugar da mulher, nesse processo, é rejeitado. No poema intitulado: “A droga do racismo”, de autoria de Elen Rossane Bandeira, estudante da 1º série do Centro de Ensino Graça Aranha, é retratada a realidade na qual estamos inseridos, onde o “não” é a recomendação mais ouvida por pessoas de cor negra: “Não vista isso”, “não faça aquilo”, “não seja assim”. “Não revide, não”. Esses não, são verbalizados, cotidianamente, desde o período colonial, para o povo negro. Nesse contexto, o racismo se materializa, com mais ênfase, às mulheres negras, como explica Ribeiro (2019):

As Mulheres Negras são ultrassexualizadas, desde o período colonial. No imaginário coletivo brasileiro, propaga-se a imagem de que são “lascivas”, “fáceis” e “naturalmente sensuais. Essa ideia serve, inclusive, para justificar abusos: mulheres negras são maiores vítimas de violência sexual no país. Obviamente a questão não é sobre a sensualidade de determinada mulher, mas sim sobre necessidade de enquadrar mulheres negras nesse estereótipo. É importante refutar a visão colonial (RIBEIRO, 2019, p. 83).

Pela fala da autora, percebemos que esse histórico negativo atribuído às mulheres negras sempre esteve presente na sociedade brasileira, sendo essa ideia construída, a partir da implantação do sistema de escravidão que perpassou séculos, e que contribui, para que ainda hoje, as mulheres negras sofram com o preconceito; sua imagem é distorcida e por isso elas são as que mais sofrem com abusos que precisam ser combatidos.

Em se tratando de violências praticadas contra mulheres negras, Ribeiro (2019) pontua que: “mulheres negras escravizadas, eram tratadas como mercadoria, propriedade, portanto não tinham escolha. Nesse contexto, não há como negar que elas eram estupradas pelos senhores de engenho” (RIBEIRO, 2019, p. 84). Sendo assim, pelo exposto pela autora, fica demonstrado que mulheres negras eram coisificadas, objeto de desejo do senhor de engenho, sua voz,

sentimentos, nada disso importava. A mulher era anulada como ser humano; não é que negras fossem fáceis; a realidade é que não adiantava se posicionar contra, chorar, demonstrar qualquer reação contrária. Sua voz era silenciada e a cultura de tratar a mulher negra como objeto se perpetuou, no comportamento do brasileiro.

Para exemplificar como a mulher negra ainda é vista como objeto, Ribeiro (2019) faz um relato de experiências vivenciadas por ela, quando cursava filosofia:

O racismo somado ao machismo já me fez passar por situações absurdas. Enquanto eu cursava filosofia, um colega, metido a engraçado, perguntou: “Por que você, uma negra bonita, está queimando seus neurônios estudando filosofia”. Outro me questionou por que eu não “arrumava um gringo rico para casar”. Na cabeça deles, por eu ser uma “negra bonita”, meu lugar de fala não era na universidade.

Pelo testemunho da autora, fica visível o quanto a sociedade brasileira, em todos os seus níveis, demonstra, por meio de seu comportamento e formas de se expressar, o preconceito com pessoas negras, especialmente mulheres negras, que além de serem tratadas como inferiores e incapazes de produzir conhecimento, são tratadas como objetos sexuais. Diante do exposto ainda há quem defenda a “democracia racial” que não passa de falácia. O que existe no Brasil é um racismo disfarçado, mesmo quando vem através de um elogio disfarçado, como “negra bonita”.

Para esclarecer essa questão, Ribeiro (2019), citando uma fala da escritora Elisa Lucinda⁶⁵ “Deixar de ser racista não é comer uma mulata”

A autora chama atenção para o fato de que se relacionar com uma pessoa negra não significa ter uma consciência antirracista. Primeiro porque é necessário entender como essa relação se dá. Se ela segue signos racistas, como a ideia de que mulheres negras são “quentes” e “naturalmente sensuais” ou ainda se a pessoa só procura pessoas negras para relações casuais, e não para um compromisso duradouro, a relação praticada é pautada pelo racismo (RIBEIRO, 2019, p. 86).

Tais observações são importantes, pois demonstram o cuidado que devemos ter ao avaliar o comportamento das pessoas, observar de fato quem são elas, para não se deixar manipular e nem explorar. A cultura do racismo deve ser substituída pela cultura antirracista, pois, de acordo

⁶⁵Elisa Lucinda nasceu em Vitória no Espírito Santo. É poetisa, jornalista, cantora e atriz brasileira. Idealizadora e fundadora da Casa Poema, a artista tem seu foco de atuação na arte-educação. Elisa Lucinda (geledes.org.br)

com Carvalho⁶⁶, no processo de escravidão, a mulher negra foi colocada em uma situação de infantilização e hipersexualização do seu corpo, sendo sua produção intelectual menosprezada:

Foi sempre se colocando que a mulher negra era inferior, intelectualmente também, dentro do processo intelectual a gente chama isso de: epistemicídio (que é quando você mina, essa capacidade intelectual, você menospreza o conhecimento que pessoa negra, especialmente mulher negra tem de produção do conhecimento), então dentro das epistemologias a Sueli Carneiro chamou isso de epistemicídio, ela pega esse conceito do Boaventura de Sousa Santos, que é um português que fala sobre esse apagamento, especialmente em relação ao povo negro e ela adapta este conceito para a realidade brasileira e diz que quando a gente promove esse apagamento, quando a gente não visibiliza pessoas negras, mulheres negras num processo intelectual, nós estamos promovendo esse epistemicídio, esse genocídio intelectual. A mulher negra dentro deste processo é diminuída e classificada como inferior, como se seu pensamento não fosse importante (CARVALHO, Programa Prosa de Pret@ em: 31/12/2021).

A entrevistada relata que a mulher negra foi colocada em uma posição infantilizada, isto é, como se ela não pudesse falar, por si, própria, ou seja, dentro do processo intelectual é vista como inferior e incapaz de produzir conhecimento. Segundo a autora, dentro da epistemologia, esse tratamento dado à mulher negra é um epistemicídio, ou seja, são tentativas de apagamento, de silenciamento das mulheres negras, visto que não oportunizam que elas tenham o direito de falar, por si.

Entendemos deste modo, que as mulheres negras precisam de visibilidade, para não contribuir com esse epistemicídio. Nesta perspectiva, diante do que ocorre, considerando o contexto de invisibilidade, silenciamento, infantilização e hipersexualização em que mulheres negras enfrentam cotidianamente, o principal desafio do feminismo negro é:

A sobrevivência. Eu acho que sempre foi a sobrevivência, a gente luta pra viver, nós mulheres negras somos mais assassinadas, somos as que somos mais estupradas, somos as que são mais violentadas, sofremos violência doméstica, somos as que mais não tem oportunidade no mercado de trabalho, somos as que passamos mais fome, as famílias negras são as que passam mais fome, tem mais dificuldades. Então hoje acredito que a luta é pela sobrevivência, além disso, além desse processo, dizer ah! É só pela sobrevivência? Não, que isso é algo muito importante, mais dentro de todo esse processo nós precisamos pensar que é preciso dar poder, é preciso utilizar o termo empoderar, também as pessoas, os jovens, as crianças, fazer com que elas também se reconheçam enquanto pessoas negras e pessoas potentes, reconhecer a beleza da mulher negra, do homem negro, da criança negra (CARVALHO, Programa Prosa de Pret@ em: 31/12/2021).

⁶⁶ Michelly Santos de Carvalho, Doutora em Sociologia da Comunicação, Mestra em Informação e Jornalismo e graduada em Ciências da Comunicação pela Universidade do Minho de Portugal, especialista em Direitos Humanos, pela Universidade Adelar Rosado de Teresina, Graduada em Sociologia e Letras pelo Centro Universitário Internacional. Atualmente é professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão, Campos de Imperatriz.

Percebemos, a partir da fala da entrevistada que, diante de todo histórico de violência e desumanização a que as mulheres negras foram submetidas, ao longo da História do Brasil que sobreviver foi e é, sem sombra de dúvidas, o maior desafio. Por isso, o Feminismo Negro tem um papel importante, na perspectiva de que a situação da mulher seja transformada. Neste sentido, de mudanças e transformações da sociedade Carvalho destaca:

Que o feminismo negro ele é uma bandeira que pode ajudar muitas mulheres, quando a gente toma consciência das opressões que nós sofremos todos os dias não só como mulher negra, mas, como em todas as intercessões que estão por aí: ser lésbica, ser bissexual, ser mulher trans, todas elas, eu acredito que isso faz com que a gente cresça mais e consiga combater mais as dificuldades ((CARVALHO, Programa Prosa de Pret@ em: 31/12/2021).

Como a autora enfatizou essa é uma luta diária, que como podemos observar, o ativismo na atualidade ganha novos meios de organização, difusão, visibilidade por meio das mídias sociais como a internet e os ativistas passaram a utilizar, estas ferramentas, para a luta antirracista, como é o caso do CCN-NC que tem páginas em redes sociais, como Facebook, Instagram e WhatsApp. Estas ferramentas são bastante importantes, na atualidade, principalmente para fazer denúncias como o caso de assédio, ocorrido no último dia 13 de julho num hotel em Araçatuba, SP, envolvendo a modelo negra Samen dos Santos, que ali estava hospedada e passou por constrangimentos realizados por outro hospede do hotel. Ela gravou o vídeo, sofrendo o assédio e fez a denúncia, através da sua rede social no Instagram, publicando o vídeo onde relata a violência sofrida:

Não há idade! Não há hora! Não há lugar!
Essa gravação foi apenas um trecho de toda a importunação que eu sofri com esse senhor, em um hotel na cidade de Araçatuba, no dia 13 de julho.
Eu nunca havia passado por uma situação assim. E na hora eu fiquei meio sem reação [...] (<https://instagram.com>samen...>)

Pelo relato, dá para perceber o constrangimento da modelo. É importante destacar a importância da denúncia. Em um trecho do vídeo, podemos ouvir: “estou louco para fazer amor com você”. para que situações como essa não se repitam e para que outras vítimas tenham a coragem de fazer também; a rede social pode ser então muito útil, para demonstrar como a nossa sociedade precisa enfrentar e romper com esses comportamentos de alguém se achar superior a outra pessoa por conta da cor da pele.

[...] Imagino o céu
No conjunto de sol e lua, se curvando a ti.
Para que possas fazer brilhar
A mais pura beleza
Que em ti há.

Não sou eu, príncipe merecedor desta princesa.
 Mas creio que sua mão posso pegá-la com destreza carinho e amor.
 Não sou eu que merece de ti
 Este grande favor.
 Mas por compaixão
 E de simples me importar.
 Estou eu aqui
 Nesta caminhada
 A lhe ajudar
 (FERREIRA, Programa Prosa de Pret@ em:14/01/2022)

Quando o assunto é gênero⁶⁷, já imaginamos a situação socio política da mulher, que numa sociedade patriarcal estão sempre sobre o poder e dominação dos homens, sendo eles que ocupam os espaços sociais, políticos e econômicos. Consideramos que a mulher vive uma situação de vulnerabilidade, onde a intimidade amorosa muitas vezes, se mostra violenta, através do controle social sobre os corpos, resultando, várias vezes, em feminicídios⁶⁸ É dentro deste contexto e a partir do movimento feminista que teve origem as discussões a respeito de gênero. No poema intitulado “Amor” de autoria de Neemias Oliveira Ferreira, estudante da 2º série do Centro de Ensino Governador Archer, em que ele traduz em versos o amor, o carinho, o respeito e o cuidado que mulheres merecem receber na sociedade.

Assim, iniciamos as discussões sobre gênero, com uma entrevista de Vanda Pantoja⁶⁹ ao Programa Prosa de Pret@ onde ela diz que:

A agenda de gênero, ela é uma agenda, que não é uma agenda prioritária, tanto do ponto de vista teórico, enquanto uma discussão. Quanto as políticas públicas, se a gente for pensar, gênero é sempre uma agenda que estar por vir, após outras agendas, talvez isso esteja relacionado a nossa sociedade ser fincada sobre marcos patriarcais (PANTOJA, Programa Prosa de Pret@ em: 14/01/2022).

A autora começa falando que a agenda sobre gênero não é prioridade, nem do ponto de vista teórico, nem enquanto discussão e, em relação as políticas públicas é uma agenda que está

⁶⁷ O sociólogo Eric Fassin insiste, dizendo que o gênero é um conceito. “Não é uma teoria, não é uma ideologia, é um instrumento que ajuda a pensar”. Os “gender studies” (estudos de gênero) foram criados nos Estados Unidos, nos anos 1970. Esta palavra foi utilizada primeiro nas ciências médicas, a psicologia e a sociologia e, a partir dos anos 1980, na história das mulheres. Na França, nos anos 1970, para falar deste conceito, falávamos antigamente de “sexo social” ou de “diferença social dos sexos”. Nos anos 1972, Ann Oakley, socióloga britânica, queria diferenciar o sexo do gênero. O sexo usa somente o caráter biológico comparado ao gênero que usa o caráter cultural. O gênero trata das diferenças que são os resultados das construções sociais e culturais, não resultados da natureza humana. <http://www.sociologia.com.br/o-conceito-de-genero>

⁶⁸ Feminicídio significa a perseguição e morte intencional de pessoas do sexo feminino, classificado como um crime hediondo no Brasil. O feminicídio se configura quando é comprovada as causas do assassinato, devendo este ser exclusivamente por questões de gênero, ou seja, quando uma mulher é morta simplesmente por ser mulher. <https://www.significados.com.br/feminicidio>

⁶⁹ Vanda Pantoja, graduada em geografia, mestra em Antropologia e doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará. Atualmente é professora do Curso Interdisciplinar em Ciências Humanas e Coordenadora do mestrado em antropologia aqui na Universidade Federal do Maranhão campus de Imperatriz. Programa Prosa de Pret@ em: 14/01/2022.

por vir; segundo ela, é possível que a falta de interesse a respeito do assunto, esteja ligada à forma como a sociedade foi estruturada sobre “marcos patriarcais”. Ou seja, os homens ocupam posição de poder e domínio, sobre as mulheres e os demais sujeitos que não se encaixarem nos padrões considerados normativos, como por exemplo, raça, gênero e orientação sexual. Assim, em relação a esta agenda que está por vir, a autora alerta que: “pensar que a discussão sobre gênero, ela pode aguardar” é um erro, porque “quando a gente se comporta desta forma, acaba esquecendo que estas questões matam; elas matam, elas fazem sofrer; elas destroem subjetividade e elas marcam gerações” (PANTOJA, Programa Prosa de pret@ em: 14/01/2022).

Como a entrevistada alertou, adiar a discussão sobre gênero não é uma escolha adequada, pois essas questões motivam violência física, mental, moral e marcam a vida das pessoas de maneira negativa. Por essa razão, percebemos que se para discutir o gênero de uma forma geral já é difícil, quando se acrescenta o recorte de raça, a tendência é que essas discussões piorem, de forma considerável. Visto que o Brasil é um país sexista, em que o preconceito também é baseado em questões relacionadas ao gênero ou sexo de uma pessoa.

Para exemplificar essas questões sobre sexismo e hiper sexualização, Vanda Pantoja, em sua entrevista ao Programa prosa de Preto, traz para a discussão duas mulheres que se destacam nesse contexto, tais como Ângela Davis⁷⁰ e Lélia Gonzalez. A entrevistada discorre que:

Ângela Davis, quando ela discute isso ela passa por essas questões sobre essa hiper sexualização da mulher negra e esse mito do homem negro estuprador, no Brasil a Lélia Gonzalez quando ela discute, essa questão, do mito da democracia racial, ela também menciona as três figuras da mulher negra no Brasil: a empregada doméstica, a ama e mucama, a mãe preta e a mulata. E aí ela vai pensar essas três figuras que representam de forma geral a mulher negra no Brasil. Ela na verdade é uma figura só que muda de posição conforme a situação e a mulata é essa figura hiper sexualizada, que não é uma pessoa, ela é transformada num objeto sexual, é inclusive para o homem negro (PANTOJA, Programa Prosa de Pret@ em: 14/01/2022).

Sabemos que no Brasil, a mulher está bem longe de ocupar os mesmos espaços do homem. Quando se fala de mulher e mulher negra, a situação se agrava mais ainda. Por isso, a discussão que Ângela Davis apresenta, sobre hiper sexualização e as três figuras da mulher

⁷⁰ Ângela Davis é uma filósofa, escritora, professora e ativista estadunidense. Desde a década de 1960, Davis luta pelos direitos da população negra e das mulheres nos Estados Unidos. Intelectualmente, ela é influenciada pelo marxismo e pela Escola de Frankfurt. Nos movimentos sociais, defende a igualdade entre negros e brancos e a igualdade de gênero, além de teorizar acerca da importância do feminismo negro para reconhecer as dificuldades da mulher negra na sociedade, que, além de sofrer pela misoginia, sofre também pelo racismo. <https://brasilescola.uol.com.br/filosofia/angela-davis.htm>

negra, no Brasil, segundo Lélia Gonzalez, só vem reforçar o quanto o Brasil foi estruturado de forma patriarcal e racista. Seguindo com a Discussão, Vanda Pantoja afirma que:

Não só para as pessoas brancas, mas também pro o homem negro. Eu penso que isso tem muito a ver com a reprodução e com o processo de atualização que nós fazemos cotidiano, né isso a gente faz as vezes de forma inconsciente, é de uma marca racista. Lélia vai falar de uma “neurose” porque vem também de uma discussão junto com a psicanálise do quanto isso faz parte de nós. Do quanto isso está impregnado na nossa forma de ser, nós somos educados para ser racistas desde que a gente nasce, nossa fala, há frases racistas, a piadas, a brincadeiras, as famílias reproduzem, isso, então, assim, como pensar isso, superar isso, como melhorar isso, como minimizar essa questão (PANTOJA, Programa Prosa de Pret@ em: 14/01/2022).

Como citado pela entrevistada, este problema da hiper sexualização da mulher negra é reproduzido na sociedade, ainda que, muitas vezes de forma inconsciente, mas só acontece porque a sociedade está impregnada com a marca do racismo. Por isso Lélia fala de uma “neurose”, que ocorre em nossa forma de ser, no comportamento e no jeito como fomos educados. Como a entrevistada sugeriu, é necessário superar e transformar esse pensamento equivocado.

Para falar sobre a superação desta situação sexista e hipexualizada da mulher negra, a entrevistada traz para a discussão Bell Hooks⁷¹; Vanda Pantoja pontua que:

Bell Hooks” só uma educação, só a educação” e a Bell Hooks, que teve uma influência muito forte do Paulo Freire, ela que foi leitora de Paulo Freire, elogia Paulo Freire nos seus livros, ela mostra para nós que é uma educação liberadora, uma educação para a emancipação, uma educação que considere os sujeitos, uma educação que fala. É. A partir do amor. Quando você opta pelo amor, você começa a mudar o mundo (PANTOJA, Programa Prosa de Pret@ em: 14/01/2022).

A entrevistada destaca duas palavras que fazem muita diferença, quando o assunto é transformar o mundo: educação e o amor. Para a entrevistada, “a educação é o caminho, não sei se o caminho para a gente sair dessa situação, não sei se para a gente achar possibilidades, para a gente pensar uma geração menos sexista, menos violenta, mais emancipada” (PANTOJA, Programa Prosa de Pret@ em: 14/01/2022). Compreendemos que a educação é um caminho, mas não é qualquer tipo de educação; há de ser uma educação libertadora e transformadora. Em relação ao amor este é sustentáculo da sociedade e a causa pela qual acreditamos ser possível modificar as situações adversas. Nesta perspectiva de amorosidade é que a jornalista Kalyne Bianca diz que:

⁷¹ Bell Hooks, era uma escritora e ativista que morreu aos 69 anos. Uma das escritoras feministas e teóricas mais importantes de sua geração; ela era capaz de escrever ensaios com tom político, mas também bem pessoal. <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/202112/15/quem...>

Quando pesquisado no dicionário é possível encontrar diversas definições para a palavra amor, forte afeição por outra pessoa nascida de laços sanguíneos ou relações sociais ou até mesmo atração baseada pelo desejo sexual, são muitas as definições e tipos de amor. O fato é que queremos todos encontrar o amor e nós pessoas negras também queremos falar de amor” (KALYNE BIANCA, Programa Prosa de Pret@ em: 14/01/2022).

Como bem pontuou a jornalista, o amor é um sentimento de afeto, almejado pelos humanos, não importa a cor, isto é, não é algo desejado somente pelos/as brancos, mas, pelos negros/as que também nutrem o mesmo desejo. E isso precisa ser dito, porque muitas vezes é ignorado como se negros não tivessem direito de amar. Todos buscamos um amor na vida, seja o amor entre pai, mãe e filhos, seja entre irmãos, seja fraternal ou baseado em desejos sexuais. Por isso, entendemos as discussões sobre gênero ser necessária, na sociedade brasileira.

[...] Hoje, a honradez da negritude
 Colore os ambientes celestes
 Tão logo ganhará a pangeia
 E brilhará como minhas vestes
 Nas diásporas pelo planeta
 O branco não reina sozinho
 Nos tronos do egoísmo
 Lutamos pela irmandade
 Unidos como irmãos
 No caminho da unidade
 Construindo uma nação
 (ALMEIDA, 2021, p. 45)

Para iniciar as discussões sobre religião⁷², levantamos algumas questões, tais como: o que é religião? Por que as religiões precisam dialogar? Por que algumas religiões sofrem com a intolerância? Para dialogar sobre essa temática, Boff (2004), Agostini (2004) e uma entrevista com Rogério Veras⁷³ ao Programa Prosa de pret@, em 28/01/2022, dentre outros.

Assim, é que trechos do poema inicial intitulado: Saudade ancestral, de Domingos Almeida, vem falar sobre a honradez da negritude, da luta pela irmandade, no caminho da unidade, construindo uma nação. Essa foi e é a luta de negros e negras, no Brasil, por respeito

⁷² O conceito de religião tem origem no termo latim religio e refere-se ao conjunto de crenças ou dogmas relacionados com a divindade. A religião implica sentimentos de veneração e de obediência perante Deus ou os deuses, normas morais para a conduta individual e social e práticas rituais, como a oração e o sacrifício como forma de prestar honra. <https://conceito.de/religio> O Brasil é um país que possui uma rica diversidade religiosa. Em função da miscigenação cultural, fruto dos vários processos imigratórios, encontramos em nosso país diversas religiões (cristã, islâmica, afro-brasileira, judaica, etc.). Religiões no Brasil - Só História (sohistoria.com.br)

⁷³ Rogério Veras, Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista, Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão, Graduado em História pela Universidade Estadual do Maranhão, Docente do mestrado em Sociologia da Universidade Federal do Maranhão campus de Imperatriz e do Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal do Maranhão campus de São Luís e Professor do curso de Ciências Humanas, Sociologia da UFMA em Imperatriz.

e liberdade de expressar sua fé, pois, quando falamos em religião, sabemos que o Brasil, na atualidade, se denomina como Estado laico⁷⁴, mas nem sempre foi assim, isso porque este foi um dos pontos justificados, pelo colonizador português, para manter a escravidão, já que como católicos, precisavam justificá-la não só economicamente, pelo fato de que seria desumano manter outra pessoa como escrava. Precisavam de uma justificativa moral e socialmente condizente com sua crença. O autor relata assim, sobre o posicionamento adotado, pelo colonizador:

O Estado português era católico, bem como a maioria da população. Seria constrangedor, portanto, escravizar outros seres humanos sem uma justificativa moral e religiosa pertinente. Esta justificativa foi encontrada apelando para o fato de que negros não eram cristãos, e, ainda, eram ‘inferiores’ aos europeus e, portanto, deveriam ter a proteção dos povos mais adiantados, no caso os colonizadores brancos portugueses! Na verdade, os negros não eram tratados como seres humanos, mas como objetos ou animais (AGOSTINI, 2004, p. 40).

Pelo relato do autor, fica evidenciado que, desde o período colonial, a religiosidade do povo negro foi ignorada. Ao invés de respeito a suas religiões, aquela professada, pelos portugueses, foi imposta. No entanto, mesmo depois de séculos e de o país se denominar laico, as religiões de Matrizes africanas ainda são discriminadas e sofrem violência. Neste sentido, Domingos, verbaliza que:

A religião reproduz e reforça a estrutura social, mas pode ser um importante fator de conscientização, resistência e mobilização social. As religiões de Matrizes africanas por exemplo, tem se apresentado como importante fator de resistência à dominação cultural (ALMEIDA, Programa Prosa de Pret@ em 28/01/2022).

Como citado pelo jornalista, a religião é uma “faca de dois gumes” porque ela tanto pode reforçar a estrutura social, reproduzindo preconceitos e violências, quanto pode ser um meio de conscientizar e mobilizar pessoas, para não se deixarem dominar e reivindicar direitos. Para que se estabeleça uma cultura de paz e respeito entre as religiões é necessário, pois, dialogar, sobre essa questão, ao que Veras, em entrevista ao Programa Prosa de Pret@ diz que:

Esse momento, está sendo muito difícil, o diálogo inter-religioso devido ao fortalecimento e reforçamento das fronteiras identitárias dos grupos religiosos, especialmente diante do crescimento exponencial dos evangélicos, que gerou uma reação por parte da igreja Católica que era a religião hegemônica no Brasil. E por outro lado os evangélicos chegam com força, esse campo, é muitas vezes, demonizando outras religiões negando a possibilidade de existência de outras religiões, especialmente as religiões de matriz africana e isso gera uma certa atenção

⁷⁴ Estado laico, é quando existe a ideia de neutralidade sobre questões religiosas. <https://www.significados.com.br/laico>

no campo religioso e se torna difícil, mas o diálogo continua sendo necessário. Eu penso que institucionalmente ele se torna bem mais difícil, mas eu penso também que é possível a partir das experiências de fé de cada comunidade, e, é possível buscar essas experiências de fé e os pontos de contato entre as experiências de fé (VERAS, Programa Prosa de Pret@ em: 28/01/22).

De acordo com o entrevistado, o diálogo entre as religiões está sendo muito difícil, devido ao fortalecimento e reforçamento das fronteiras identitárias dos grupos religiosos, ao crescimento dos evangélicos que, muitas vezes, demonizam as outras religiões, principalmente as de matrizes africanas. Ele afirma, porém, que o diálogo é uma necessidade, afirmando que, institucionalmente, é muito difícil, mas que é possível o diálogo, por meio das experiências de fé e também através de pontos de contato, entre essas experiências de fé. Percebemos que o diálogo entre as religiões sempre foi difícil, e que sempre há uma tentativa de imposição e desvalorização, no que concerne à intolerância, quanto à religião do outro, ainda mais se for de matriz africana, onde o desrespeito e a intolerância são muito mais visíveis. Porém, essa intolerância necessita ser combatida e denunciada. Mesmo porque, as religiões cristãs têm uma dívida histórica, ainda não paga com os brasileiros, isso porque de acordo com Boff (2004), “Não lhes anunciaram um Jesus libertador. A catequese foi entregue aos senhores de escravos”, como disse o grande teólogo negro James Cone⁷⁵:

A intenção dos senhores de escravos era apresentar um Jesus que tornaria o escravo obediente e dócil: supunha-se que Jesus faria do povo negro melhores escravos, isto é, fiéis servos dos senhores brancos; mas muitos negros rejeitavam aquela visão de Jesus, não apenas porque ela contradizia sua herança africana, mas também porque contradizia o testemunho das Escrituras (Contexto Pastoral, jul./ago. 1993, p.8 apud BOFF, 2004, p. 100).

Percebemos então, pelo que Cone descreve, que os senhores de escravos quando utilizavam a religião, como meio de dominação dos escravizados, com a intenção domesticar, como se negros não fossem humanos, ou seja, fazê-los obedientes e doces, assim, “Jesus” faria com que o povo negro se tornasse os melhores escravos; uma visão que contrariava a herança africana e se contrapunha, ao que é ensinado nas escrituras. Assim, muitos/as negros/as rejeitavam aquela visão proposta, pelo colonizador branco. Boff (2004) relata que:

⁷⁵ James Hal Cone (1938-2018) foi um teólogo americano, conhecido por sua defesa da teologia negra e da teologia da libertação negra. Seu livro de 1969 *Black Theology and Black Power* forneceu uma nova maneira de definir de maneira abrangente a distinção da teologia na igreja negra. O trabalho de Cone foi influente, desde a época da publicação do livro, e seu trabalho permanece como referência, nos dias de hoje. Ao mesmo tempo, seus estudos têm sido usado e criticado, dentro e fora da comunidade teológica afro-americana. Sociedade Teológica Filhos da Promessa - COTEC: James Hal Cone (conselhodosteologoscristaos.blogspot.com)

Os missionários até recente data, interpretavam as religiões afro-brasileiras como magia e possessões demoníacas; portanto, como algo que está sob o domínio da perversidade. Deveriam ser segundo eles, combatidas e eliminadas; mobilizaram o Estado e a polícia para destruí-los, seja o vodú do Haiti, as santerias de Cuba, o xangô em Trinidad e Tobago, o candomblé e a umbanda no Brasil. Converter-se ao cristianismo significava, na perspectiva dos negros, negar a África e renunciar as raízes étnicas; numa palavra, matar a alma da resistência e da libertação (BOFF, 2004, p. 100).

Pelo relatado pelo autor, as religiões afro-brasileiras foram entendidas, por missionários, até recentemente, como locais de magia e de possessões demoníacas. Uma tentativa, segundo o autor, de matar a alma, pela resistência. Porém, mesmo que as religiões de matriz africana tenham conseguido alguns avanços, percebemos que ainda são muito criticadas e perseguidas, em acordo com o que foi relatado, por Boff, Veras, em entrevista ao Programa Prosa de Pret@ em: 21/01/2022, recorre ao período colonial, para explicar esse peso, carregado pelas religiões de matriz africana:

A gente poderia remontar todo o período colonial do processo de ocupação, de dominação, que foi um processo violento sobre os territórios africanos e os povos africanos para escravizá-los e utilizá-los como nome de obra compulsória na América. Evidentemente esse processo não é feito só pela violência física, mas também, pela violência simbólica. É preciso não somente negar a dignidade de produção humana cultural desses povos. É preciso dizer que essa produção cultural é inimiga daquilo que é considerado bem, na Europa Cristã. Não é um inimigo, ou seja, o satanás, demônio, enfim. Então negar essa possibilidade de humanidade, produção cultural é uma forma também de querer desarmar esses povos de resistir, e essa dominação física e dominação econômica foi imposta a eles (VERAS, Programa Prosa de Pret@ em: 28/01/2022).

O Entrevistado, diz que esse impacto se dá, com mais intensidade, pelas religiões de matriz africana. Remontam todo o período colonial, a partir da ocupação, dominação e o processo violento, sobre os territórios africanos. Um processo de violência física, mas também simbólica, que nega a produção cultural do povo negro, o que, segundo ele, não é benéfico, mas, uma forma de fazer com que estes não resistam à dominação, física e economicamente. Diante da imposição imposta, pelo colonizador, desde o período colonial, Boff (2004) discorre que “o sincretismo⁷⁶ foi uma estratégia de resistência, a esse tipo de exigência suicida, como

⁷⁶ Sincretismo é a fusão de diferentes doutrinas, para a formação de uma nova, seja de caráter filosófico, cultural ou religioso, mantém características típicas de todas as suas doutrinas-base, sejam rituais, superstições, processos, ideologias e etc. O Brasil é um dos países mais religiosos do mundo e uma das nações onde há maior sincretismo religioso. Esse processo se iniciou com a chegada dos primeiros colonizadores portugueses ao continente e se intensifica com a chegada dos povos africanos escravizados. A Igreja Católica atuou de maneira repressiva; proibiam-se celebrações e aplicavam-se punições aos que desrespeitassem essas regras. Uma das formas encontradas pelos africanos para preservar suas tradições foi utilizar os conhecimentos repassados pelos padres e associar os santos católicos a seus orixás, como disfarce para realização de seus cultos. A Umbanda é um dos

forma de ocupação dos espaços do sagrado católico ou protestante (BOFF, 2004, p. 100). Na atualidade, é possível perceber que ainda há muita intolerância com os praticantes de religiões de Matriz africana. Diante do exposto Boff (2004) pontua que:

O cristianismo somente entenderá a religiosa dos negros caso supere o eclesiocentrismo (tudo centrado na igreja) e reequilibre o cristomonismo (centração de tudo em Cristo e neste encarnado) mediante uma teologia do espírito que sopra onde quere que se comunica, por suas energias e irrupções, com todas as experiências religiosas profundas. O axé, energia divina e cósmica, com o seu grande sacramento, e o Exu constituem os eixos da experiência negra da divindade. Os espíritos (orixás) não vivem num mundo metafísico, segundo a cartografia religiosa cristã, mas nos rios, mares, cascatas, fontes, árvores e florestas. São divindades que impregna a existência de cada ser humano (BOFF, 2004, p. 101).

Segundo o autor, o sincretismo foi o meio de superar os fatores que levaram a colocar a religião de matriz africana, como principal alvo dessa intolerância religiosa, no Brasil, entendendo a religião de matriz africana, como crença religiosa, respeitando as pessoas, em seu direito de realizar sua fé; pontua que o cristianismo precisa superar o eclesiocentrismo e reequilibrar o cristomonismo, tendo como viés o Cristianismo. Veras comenta, em relação à superação da intolerância religiosa, apontando o conhecimento, como caminho de transformação e independência, pelos praticantes da fé. De acordo com ele:

O ponto básico é o conhecimento. O conhecimento de fato, a ampliação das informações sobre essas religiões para a comunidade, para o grande público, para as religiões, mas como falei ainda agora, eu penso também eu compartilhar a experiência religiosa. Isso todas as religiões tem, todas as religiões parte daquele momento, onde as pessoas chegam nos grupos e falam das suas dores, das suas doenças, dos seus falecidos e dos seus nascidos. Então, toda as religiões tem essa dimensão humana de compartilhar e isso qualquer pessoa de qualquer religião pode experimentar em qualquer outro momento, qualquer outro lugar, em qualquer outra experiência religiosa. É preciso sair das experiências institucionais e buscar a partir desses momentos de contato com o sagrado que essas experiências humanas do compartilhar da fé, torna possível, eu acho que já estão se mobilizando espaços como: espaços de meditação, espaços de compartilhamentos, aconselhamento, que não depende de uma mediação institucional (VERAS, Programa Prosa de Pret@ em: 28/01/2022).

Para superar a intolerância, o que pode ocorrer a partir do diálogo, o entrevistado diz que o ponto básico é o conhecimento. Fala que no tocante ao compartilhamento de experiências, inerentes a todas as religiões, sobre aquele momento em que os participantes compartilham suas dores, doenças, mortes, nascimento. Afirma que toda pessoa pode experimentar a dimensão humana, presente nas religiões. Ele também diz que é necessário sair das experiências

grandes exemplos desse sincretismo: ela é uma mistura do catolicismo, das religiões afro-brasileiras e do espiritismo. <https://www.significados.com.br/sincretismo/>

institucionais e buscar outros espaços de meditação, compartilhamentos, aconselhamento que não dependem de uma mediação institucional. O que fica entendido aqui é que as religiões também contribuem para a reprodução da violência e intolerância e que por meio do conhecimento é possível o contato com o sagrado, com espaços de compartilhamento, sem mediação de instituições religiosas, com vistas a romper com essas estruturas institucionais.

Este tema é bastante trabalhado pelo CCN-NC, visto que esta é uma entidade centrada na mobilização, contra o racismo e defesa das pessoas negras, por isso participa de atividades junto às religiões de matriz africana, na cidade de imperatriz, como a Umbanda e o Candomblé.

Que vai de graça pro presídio
E para debaixo do plástico
E vai de graça pro subemprego
E para os hospitais psiquiátricos
A carne mais barata do mercado é a carne negra [...]
(Elza Soares, Programa Prosa de Pret@ em: 11/02/2022)

A Literatura negra⁷⁷ é uma forma de resistência de grande relevância, para o povo negro, visto que se refere à escrita produzida por negros/as, suas experiências, seu pensamento e opiniões. Uma literatura ainda invisibilizada, que precisa ser melhor difundida, como diz o trecho da canção da Elza Soares a “Carne”, citada acima, isso ocorre devido ao racismo que permeia as estruturas da sociedade brasileira e as práticas institucionais, históricas, culturais e interpessoais que geralmente colocam as pessoas negras em situação de inferioridade e às margens da sociedade. A literatura negra representa uma potente forma de resistência; a esse respeito, Almeida, no Programa Prosa de Pret@ em: 11/02/2022, comenta que:

A literatura negra no Brasil se constitui como resultado de muita resistência e não se pode deslocar o apagamento de nossos escritores negros e nossas escritoras negras da forma como o racismo foi instituído e como ele se reproduz ainda hoje na sociedade brasileira. Machado de Assis teve sua negritude negada por décadas, pouco se fala de Cruz e Souza e Lima Barreto, apesar da importante contribuição deles para nossa literatura. Conceição Evaristo só foi reconhecida pelos seus escritos aos 71 anos de idade e é preciso questionar isso, Maria Firmina, escritora maranhense e considerada a primeira romancista brasileira foi discriminada e apagada da História literária desse país até anos recentes (ALMEIDA, Programa Prosa de Pret@ em: 11/02/2022).

Inferimos assim, que a literatura negra é resultado de muita resistência, que muitos/as tiveram sua negritude apagada, enquanto que outros/as foram invisibilizados. O autor traz algumas reflexões, sobre a invisibilidade e o apagamento de muitos/as escritores/as negros/as

⁷⁷Literatura negra, produção literária cujo sujeito da escrita é o próprio negro. É a partir da subjetividade de negros e negros, de suas vivências e de seu ponto de vista que se tecem as narrativas e poemas assim classificados. <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/literatura-negra.htm>

que fazem parte da sociedade brasileira, como Machado de Assis⁷⁸, Cruz e Souza⁷⁹, Lima Barreto⁸⁰, Conceição Evaristo⁸¹ e Maria Firmino dos Reis⁸².

Nesse sentido, Ribeiro (2019) afirma que: “Mesmo vencendo todos os obstáculos que acompanham a pele negra e ingressando na pós graduação, o estudante encontrará outro desafio: o epistemícidio, isto é, o apagamento sistemático de produções e saberes, produzidos por grupos oprimidos” (RIBEIRO, 2019, p. 61). Assim, percebemos que há um desafio muito grande, quando se trata da produção dos saberes dos grupos que não pertencem à elite dominante.

A reflexão sobre a temática literatura negra é uma necessidade, já que o apagamento de escritores/as negros/as, a exemplo de Maria Firmina dos Reis, continua presente na atualidade. Assim, Natividade⁸³ traz para esta reflexão, as características da obra de Maria Firmina dos Reis, ao apontar que:

Uma das principais características da obra de Firmina nessa obra inaugural ou literatura afrodescendente e afro-brasileira como a gente, alguns autores dão voz aos negros e às mulheres, esse é um recorte interessante da obra de Firmina, um outro é esse olhar humanizado, que foi conferido na sua obra, para o escravo. Porque qual era o olhar que a gente tinha e o olhar ainda hoje para a pessoa negra, então os olhares ou até lugares subalternos, então Maria Firmina foi essa inovação exatamente por isso, além de dar voz porque a gente sabe que o negro era como mercadoria nem era tido como gente e as mulheres colocadas em silêncio, aí ela veio com essa obra e deu voz, às mulheres e aos negros e ao mesmo tempo, colocou eles como sujeitos (RODRIGUES, Programa Prosa de Pret@ em 11/02/2022).

⁷⁸ Machado de Assis (Joaquim Maria Machado de Assis), jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 21 de junho de 1839, e faleceu também no Rio de Janeiro, em 29 de setembro de 1908. É o fundador da cadeira n.º 23 da Academia Brasileira de Letras. <https://www.academia.com.br/acadêmicos/machado-de-assis/biografia>

⁷⁹ João da Cruz e Sousa nasceu em Nossa Senhora do Desterro, hoje Florianópolis, Santa Catarina, no dia 24 de novembro de 1861. Filho de escravos alforriados nasceu livre. Foi criado como filho adotivo do Marechal de Campo, Guilherme Xavier de Sousa e Clarinda Fagundes de Sousa. Por ter nascido no dia de São João da Cruz, recebeu o nome do santo, e o sobrenome da família que o criou. https://www.ebiografia.com/cruz_e_sousa/

⁸⁰ Lima Barreto (1881-1922) foi um importante escritor brasileiro da fase Pré-Modernista da literatura. Sua obra está impregnada de fatos históricos e de uma perspectiva da sociedade carioca. Analisa os ambientes e os costumes do Rio de Janeiro e faz uma crítica à mentalidade burguesa da época. https://www.ebiografia.com/lima_barreto/

⁸¹ Maria da Conceição Evaristo de Brito é uma notável professora e escritora brasileira contemporânea sendo especialmente ativa nos movimentos pela luta negra. A autora, que publica poemas, ficção e ensaios, nasceu no dia 29 de novembro de 1946 em Belo Horizonte, Minas Gerais. https://www.ebiografia.com/conceição_evaristo/

⁸² Maria Firmina dos Reis foi um elo Horizonte, Minas Gerais. https://www.ebiografia.com/conceição_evaristo/ ⁸² Maria Firmina dos Reis foi uma escritora negra considerada a primeira romancista brasileira. Nasceu no Maranhão, em 11 de março de 1822. Sua obra *Úrsula* é precursora da temática abolicionista na literatura do país. O romance é considerado, ainda, o primeiro no gênero a ser publicado por uma mulher negra, em todos os países de Língua Portuguesa. Maria Firmina dos Reis: vida, obra e curiosidades sobre a escritora (multirio.rj.gov.br)

⁸³ Maria Natividade Silva Rodrigues, Graduada em História pela Universidade Estadual do Maranhão, em Ciências Humanas, Sociologia pela Universidade Federal do Maranhão e Mestrado em Ciências Sociais, em 2017, publicou o livro *violência intrafamiliar contra crianças e adolescente*. E este ano foi eleita presidenta da Academia João Lisboense de Letras, Natividade é também uma estudiosa de Maria Firmino dos Reis. Programa Prosa de Pret@ em: 11/02/2022

O que a autora destaca na obra da Maria Firmina dos Reis, além do fato de ser uma literatura afrodescendente, é o olhar humanizado que foi conferido ao escravo e representou uma inovação porque segundo a autora, deu voz às mulheres e aos negros.

Entre as obras de Maria Firmina, *Úrsula* foi um romance que ganhou projeção nacional, o que fez com que a romancista se destacasse, pois é considerado até hoje, o primeiro romance escrito por uma mulher negra, De acordo com a entrevista da Professora Natividade ao Programa Prosa de Pret@ em 11/02/2022 os elementos que trazem esse livro e o enredo contido nessa obra são:

Além da voz e desse olhar humanizado, ela também traz o outro olhar dos personagens sobre a África, porque como é que a gente escuta a história do africano, geralmente tem o suporte da escravização e ela não, ela tem essa narrativa das coisas belas que tem a África, então é a primeira vez que se vê de modo bem concreto uma narrativa positiva, agradável acerca da África, porque quando a gente pensa até nas nossas escolas nos nossos livros didáticos nós percebemos os negros, falamos dos negros a partir da escravidão, que é uma coisa que a gente tem que superar, então, nós precisamos tá falando a partir é dessas coisas positivas, dessa resistência que é uma característica do povo negro (RODRIGUES, Programa Prosa de Pret@ em 11/02/2022).

A entrevistada cita os elementos presentes no livro *Úrsula*: além da voz humanizada, apresenta personagens sobre a África, onde as narrativas são as coisas belas existentes, na África, ou seja, uma narrativa agradável, porque segundo a entrevistada, nos livros didáticos trabalhados, na escola, quando se fala em negros é sempre na perspectiva da escravidão; então, esse é um elemento que cabe destacar, pois sabemos que é necessário superar essas falas negativas, o que faz com que seja necessário que negros e negras produzam seus escritos, para que sua história não seja vista apenas pelo viés do colonizador. Essa também é uma forma de resistência. Para a entrevistada, o estudo da obra de Maria Firmina demonstra o despertar, para uma escrita emancipada. Sobre a obra de Maria Firmina, a entrevistada esclarece que:

Olha, eu acredito e nós que estudamos, pesquisamos é um leque de pesquisadores e pesquisadoras de Maria Firmina e nós acreditamos eu ela vai e aliás já está, se a gente pensar que inúmeras teses, dissertações e outras produções e reedições inclusive de *Úrsula* e outros livros dela já estão sendo publicados e estudados, quando você vai numa zona rural e se depara como eu estive nessa experiência e lá tem um aluno do ensino médio falando sobre Maria Firmino com toda a propriedade, você percebe que essa leitura, sobre mulher, sobre a escrita negra e esse olhar emancipador da pessoa negra, a gente já tá assim, bem satisfeita ((RODRIGUES, Programa Prosa de Pret@ em 11/02/2022).

De acordo com Rodrigues, existe um número considerável de pesquisadores e pesquisadoras de Maria Firmina e várias teses, dissertações e outras escritas já estão sendo

estudadas e publicadas. Segundo Rodrigues, um outro elemento presente na obra de Maria Firmina é a consciência. A esse respeito, ela relata que:

A consciência de Firmina, como essa educadora, como uma mulher educadora que tinha uma plena visão, do momento bem dominante da escravização, de calar-se, da sujeição, do ser humano como objeto, então, ela tinha esse olhar. E quando ela funda a escola, e uma escola mista, imagina a ousadia dela no século XIX, e ela e a escola esse processo educativo que ela coloca também, inclusive nas obras e também ela faz poesia porque ela não foi só a escritora, professora, poetizou, ela fez músicas, tem o hino que ela publicou um ano antes da Abolição da escravatura então, ela, traz um leque de obras que ainda tá desconhecida, ainda tem muita coisa a descobrir sobre Maria Firmina dos Reis, mas eu acredito assim muito que logo nós vamos ter e , já até tem, nós que estudamos, nós que somos engajadas, temos esse olhar engajador e esse olhar libertador para a causa e a causa negra, ela é um alimento de resistência, para nós e para as outras gerações que estão por vir (RODRIGUES, Programa Prosa de Pret@ em 11/02/2022).

A entrevistada afirma que Firmina foi uma mulher negra e educadora, que tinha plena visão do momento muito dominador da escravização. A entrevistada diz acreditar que a obra de Firmina tem um olhar libertador, para a causa negra, sendo um exemplo de resistência, para as outras gerações que estão por vir. A obra de Maria Firmina é um exemplo para os/as escritores/as negras por se tratar da questão do negro, em uma perspectiva diferente. A autora destaca a ousadia de Maria Firmina, no século XIX, pela coragem nas suas empreitadas, como fundar uma escola mista; destaca o fato de ela ser uma mulher polivalente que atuava em várias frentes, como professora, escritora, poetisa e compositora.

Neste sentido, a escrita de Maria Firmina é uma inspiração que faz a diferença no espaço da academia. Sua obra encoraja outros/as negros/as a também produzir conhecimento e com isso, romper com a estrutura que tem invisibilizado as pessoas negras. Essa maranhense, é uma mulher negra, potente, nascida em São Luís, que fez a sua história na cidade de Guimarães e que inspira negros e negras, de vários lugares. Porém, esse espaço acadêmico é difícil de conquistar, por representar o pensamento eurocêntrico, daí a necessidade de resistir, rompendo com essa estrutura colonial, tão presente em nossa sociedade. Sobre isso, Kilomba (2019) discorre que:

Quem é reconhecido/a como alguém que produz conhecimento? E quem não o é? Quem pode ensinar conhecimento? E quem não pode? Quem está no centro? E quem permanece fora, nas margens? Fazer essas perguntas é importante porque o centro ao qual me refiro aqui é, o centro acadêmico, não é um local neutro. Ele é um espaço branco onde o privilégio de fala tem sido negado para as pessoas negras. Historicamente, esse é um espaço branco onde temos estado sem voz e onde acadêmicas/os brancas/os tem desenvolvido discursos teóricos que formalmente nos construíram como a/o “outras/os” inferior, colocando africanas/os em subordinação absoluta ao sujeito branco (KILOMBA, 2019, p. 50).

Pelo relato da autora, compreendemos que o espaço acadêmico tem sido também, um local onde a/o negra/o vem sendo silenciado; onde brancos têm o privilégio de fala e é por isso que ela questiona a posição que acadêmicas/os negras/os e brancos/as ocupam. De acordo com Kilomba (2019): “Como acadêmica, por exemplo, é comum dizerem que meu trabalho acerca do racismo cotidiano é muito interessante, porém, não muito científico” (KILOMBA, 2019, p.51). A partir do relato da autora dá para perceber como o racismo está presente na fala de quem está do outro lado da História. Sua escrita é considerada como não científica.

Para a autora, “Quando, elas/eles falam é científico, quando nós falamos é acientífico” (KILOMBA, 2019, p. 52). A diferença, de acordo com a autora, reside no fato de que a fala dos/das negros/as é uma fala específica, subjetiva, pessoal, emocional e parcial, portanto, no entendimento eurocêntrico normativo não científico, pois no entendimento do branco, a linguagem científica ocorre quando a escrita é universal, objetiva, neutra, racional e imparcial. No entanto Kilomba (2019) alerta que:

Devido ao racismo pessoas negras experenciam uma realidade diferente das brancas e, portanto, questionamos, interpretamos e avaliamos essa realidade de maneira diferente. Os temas, paradigmas e metodologias utilizados para explicar tais realidades podem diferir dos temas, paradigmas e metodologias das/dos dominantes. Essa “diferença”, no entanto, é distorcida do que conta como conhecimento válido (KILOMBA, 2019, p. 54).

Como citado pela autora, as experiências e realidades vivenciadas, por pessoas negras diferem das experiências vivenciadas, por pessoas brancas, o que reflete na produção do conhecimento já que questionamentos, interpretações, avaliações da realidade são diferentes; logo, temas, paradigmas e metodologias são construídos em outro viés, para explicar a realidade. Portanto a literatura negra é uma forma de descolonizar essa ideologia, advinda do racismo estrutural. Na perspectiva de dar visibilidade às escritas de negros e negras é que o CCN-NC Movimento Negro de Imperatriz apoia essa ideia e desenvolve esse trabalho, através da Editora Balaiada de Escritas Negras, em conformidade com o Capítulo V - Estatuto do Centro de Cultura Negra - Negro Cosme (CCN-NC) Art. 15º - Das Disposições Gerais dispõe, no Capítulo V - Art. 18º- § 2º - Regimento Interno do Centro de Cultura Negra - Negro Cosme (CCN-NC), da seguinte forma:

Art. 1º - A Editora Balaiada de Escritas Negras é um departamento vinculado à Presidência do Centro de Cultura Negra – Negro Cosme (CCN-NC), com a finalidade de registro e edição de obras literárias com temas africanos, afro-brasileiros e indígenas, cujo objetivo é colaborar para a inserção da temática negra e indígena e contribuir para que o mercado editorial brasileiro seja mais diversos.

De acordo com o capítulo I e art. 1º, a Editora Balaiada de Escritas Negras é um Departamento do CCN-NC que tem como finalidade o registro e a edição de obras literárias, com temas africanos, afro-brasileiros e indígenas, objetivando a inserção da temática do povo negro e indígena, colaborando, com isso, para que o mercado editorial brasileiro seja mais diversificado. No capítulo VI do Regimento Interno da Editora Balaiada de Escritas Negra se refere a quem pode publicar na Editora:

Art. 15º - A Editora Balaiada de Escritas Negras publicará exclusivamente material literário de militantes efetivos do CCN – NC; Art. 16º - A Editora poderá publicar textos de não membros do CCN – NC, desde que devidamente recomendado por algum/a membro da instituição, com justificativa por escrito, para a Direção Geral.

Com isso, percebemos que é uma Editora voltada para a escrita de negros/as e que este é um trabalho relevante, para a sociedade imperatrizense, primeiro, porque oportuniza que negros e negras publiquem seus escritos, os retirando da invisibilidade; segundo, porque não membros do CCN-NC podem publicar seus textos, desde que cumpram com o disposto no Art. 16º, desde que seus textos sejam recomendados, de forma escrita, por um membro efetivo da entidade. Dessa forma o CCN-NC colabora, efetivamente, com a literatura negra brasileira.

Sofri, corri, me submeti
 Mas nada me impede de resistir
 Conquistar o mundo
 E o coração de todos
 Ser o melhor de mim
 E mostrarmos negros como um povo
 Vida e paz
 Alegria e liberdade
 A vitória merecida de quem assim se abate
 Sendo de todos e para todos
 O mundo é nosso
 Não vamos desmerecer este povo
 (FERREIRA, Programa Prosa de Pret@ em:25/02/2022)

A Educação antirracista⁸⁴ é o pressuposto que os Movimentos negros reivindicam. Assim, não basta o ensino de história afro-brasileira e indígena, em sala de aula; é preciso romper com a cultura do racismo, presente nas estruturas sociais. De acordo Almeida:

Uma educação antirracista é um objetivo almejado por muitos profissionais e instituições que buscam construir uma sociedade justa, fraterna, solidária, sobretudo, sem discriminação racial. Entender como o racismo transita na nossa sociedade é

⁸⁴ A educação antirracista é uma prática que envolve uma transformação, nos modos de pensar, agir e, principalmente, de se relacionar com a diferença. <https://programaplano.com.br/blog/o-que-e-educacao-antirracista/#:~:text=A%20educa%C3%A7%C3%A3o%20antirracista%20%C3%A9%20uma%20p>

fundamental para que possamos construir políticas públicas voltadas, sobretudo, para a educação. Conhecimento é poder e é com mentes esclarecidas que a gente combate a ignorância (ALMEIDA, Programa Prosa de Pret@ em: 25/02/2022).

A educação é um caminho, para se construir uma sociedade justa, fraterna, solidária e sem discriminação social, como o autor pontuou. Essa é uma das razões porque o Movimento Negro, desde seu início, teve como preocupação a educação e procurou desenvolver atividades voltadas para a educação, como estratégia para que a comunidade negra se posicionasse, de modo mais esclarecido, sem se deixar manipular. Esta tomada de consciência foi uma decisão que começou, logo no início, a partir das organizações negras. Assim, algumas providências foram tomadas, no sentido de contribuir com a alfabetização das pessoas negras; outra preocupação foi com a inserção, na política. Nesse sentido, as mobilizações negras perceberam que consciência, educação e política era um percurso necessário, para que o povo negro se capacitasse intelectualmente, diminuindo com isso, as diferenças entre negros/as e brancos/as ou seja, para que pudessem ocupar lugares de destaque, na sociedade.

O poema do estudante Neemias Ferreira com o título de “Liberdade” lembra esse lugar da ancestralidade: “corri, sofri, submeti, mas nada me impede de “resistir”, então, resistir foi a decisão e a educação, um dos caminhos escolhidos, pelas organizações negras, para se capacitar e assim melhor reivindicar cidadania; neste sentido, de acordo com Passos⁸⁵ (2012):

Nos primeiros anos do Brasil, sob o regime republicano, como o estado brasileiro se ausentava da responsabilidade, com a instrução da população negra, organizações e agremiações negras de cunho cultural, ou político, desenvolveram várias iniciativas educacionais, assumindo para si a responsabilidade também pelo oferecimento de classes de alfabetização para adultos. As associações negras viam na educação [...] uma maneira de o negro ganhar respeitabilidade e reconhecimento, de habilitá-lo para a vida profissional, de permitir-lhe conhecer melhor os seus problemas e, até mesmo, como uma maneira de combater o preconceito (PASSOS, 2012, p. 17).

A partir do excerto, verificamos que o Estado brasileiro foi omissos na sua responsabilidade, com a instrução da população negra e, neste contexto, é que o Movimento veio como um forte aliado do povo negro, no sentido de conscientizar sobre a importância da educação. As ações desenvolvidas, não tinham os/as negros/as como prioridades, para o Estado. O período republicano foi marcado assim, pelo descaso a essa população, mas mesmo diante das adversidades existentes, passos importantes foram dados por associações negras, no sentido

⁸⁵Joana Célia dos Passos. Possui Mestrado (1997) e Doutorado em Educação (2010) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) com pós-doutorado na Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). É intelectual orgânica do Movimento Negro. Atualmente é diretora do Centro de Ciências da Educação/UFSC. É pesquisadora no grupo de estudos e pesquisas Alteritas: Diferença, Arte e Educação, no Núcleo de Estudos sobre Violências (NUVIC) e no Instituto Estudos de Gênero (IEG). <https://www.escavador.com/sobre547675joana-celia-dos-passos>

de avançar, na luta por direitos. Entenderam o quanto era importante a conscientização, através da educação e da política, iniciando as classes de alfabetização, como forma de habilitar o povo negro, para melhor combater o preconceito.

De acordo com Passos (2012, p. 18), dois movimentos eram muito importantes nos primeiros anos do regime republicano: a Frente Negra Brasileira (FNB), fundada na década de 1930, em São Paulo e o Teatro Experimental do Negro (TEN), na década de 1940. Estes movimentos desenvolveram várias iniciativas educacionais “a primeira iniciativa do Departamento de Instrução da Frente Negra, em 1932, foi um curso de alfabetização de adultos. Esse curso funcionava na sede da FNB, no período noturno; era destinado a todos os negros (menores e adultos) associados ou não, à organização”, isso porque a FNB, em 1936, transformou-se em um partido político. Editou também, o jornal “A Voz da Raça”, no período de 1936 até 1938, o qual relata que com organização, educação e luta é possível mudar uma situação adversa.

Para Souza⁸⁶ (2018, p. 39) “o acesso à educação sempre foi uma bandeira que interliga todas as fases e organizações do Movimento Negro brasileiro, seja, em pequena ou larga escala, e que recorrer a meios oficiais, a exemplo do que fez Mundinha Araújo, no Maranhão, figurou entre os modos de resistência”. Pela citação, percebemos que a autora vem ratificar que o Movimento Negro sempre teve a educação, como uma prioridade de luta, como pontua Souza (2018):

Como muitos outros pesquisadores compartilhamos da ideia de educação não se restringe à aquisição da escrita, menos ainda ao saber exclusivamente escolar. Colocamos aqui, o aceto nos processos de educação para a cidadania. Foi por meio deles que os negros brasileiros aprenderam a lutar contra o preconceito e a discriminação racial, incluindo em seu ideário reivindicações que visavam romper com o abandono exigindo direitos sociais e iguais oportunidades de educação e trabalho (GONÇALVES, 2003, p. 334 – 335 apud SOUZA, 2018, p. 39).

Como foi relatado, a luta do Movimento Negro sempre teve a educação para cidadania, como uma de suas pautas reivindicatórias. Foi por meio desses processos de educação, para a cidadania, que o povo brasileiro aprendeu a lutar contra preconceitos e abandono. Em relação a essa preocupação, através da educação e da ação desenvolvida pelo Teatro Experimental Negro, no Rio de Janeiro, Passos (2012) pontua que:

⁸⁶ Geraldyne Mendonça de Souza, professora de história afro-brasileira na Educação Básica. Dissertação “Trajetórias da luta negra pela educação: uma inspiração em Mundinha Araújo”, defendida na Universidade Federal Fluminense, em 2018. “Essa história eu não conhecia”, uma oficina pedagógica sobre a história afro-brasileira (cafehistoria.com.br)

O projeto político pedagógico do TEN articulava a educação como estratégia para a visibilidade e inserção de negros e negras, tendo o teatro como instrumento. O TEN realizou cursos noturnos de alfabetização de adultos, com conhecimentos gerais sobre história, geografia, matemática, literatura, noções de teatro etc. para trabalhadores, operários, desempregados, empregadas domésticas, entre outros. As aulas consistiam na leitura de peças teatrais e em palestras temáticas sobre história do teatro, decoração, cenografia, literatura dramática etc. (PASSOS, 2012, p. 18).

Certamente, o Teatro Experimental Negro, teve um papel de destaque, na luta pela educação da população negra, como foi pontuado pela autora e assim o fizeram, por ter essa consciência de que a educação é uma forma emancipatória. É fato que educação e política são importantes mecanismos que agregam valor e fazem com que o movimento se fortaleça. fica evidente que a luta consciente faz toda a diferença, para resolver determinados problemas, relacionados ao preconceito racial.

De fato, os países colonizados sofreram por séculos e ainda sofrem, com a dominação, razão porque, de acordo com Pereira ⁸⁷; Vittoria⁸⁸ (2012): “Cabral também enxergava a luta contra o racismo – racismo que era uma marca profunda do colonialismo português – como um outro fator de unidade em 1971, ‘Salazar chegou a afirmar que: a África não existe. Isto é o cúmulo do racismo’” (PEREIRA; VITTORIA, 2012, p. 295). Entendemos que o colonialismo deixou marcas profundas, chamadas racismo, desrespeito ao outro, tratamento diferenciado, por razões injustificáveis que precisam ser combatidas.

Com isso, a ideologia racista legitimou a escravidão e exclusão do negro, nas sociedades colonizadas. Conhecemos Amílcar Cabral que foi um pedagogo revolucionário que teve um lugar fundamental, tanto na luta pela libertação da escravidão, quanto pela educação. Tinha como lema “Unidade e Luta” na Guiné-Bissau, o que influenciou fortemente, não só os movimentos negros no Brasil, mas influenciou também a educação:

A influência no Brasil do pensamento e das ações de Amílcar Cabral e da experiência da luta contra o colonialismo na África não se restringiu ao movimento negro [...] A trajetória política de Amílcar Cabral teve uma importante presença no pensamento do educador brasileiro Paulo Freire (1921-1997). Freire não conheceu pessoalmente Cabral, mas se inspirou em seus pensamentos e em sua ação política para repensar os caminhos da educação libertadora, e dedicou a ele seu livro *Cartas à Guiné-Bissau*, onde o define como “educador educando do seu povo” (PEREIRA, 2012, p. 299).

⁸⁷Amílcar Araújo Pereira, Formado em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é mestre em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) <https://www.escavador.com/sobre/7180997/amilcar-araújo>

⁸⁸Paolo Vittoria é doutor em Pedagogia pela Universidade Federico II de Nápoles, Itália, e professor adjunto da Faculdade de Educação da UFRJ (paolo.vittoria@yahoo.com) SciELO - Brasil - A luta pela descolonização e as experiências de alfabetização na Guiné-Bissau: Amílcar Cabral e Paulo Freire A luta pela descolonização e as experiências de alfabetização na Guiné-Bissau: Amílcar Cabral e Paulo Freire.

Assim, fica claro que a fórmula para se conseguir êxito, em uma empreitada, é buscar boas inspirações, compreendendo que a educação é fundamental e que é através da política que se conquistam direitos. Diante do exposto, percebemos que a educação é libertadora, como disse Paulo Freire. Assim, entende-se, que a Educação tem como função trabalhar, para construir a conscientização das pessoas, no sentido de combater o racismo, o preconceito e a discriminação, pois pela forma das pessoas se expressarem, fica evidente o seu pensamento.

Por isso é que o Movimento Negro é fundamental, na luta contra o racismo e por justiça social. Várias vozes unidas certamente, fazem mais barulho e chamam mais atenção do que algo feito individualmente. Assim, as chances de obter respostas afirmativas, para solucionar problemas é muito maior. Gomes (2012) discute a relevância do Movimento Negro brasileiro, na politização e na ideia de raça, entendida por ela, como uma construção social:

Como discurso e prática social, a raça é ressignificada pelos sujeitos nas suas experiências sociais. No caso do Brasil, o Movimento Negro ressignifica e politiza afirmativamente a ideia de raça, entendendo-a como potência de emancipação e não como uma regulação conservadora; explícita como ela opera na construção de identidade étnico-raciais (GOMES, 2012, p. 731).

Neste sentido, o movimento tem um papel de destaque, no que se refere a ressignificar e politizar afirmativamente, a ideia de raça, onde o Movimento Negro é sujeito da ação de educar. Os saberes desse movimento que é educador e é político são muito importantes, para despertar consciência, pois, sua luta se pauta, pela emancipação. A educação e a política são instrumentos necessários e fundamentais, para a conquista de direitos e inclusão social. Assim, Silva (2007) diz que:

O processo de educar as relações entre pessoas de diferentes grupos étnico-raciais tem início com mudanças no modo de se dirigirem umas às outras, a fim de que desde logo se rompam com sentimento de inferioridade e superioridade, se desconsiderem julgamentos fundamentados em preconceitos, deixem de se aceitar posições hierárquicas forjadas em desigualdades raciais e sociais (SILVA, 2007, p. 490).

Portanto, percebe-se que este é um momento de conquistas, através da educação, como modo de se dirigir às pessoas; é uma maneira de romper com os sentimentos de inferioridade, não aceitando a hierarquização, moldada em desigualdades. Isso quer dizer que tão importante quanto a regulamentação da lei, é a sua aplicação, de forma coerente, pelos educadores, no interior das escolas. Significa também, que o Movimento Negro se traduz na mobilização de um grupo de pessoas que se unem, em torno de um objetivo comum e juntos lutam por oportunidades, seja no mercado de trabalho, no sistema educacional, na política e na cultura, visando soluções para toda forma de discriminação, preconceito e injustiça social.

Ao analisar as dificuldades, para implantação das políticas curriculares, Silva (2007) esclarece que:

A dificuldade para implantação dessas políticas curriculares assim como estabelece no art. 26º da Lei 9.394/1996, por força da Lei 10.639/2003, se devem muito mais à história das relações étnico-raciais neste país e aos processos educativos que elas desencadeiam consolidando preconceito e estereótipos, do que procedimentos pedagógicos, ou a tão reclamada falta de textos e materiais didáticos (SILVA, 2007, p. 500).

Sendo assim, fica pontuado que a educação é muito importante, na luta para vencer a discriminação e garantir que as leis sejam aplicadas, de forma coerente e que respondam ao objetivo que é a inclusão do/a negro/a, na sociedade. Em se tratando de educação, Gonçalves⁸⁹; Silva⁹⁰ (2000), no artigo Movimento negro e educação asseguram:

O debate sobre negros e educação aumentou em 1988, com o Centenário da Abolição. Desenvolveram-se nas diferentes regiões e estados múltiplos eventos que punham em discussão a problemática da educação dos negros. Dentre eles destacamos o Encontro do Movimento Negro do Sul e Sudeste no Rio de Janeiro, na baixada fluminense. Ali discutiram, de forma muito articulada, as relações entre negros. Os militantes encaminharam propostas visando a capacitação profissional, que deviam ser levadas para se discutirem nos sindicatos, entendendo-se que eles funcionariam como agência educativa de formação de trabalhadores (GONÇALVES; SILVA, 2000, p. 153).

De acordo com a citação acima, no ano do centenário da Abolição, ocorreram diversos eventos que buscaram debater a complexidade da educação dos negros e negras, no Brasil. Os debates tinham como foco propostas que defendiam a capacitação profissional, sendo que essas propostas deveriam ser enviadas aos sindicatos que funcionariam como agências de formação de trabalhadores. Portanto, mais do que nunca, compreendemos a importância das organizações não-governamentais que certamente tem tido um lugar fundamental, nas ações educativas. Temos alguns exemplos, tais como, as ações desenvolvidas com crianças pela “Escola de Samba Primeira de Mangueira”, pelo “Araketu”, “Olodum”, entre outras.

Em 2008, foi sancionada a Lei nº 11.645 que inclui a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

⁸⁹Luís Alberto Oliveira Gonçalves, possui mestrado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (1985), doutorado em Sociologia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (1994) e pós-doutorado pela Universidade de São Paulo (2006) Luiz Alberto Oliveira Gonçalves (google.com)

⁹⁰Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva tem larga trajetória de sucesso, na educação. Passou pela docência e coordenação pedagógica antes de chegar a ocupar cargos na Secretaria Estadual de Educação e no Conselho Estadual de Educação do Rio Grande do Sul. É referência na área de educação e relações étnico-raciais. Professora Emérita da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), ela foi a primeira mulher negra a ter assento no Conselho Nacional de Educação (CNE), tendo sido indicada pelo movimento negro e exercício do seu mandato de 2002 a 2006. <https://www.cenpec.org.br/tematicas/petronilha-b-goncalves-e-silva-diversidade-em-dialogo-na-educacao>

A Lei 11.645/08, altera a lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei n. 10.639 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro – Brasileira e Indígena (BRASIL, 2008).

Essa lei representa uma conquista, tanto para o povo negro, quanto para o povo indígena, pois esta lei se constitui, como oportunidade de conhecer e respeitar a história e cultura desses povos, sendo uma das maiores conquistas do Movimento Negro, porém não basta só a Lei, é preciso educadores/as comprometidos/as para que de fato a aprendizagem aconteça, em uma perspectiva integradora, onde as diferenças sejam respeitadas. Além disso, é necessário que as entidades fiquem atentas, no sentido de verificar se a lei está sendo efetivada, na prática, no contexto do espaço escolar.

Neste sentido de luta, Freire (1996, p. 94) discorre que:

Me movo como educador, porque, primeiro, me movo como gente. Posso saber pedagogia, biologia como astronomia, posso cuidar da terra, como posso navegar. Sou gente. Sei que ignoro e sei que sei. Por isso, tanto posso saber o que ainda não sei como saber o que já sei. E saberei tão melhor e mais autenticamente quanto eficazmente construo minha autonomia, em respeito à dos outros.

Esse é o sentido, somos pessoas humanas, conhecemos, mas também desconhecemos, autonomia é algo fundamental, para todos e todas que desejam fazer deste mundo, um lugar de justiça social, direitos, inclusão, para desta forma, construir um mundo, emancipado, com liberdade e humanizado. Portanto, o Movimento Negro está no caminho certo para obter reparações de injustiças e conquistar a justiça social. É nesta perspectiva de alcance das finalidades, citadas no artigo 2º do Estatuto do Centro de Cultura Negra – Negro Cosme que o Art.3º do mesmo estatuto diz que mediante a realização das seguintes atividades serão desenvolvidas:

- a) Promoção de eventos educativos e culturais, visando despertar e construir a consciência crítica das pessoas, com vista à valorização do ser humano e o respeito às diversidades étnico-raciais;
- b) Promoção e incentivo à realização de estudos e pesquisa sobre a realidade local, regional, estadual e nacional, visando direcionar as suas ações;
- c) Desenvolvimento de projetos específicos, a fim de obter o financiamento das ações da entidade. (Estatuto do Centro de Cultura Negra-Negro Cosme).

Para obter os resultados almejados, o CCN - NC desenvolve algumas ações, voltadas para a educação, com o propósito de valorizar o ser humano, por meio de eventos educativos e

culturais, incentivo à realização de estudos e pesquisa, desenvolvimento de projetos específicos.

Este trabalho do CCN - NC é grandioso porque, de acordo com Mota⁹¹:

A partir do encontro com o Centro de Cultura Negra, eu pude ler mais sobre a temática, estudar mais, ter contato com fontes bibliográficas, com palestras, seminários, e ao mesmo tempo que eu ajudava a organizar tudo isso, eu estava aprendendo também com palestrantes, com as fontes bibliográficas, então, eu considero que o meu encontro com o Centro de Cultura Negra foi para fortalecer esse trabalho que a gente já vinha fazendo e ao mesmo tempo dá a minha contribuição para o Centro de Cultura Negra, porque eu me engajei de fato e comecei a fazer a militância voluntária mesmo ali dentro, ajudando em tudo que fosse possível: palestra nas escolas, e dando formação para professores, ajudando. Ao mesmo tempo que eu ajudava, eu aprendia também, eu colaborava nessa formação com alguma fala, mas ali, eu estava aprendendo também (MOTA, Entrevista concedida a pesquisadora em:25/11/2021).

Pelo relato da militante, constatamos que o CCN - NC é uma entidade que colabora no fortalecimento do trabalho docente e discente, por meio de palestras, seminários, entre outros.

Sobre a importância do CCN-NC pontua:

Eu considero que o Centro de Cultura Negra foi muito importante, eu já me identificava como mulher negra, porque não tem como negar mesmo, as minhas próprias características físicas são de mulher negra. Na minha profissão, eu já desenvolvia esse trabalho da temática africana, mas quando eu encontrei o Centro de Cultura Negra e essa turma que discutia essa temática, então, isso veio só melhorar o meu trabalho e o fortalecimento da minha identidade (MOTA, Entrevista concedida à pesquisadora, em 25/11/2022).

Considerando, pois, essa finalidade, percebemos como o CCN-NC desenvolve suas ações voltadas para a educação antirracista a consciência e a cidadania de negros/as. É com esta intenção de construir uma educação antirracista que a professora e ativista Silva⁹², em entrevista ao Programa Prosa de Pret@, em: 25/02/2022 fala sobre os desafios que o professor, em sala de aula, tem para discutir a temática étnico racial. De acordo com ela:

Atualmente, ser professor é desafiador e discutir a temática étnico racial, em sala de aula não é difícil, principalmente para quem se presta a pesquisar, a estudar. Se você não tem essa prática de pesquisa, de estudo fica um pouco mais difícil, porque o mundo que se apresenta, ao nosso redor, está cheio de preconceito, discriminação e

⁹¹ Doralice de Assunção Mota, graduada em História pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, especialização: Gestão de políticas públicas em gênero e raça pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA, Militante do CCN-NC foi presidenta do Centro de cultura Negra Negro Cosme (CCN-NC) por dois mandatos (Entrevista concedida a pesquisadora em: 25/01/2021)

⁹² Inês de Jesus Silva, Graduada em Letra, Português e Inglês pela Universidade Estadual do Maranhão, Especialista em Educação Especial pela Universidade Federal do Ceará; é militante do Movimento Negro de Imperatriz e foi presidenta do Centro de Cultura Negra-Negro Cosme (CCN-NC), no período de 2016 a 2018. Atualmente, trabalha na Secretaria Municipal de Educação, no setor de Inclusão e Atenção a Diversidade, no Núcleo de Educação para as Relações Étnico Raciais.

racismo. E se você tem um estudo mais aprofundado, se você não pesquisa, se você não sai do livro didático, fica um pouco mais difícil. Você não tem como combater esse preconceito, em sala de aula, para promover uma educação antirracista (SILVA, Programa Prosa de Pret@ em: 25/02/2022).

De acordo com a entrevistada, discutir a temática étnico racial, na sala de aula, não é difícil para quem pesquisa e estuda, porém, se a pessoa não tem este hábito, fica mais difícil, ou seja, apenas pelo livro didático, não tem como combater o racismo. Silva também destaca a importância do trabalho do CCN-NC, junto aos professores e, como fruto do CCN-NC diz que:

Se sou franca, sem a contribuição do movimento negro de Imperatriz, muitas coisas seriam ainda mais difícil para se trabalhar , porque alguns temas, algumas coisas se discute nesse movimento negro, porque de lá que sai as ideias, lá que saem os projetos, porque se a gente não se unir... desde que foram escravizados meus antepassados, a gente precisa desse movimento negro porque a políticas que vem, elas não nos contemplam, não nos incluem, a gente precisa desse movimento as escolas estão aí, cheias de campo para que se trabalhe e é preciso mesmo que o movimento negro tenha essa força porque é lá que a gente encontra os pares e é lá que a gente consegue criar forças, pra combater tudo que a gente encontra de desafio na sociedade no dia-a-dia. Então, eu Inês, que sou fruto desse movimento negro, dessa militância, penso que é indispensável que a gente tenha esse apoio do movimento negro, porque desde que pra gente foi negado educação, negado Terra, negado tudo isso que a gente vem nesse abismo social, de negação mesmo e para que a gente adentre, pra que a gente consiga e esses espaços a gente precisa se fortalecer e é com nossos pares dentro desse movimento discutindo as políticas, discutindo tudo é que a gente consegue adentrar e diminuir esse abismo que nos separa de tantos projetos de tantas coisas sociais que podem nos favorecer (SILVA, Programa Prosa de Pret@ em 25/02/2022).

Para a entrevistada, a contribuição do movimento negro de Imperatriz, nas abordagens étnico raciais, nas escolas é muito importante, posto que, desde que ao negro foram negadas educação e terra, criou-se um abismo social muito grande. Neste sentido, o Movimento Negro se faz necessário, por fortalecer a luta e diminuir o abismo social, entre negros/as e brancos/as. Em relação à Base Nacional Comum Curricular, Silva relatou ao Programa Prosa de Pret@ que ela vê com criticidade porque:

Eu sempre penso que o ambiente escolar, porque a diversidade é muito grande de cores, de saberes, de gêneros é muito grande no ambiente escolar é um ambiente fértil para que esses preconceitos, essas discriminações, aflora a base Nacional Curricular que agora está estruturada por eixos; linguagem, matemática e ciências da natureza e ensino religioso, eu Inês critico esse novo molde da BNCC exatamente por conta disso, algumas coisas que já eram sistematizadas e já era difícil de se trabalhar, com a nova sistematização alguns professores e professoras sentiram-se um pouco perdidos para sistematizar esse conhecimento e alguns temas tipo étnico-raciais que já era difícil para trabalhar porque não tem direcionamento sistematizado, a não ser o livro didático eu também para mim não é favorável e com as políticas do Ministério da Educação que aí se encontra de te retirar, de dizer que não é preciso se falar disso, eu critico a BNCC nesse sentido, porque infelizmente ainda se precisa disso , ainda se precisa trazer essa discussão para o campo Educacional, porque da escola eu saio e vou para o mundo, então, eu preciso sair com essa cabeça trabalhando para a educação antirracista, não discriminatória pra que eu consiga viver em paz nessa sociedade e

não basta ser só antirracista, eu preciso promover uma educação que educa para esse antirracismo (SILVA, Programa Prosa de Pret@ em:25/11/2022).

A entrevistada diz que nem a BNCC e tampouco o livro didático são favoráveis para trabalhar as questões étnico raciais e que as políticas do atual Ministério da Educação são pontuar que não é importante falar tais questões, acerca de combate ao racismo. Para ela, não basta somente ser antirracista; é preciso promover o combate ao racismo, pois, somente assim, é possível construir uma sociedade de paz, onde os pares possam conviver em harmonia, respeitando a diversidade. Portanto para promover consciência e cidadania, a educação antirracista é fundamental.

É!
 A gente quer viver pleno direito
 A gente quer viver todo respeito
 A gente quer viver uma nação
 A gente quer é ser um cidadão
 A gente quer viver uma nação...
 É! É! É! É! É! É! É! É!...
 (GONZAGUINHA, 1988)

No que concernem aos movimentos sociais⁹³, tratam-se de mobilizações coletivas, desenvolvidas por pessoas que se organizam, em grupos, para lutar por uma ou mais causas sociais; uma necessidade do bairro, da cidade, do país é o grito de quem está excluído e que procura ocupar lugares de direito, na sociedade. Dentre os movimentos sociais, podemos citar como exemplo: movimento feminista, movimento ambientalista, movimento de sem teto, movimento antirracista, movimento estudantil, etc. Como expressado na canção de Gonzaguinha⁹⁴ “É”, expressa o grito do oprimido, para obter direito, respeito e cidadania. É a busca pela plena cidadania, isto é, a busca por direitos civis, políticos e sociais em que haja igualdade de fato e de direito, entre as pessoas; é a inserção na sociedade. A este respeito, Almeida entende que:

No Brasil, os movimentos sociais são importantes forças de mobilizações da sociedade, entre as décadas de 1960 e 1980, enfrentaram a Ditadura Militar, desde os primeiros anos do regime autoritário, passando pelas Diretas Já, até a conquista da

⁹³ Os movimentos sociais são ações coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam formas distintas da população se organizar e expressar suas demandas (GOHN, 2011) e cujas formas de luta têm papel fundamental na conquista de direitos civis, políticos e sociais. Suas iniciativas são oriundas de diferentes classes e camadas sociais, articuladas em cenários de uma determinada conjuntura histórica. <https://cafecomsociologia.com/conceito-de-movimentos-s...>

⁹⁴ Gonzaguinha (1945) foi um cantor e compositor brasileiro. Gonzaguinha transformava as dificuldades de sua vida, em uma aguda consciência política e social, que se tornaria matéria prima fundamental de suas composições. <https://www.ebiografia.com/gonzaguinha/>

democracia em 1985, nesse período por exemplo, foi criado o MST, outras importantes mobilizações dos movimentos sociais no país foram pelo impeachment do ex-presidente Fernando Collor, contra o golpe que destituiu a então presidenta da República Dilma Rousseff do Partido dos Trabalhadores em 2016 e mais recentemente contra as políticas do atual presidente da República (ALMEIDA, Programa Prosa de Pret@ em: 11/03/2022).

O relato do autor dispõe acerca da Ditadura Militar, passando pelas Diretas Já, da conquista da democracia, em 1985, o impeachment do ex-presidente Collor, a luta contra o golpe que destituiu a presidenta Dilma Rousseff do Partido dos Trabalhadores (PT) e, mais recentemente, contra as políticas do atual presidente da República. Em todos esses momentos percebemos a ação e força da organização dos movimentos sociais que, em diversas oportunidades, conseguiram êxito em suas lutas. Mesmo quando o resultado não é o esperado, ainda assim, negros e negras não se deixam vencer, mas, se reorganizam e continuam a luta.

Nesse contexto de lutas é que começou, ainda na década de 1990, os primeiros encontros para discutir a temática do povo negro, na cidade de Imperatriz. De acordo com o relato da professora Silva:

A década de 1980 foi marcada pela discussão do movimento negro, entretanto em Imperatriz os negros engajaram-se nos diversos agrupamentos sociais como: clube de mães, sindicatos, movimentos de trabalhadores sem-terra, associação de moradores motivados para debater questões gerais de organização da sociedade. Embora sofressem discriminações, exclusão, racismo, fatos que acompanharam a vida dos negros, não se tem notícias de atividades de arregimentação desse grupo étnica para discutir problemas referentes à sua categoria racial (SILVA, depoimento 2013. Disponível em: <http://cnnnegrocosme.blogspot.com/p/histórico.html?m=1>

Pelo depoimento da professora, observamos que os negros e negras de Imperatriz estavam engajados, em outros movimentos sociais, onde as pautas eram questões gerais da sociedade. Foi a partir desta constatação que, na década de 1990, a professora Izaura Silva (Universidade Estadual do Maranhão), Maria Luísa Rodrigues de Sousa (Rede Municipal), Luiz Maia da Silva (Acadêmico de História da UEMA) Antônio Lima Ferreira (Acadêmico de Letras da UEMA), dentre outros membros colaboradores, começaram a se reunir, a fim de discutirem ações, a serem desenvolvidas na busca de incluir a temática afro, nas discussões em sala de aula e no ambiente escolar. Tais temáticas, refletiam a respeito do 13 de maio e do 20 de novembro, datas alusivas ao Movimento Negro. Os encontros ocorriam no pátio da Universidade Estadual do Maranhão, Centro de Estudos Superiores de Imperatriz (UEMA/CESI), semanalmente. Sobre esses primeiros encontros, Maria Luísa fala ao Programa Prosa de Pret@ em; 27/03/22 como vivenciaram esses momentos, ela lembra que:

E aí a gente discutia, nesse período a gente ia discutindo o que vamos fazer no 13 de maio? O que a gente vai fazer no 20 de novembro? E aí a gente se reunia e discutia essas pautas, o que a gente ia desenvolver, fazer e aí começamos a chamar pessoas e aí começamos a fazer apresentações no pátio da UEMA que era pequeno, então a gente começou a fazer a gente chamou os meninos da Capoeira, o tambor de crioulo, couro e corda e aí a gente começou a se movimentar, depois a Isaura foi dar palestra, lá dentro da universidade se reunir dentro do auditório e as reuniões continuavam, passando esse período, a gente conheceu mais pessoas, nessa época tinha o Professor Maia que era aluno do curso de História, tinha um que veio do rio de janeiro que era o marido da Gisele, que também participava, tava junto, a Deide e também estava conosco o Lima que ele estudava Letras e a Isaura tem mais coisa pra contar até mesmo sobre seu Lima, que gostava de dizer: “afrodescendente” risos... (SOUSA, Programa Pros de Pret@ em 27/03/2022).

Vimos a partir do relato da professora, como foram as primeiras movimentações do grupo, o que falavam nos encontros e percebemos que, desde o início, houve a preocupação com a formação e a cultura. A esse grupo, posteriormente uniram-se o então vereador Mariano Dias, Jorge Diniz de Oliveira, Francisco das Chagas Matos, Herli de Sousa Carvalho, Lázaro Alves Ferreira, Maria das Neves Gomes Pereira, Maria Erotilde Nunes Leite, entre outros. Assim, o Centro de Cultura Negra Negro Cosme é uma entidade da sociedade civil organizada que surgiu no contexto dos movimentos sociais de Imperatriz. Pereira que presidiu a entidade de 2002 a 2004, fala em entrevista, ao Programa Prosa de Pret@, de 11 de março de 2022, como foi a organização da militância social, principalmente de pessoas negras, para a criação do CCN - NC:

Do Movimento em 2000, a gente busca um pouquinho também, da história dos anos 90, sobretudo, porque já havia iniciado algo sobre as políticas, e da questão da igualdade racial. Lembro aqui principalmente da professora Isaura, que já tinha iniciado esse trabalho nas universidades, nas escolas de ensino médio. E a nossa relação com os movimentos sociais, ela sempre foi muito pura, legítima; a gente não tinha participação porque ia lá para convidar, a gente participava junto, então, sempre tivemos essa empatia, essa participação junto, graças a Deus. Então, quando surgiu a ideia de a gente colocar na Câmara, o dia da Consciência Negra em Imperatriz. Vale registrar, que a gente pegou um projeto de São Luís, que já tinha em São Luís e a gente trouxe pra cá, e um projeto de Lei com dois parágrafos, cria e institui o dia. Então, qual foi a ideia, mobilizar, levar a dar conhecimento a sociedade. A nossa estratégia foi convidar, levar para os movimentos sociais, mas não só, nós fomos também para as ruas e nós fomos para as praças e começamos a divulgar, então houve muita adesão, tanto do movimento social, já descrevi aqui, pastorais, sindicatos, professores e estudantes. Mas eu vi também, adesão de moradores, de gente da comunidade que queria participar. Isso foi fantástico. Nós levamos os filmes, a semana sendo debatida nas escolas, nas universidades e registramos aqui que houve uma cobertura muito boa do meio de comunicação, então, a nossa inserção, assim, junto com os movimentos sociais, foi nesse sentido muito bem acolhido, e graças a Deus surtiu efeito (PEREIRA, Programa Prosa de Pret@ em: 11/03/2022).

O ex-Vereador e ativista explica como a militância se organizou, para criar o CCN-NC. De acordo com ele, a professora Isaura, já tinha iniciado o trabalho, na universidade e ele vereador, colocou o projeto na Câmara, para criação do dia Municipal da Consciência Negra

em Imperatriz, um projeto que já tinha em São Luís, tendo sido criado e instituído, em um texto com apenas dois parágrafos. A estratégia foi convidar e levar a ideia, para os movimentos sociais, ruas e praças, começando com sua divulgação, o que foi feito, tendo grande adesão, por parte dos movimentos sociais, pastorais, sindicatos, professores, estudantes, associação de moradores e mais a cobertura dos meios de comunicação. Foi criado então, pela Lei nº 973/2001, o dia Municipal da Consciência Negra em Imperatriz, sendo este foi o percurso percorrido pelo Movimento Negro, no município e, até sua fundação, foram realizadas muitas mobilizações.

A fundação do Centro de Cultura negra Negro Cosme (CCN-NC) ocorreu em uma Assembleia Geral, com solenidade de aprovação do Estatuto, eleição da 1ª diretoria, e contou com a presença de seus membros, políticos, representantes de associações, movimentos sociais, entidades de classe, pastorais e dos representantes do CCN-MA, Magno Cruz e Benedita Freire. Com essa solenidade, o CCN-NC, passa a ser uma entidade sem fins lucrativos, por isso, todas as pessoas que militam no movimento são voluntárias. Aquele/aquela que defende a causa negra, para participar desse movimento e, de acordo com o estatuto, em seu Art. 4º, “pode inscrever-se ao Centro, toda pessoa que apresentada formalmente por um membro comprometa-se a aceitar e defender os objetivos da entidade, fixados em estatuto, e seja aprovado em reunião de diretoria” (Estatuto do Centro de Cultura Negra- Negro Cosme). Os movimentos sociais são necessários, principalmente porque a sociedade brasileira apresenta vários desafios a serem enfrentados. As manifestações dos movimentos sociais acontecem por meio de passeatas, marchas, greve, ocupações de espaços públicos, fechamento de ruas, dentre outras. Sobre exemplo de herói e heroína a professora Margarida Chaves, fala ao Programa Prosa de Pret@ em: 31/12/2021, citando Pe. Josimo⁹⁵ e Querubina⁹⁶ que:

O herói, Josimo Tavares, foi o sacerdote que trabalhou no Movimento popular, junto aos lavradores e que trabalhava também, como educador popular, tudo na perspectiva de fazer com que as pessoas aprendessem a agir pela própria conta, ajudando pessoas a se organizarem como lavradores e lavradoras. Ele também, foi professor e foi um

⁹⁵Padre Josimo Morais Tavares, sendo pobre, negro e filho de camponeses, terminando os estudos, decidiu voltar a Xambioá, para dedicar sua vida à causa dos trabalhadores e trabalhadoras rurais. Denunciou os grileiros da terra, a opressão dos latifundiários contra os lavradores e defendeu os direitos do povo, conscientizando-os sobre sua força. Foi coordenador da Comissão Pastoral da Terra (CPT) – no Bico do Papagaio, conhecida por intensos conflitos de disputa e seu testemunho provocou o ódio dos fazendeiros da região, passando a receber diversas ameaças de morte. Em 10 de maio de 1986 (dia das mães), na cidade de Imperatriz, no Maranhão, padre Josimo foi covardemente assassinado com dois tiros, pelas costas, quando subia a escadaria do prédio onde funcionava o escritório da CPT. <https://www.hiu.unisinos.br/categoria/188-noticias-2018/578863-josimo-o-padre-negro-que-amou-seu-povo-aoponto-de-se-entregar>

⁹⁶ Maria Querubina, residente do assentamento da Vila Conceição, em Imperatriz, é quebradeira de coco, desde os 7 anos e comprova que a devastação tem dificultado a realidade das quebradeiras, que sobrevivem do extrativismo do coco babaçu. <https://vermelho.org.br/2013/11/12/quebradeira-de-coco-são-detaque-do-dialogos-em-cidelandia/>

grande profeta que anunciou a palavra de Deus, no meio do povo, mas que também denunciou as injustiças contra o povo pobre, fazendo com que cada um escutasse, a partir do seu evangelho, o que Deus nos convoca a fazer, para que o povo se torne livre, tenha os seus direitos à Terra e a uma vida digna”. Sua heroína, Maria Querubina “Mulher camponesa, lutadora, lutou pela posse da Terra, na região de Imperatriz. É uma grande pessoa que se colocou a serviço, na busca pela terra, mas também na organização sindical de trabalhadores e trabalhadoras rurais, então, ela hoje é uma pessoa exemplo para que todos, nós possamos olhar o que ela fez como trabalhadora rural e que ainda faz muito, na organização das pessoas, principalmente das mulheres camponesas (Chaves, Programa Prosa de Pret@ em:31/12/21).

Como citado pela professora, são dois exemplos de pessoas que dedicaram sua vida, aos Movimentos sociais. O padre Josimo, inclusive foi assassinado, por denunciar injustiças. Neste sentido, os movimentos sociais são importantes porque conhecem as dificuldades enfrentadas diariamente, pela população; eles articulam ideias que chamam a atenção do governo, para suas pautas. Assim, sobre o trabalho dos Movimentos sociais, Pereira, no programa Prosa de Pret@ em: 27/03/2022 avalia o papel dos movimentos sociais, nas eleições de 2022:

Em 2022, a gente vai ter eleições presidenciais e ao que tudo indica, será uma disputa bastante acirrada, como é que você avalia o papel dos movimentos sociais nesse processo eleitoral? Fundamental, o papel nosso, dos movimentos sociais, na discussão política, sobretudo, a nível Nacional e nos estados onde se vai discutir políticas públicas que de fato vão mudar e interferir na vida das pessoas; é algo que precisa ser feito, nós estamos, vamos dizer assim, os movimentos sociais acerca de duas, três décadas, a gente de fato tem diminuído a nossa capacidade de mobilização, por outro lado, ao mesmo tempo que a gente diminuiu essa quantidade de pessoas, em números e as razões são muito vagas, mas nós temos hoje também, a mesma ferramenta que os outros também têm, que são os meios de comunicação e as ferramentas digitais; nós temos a responsabilidade, sobretudo, de usar esses meios e usar construindo verdade, construindo propostas verdadeiras, discutindo com aqueles que serão os candidatos que de fato possam transmitir com segurança e com verdade as políticas serão desenvolvidas para a população, seja população urbana, rural, população indígena, o que hoje é chamado as políticas necessárias para aqueles que são, é, minorias, enfim, é o papel dos movimentos sociais, neste processo, neste contexto, ele é muito bem-vindo e precisa ser feito com muito carinho, ouvindo, debatendo, convidando as pessoas que possam fazer debate para apresentar suas propostas, Quanto à questão do acirramento, é verdade, vai ser muito difícil, fico imaginando aqui as dificuldades que nós vamos ter de fazer, atividades de rua, de mobilização, mas serão feitas. Nós dos movimentos, os militantes sempre soubemos fazer e vamos fazer com criatividade, com empatia, respeito, seja com a população, seja com os adversários. Esse é o desafio dos movimentos sociais (PEREIRA, 11/03/22).

Em relação ao papel dos movimentos sociais, no tocante ao processo eleitoral, isto precisa ser executado com carinho, ouvindo, debatendo; o entrevistado pontua que vai ser acirrada a disputa eleitoral. Ele imagina que vai ser preciso mobilização, com muita criatividade, empatia e respeito. Usar as ferramentas digitais e apresentar propostas verdadeiras, serão desafios, para os movimentos sociais. É com esse espírito de luta, que os movimentos sociais se preparam para as eleições presidenciais, em 2022, visto que a atual gestão retirou direitos de trabalhadores, quilombolas, indígenas e ambientalistas. Mas os movimentos sociais

são de luta e de resistência. Nesta perspectiva, Carvalho, no Programa Prosa de Pret@, em 27/03/2022 aponta as conquistas do CCN-NC nestes últimos 20 anos de História, destacando que foram vários os estágios de luta, mas também de conquistas alcançadas. Ela pontua como foi grandiosa a construção e parceria com a Coordenação de Educação da Igualdade Racial (CEIRI) destacando que:

É bom lembrar que nas escolas, nós ajudamos na construção da Coordenação de Educação da Igualdade Racial e essa conquista para nós foi grandiosa, porque desde então, de 2007 para cá, nós temos trabalhado em formação de docente e essas formações são variadas, dentro de muitas temáticas, lideradas por quatro mulheres grandiosas: a professora Maria Luísa, a professora Giselda Costa, a professora Erô Cunha e a professora Doralice Mota; elas encaminharam todo esse processo discursivo, na educação em Imperatriz, nas várias instituições e depois dentro desse processo, ainda nós tivemos projetos ligado à arte, ligado à literatura, aos desenhos e também ao teatro, essa foi uma conquista grandiosa que culmina muitas vezes, no salão do livro de Imperatriz, o SALIMP, também nós tivemos a construção da Companhia de Teatro Reinvent'Arte, conduzida por Domingos Almeida no colégio Urbano Rocha e foi uma conquista também grandiosa, porque inúmeros jovens conquistaram as possibilidades de estarem trabalhando com o teatro, com a poesia, com a música, com o corpo negro fazendo presente e construindo História (CARVALHO, Programa Prosa de Pret@ em: 27/03/2022).

Como citado por Carvalho, o Centro de Cultura Negra NC, desde 2007, vem desenvolvendo trabalhos voltados, para a formação docente, com temáticas variadas comandadas por mulheres negras potentes que fazem um trabalho grandioso, desenvolvendo também, nas várias instituições, com projetos ligados à arte e literatura, como os desenhos produzidos por alunos, com temas voltados para a questão do povo negro, cuja culminância é, muitas vezes, a exposição no Salão do Livro de Imperatriz (SALIMP). Outra conquista citada pela professora, foi a Companhia de teatro REINVENT'ARTE, conduzida por Domingos de Almeida, no colégio Urbano Rocha.

Sobre essas ações desenvolvidas pelo CCN – NC, Doralice de Assunção Mota afirma serem ações bastante relevantes, para a sociedade de Imperatriz, durante a trajetória do Centro de Cultura Negra, pontuando esses momentos da seguinte forma:

É um trabalho eu considero muito importante do Centro de Cultura Negra é que nós temos a consciência de que quanto mais instituições, entidades abordarem essa temática afro, a temática do preconceito, melhor para a cidade, melhor para a região, para o estado, para o país e para o mundo. Então o Centro de Cultura Negra procura incentivar o surgimento de outras instituições, de outras entidades, para assumir também esse trabalho. Então, nós temos por exemplo, o Núcleo de estudos afro-brasileiro da FEST (Faculdade de Educação Santa Terezinha), foi a partir deste incentivo do Centro de Cultura Negra, aquela faculdade tem desenvolvido bons trabalhos, nesse sentido. O Núcleo de estudos afro-brasileiro, que agora é: Núcleo afro-brasileiro e indígena da UEMA, também teve a participação e o incentivo do Centro de Cultura Negra. É interessante que nesses espaços tem militantes do Centro de Cultura Negra e essas pessoas ali fizeram a diferença e contaram com a força do

Centro para levar essa discussão pra essas instituições e fazer com que essas instituições criassem também os seus organismos, para trabalhar a temática e a gente considera um grande passo. Uma parceria que tem dado muito certo foi a criação da Coordenação de Educação da Igualdade Racial na estrutura educacional da rede estadual aqui em Imperatriz, a gente chama de CEIRI, da qual eu fiz parte, sai porque me aposentei da rede estadual, mais a gente considera que deu certo, todos esses organismos que foram criados a partir do incentivo do Centro de Cultura Negra. Está dando certo porque vem somar nesse trabalho, nessa luta. Com essas parcerias facilitou também o trabalho do Centro, então o Centro pôde desenvolver atividades maiores em praça pública. Nós temos, principalmente a partir da parceria com a CEIRI nós temos trabalhado bastante a questão cultural: concurso de desenhos afros, o Festeatro, festival de poesia afro, festival de literatura afro, música, leitura na praça. Então esses eventos são realizados com a participação desses organismos que foram criados, então, eu considero um passo importante: o Centro ter esse pensamento de que é preciso outras instituições, muitos órgãos, muitos organismos abraçarem essa luta, pra que não fique um trabalho isolado só do Centro de Cultura Negra. Então eu considero isso um passo muito importante, nessa caminhada de ações, de combate ao racismo, ao preconceito e fortalecimento da identidade Negra e, cada vez mais a partir deste trabalho as pessoas vão se identificando cada vez mais com pessoas negras (MOTA, Entrevista concedida a pesquisadora em: 25/11/2021).

Percebemos pela fala das ativistas Carvalho e Mota, que o CCN - NC desenvolve um trabalho grandioso, na cidade de Imperatriz e região. Tem contribuído com professores, alunos e com a sociedade em geral, no sentido da educação, conscientização, cidadania e luta contra o preconceito e a discriminação racial. A este respeito, Carvalho aponta que o maior desafio do CCN - NC, nestas duas décadas de existência, é uma sede própria. Sobre isso ela argumentou que:

Nós gostaríamos de dizer de um grande desafio que nós temos desde o início da nossa construção até hoje, que é a necessidade de uma sede, uma sede que nós sonhamos, um salão amplo que possamos fazer oficinas, seminários, fazer formação e fazermos exposições e termos um local de negro, para podermos celebrar sempre as nossas conquistas e lembrar a nossa História, então eu conclamo as pessoas que estão ouvindo se tiver alguma ideia, que nos possibilite um lugar físico para o Centro de Cultura Negra, será muito importante para nós essa conquista que deixará de ser um desafio para ser uma vitória do povo negro, é um espaço de liberdade, um espaço de Axé, de ubuntu. Os motivos para o desejo de se ter uma sede foram apresentados no episódio, são: ter uma sede própria, além de uma identificação com a comunidade significa ter mais autonomia para realizar ações e projetos que atendam o maior número possível de pessoas negras. Em 20 anos o Centro de Cultura Negra – Negro Cosme mudou de endereço seis vezes e cada mudança representa um desafio para evitar que documentos importantes e outros pertences não se percam pelo caminho. Na sede atual, que é alugada, estão guardadas as memórias dessas duas décadas de História construídas a muitas mãos e muitas lutas, aqui as portas estão abertas, para receber a comunidade e do lado de dentro encontramos tanto objetos que materializam essa história como representações da nossa identidade e culturas negras (CARVALHO, Programa Prosa de Pret@ em: 27/03/2022).

São duas décadas de História, que com uma sede própria, além de mais autonomia, evitaria que documentos se extraviem, pois, na sede, são guardados documentos importantes e outros pertences. Atualmente o Centro de Cultura está funcionando na sede do Sindicato dos/as Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Imperatriz e as portas estão abertas para a

comunidade. O CCN - NC dispõe ainda, de uma biblioteca e agora possui uma sala equipada, com tudo instalado, para desenvolver um projeto que atenderá jovens negros da comunidade, é o Projeto: Estação Tech Sol e Mar⁹⁷ espaço de inclusão digital e promoção de ações de inovação, infraestrutura de laboratório *Maker* com computadores, impressoras 3d, ar-condicionado, smart TV, entre outros equipamentos, bem como, internet gratuita, disponibilizada pela empresa Maxx. A capacitação ocorrerá, em parceria com a UemaNet. É com essas ações que o CCN-NC promove a consciência antirracista.

Na Balaiada, Negro Cosme lutava pela Abolição, isto é, pela liberdade das pessoas negras; atualmente, a luta do CCN é por emancipação. Com isso, fica evidenciado como esse movimento, iniciado na década de 1990, foi extremamente valioso. Percebemos que a coragem, a força e a mobilização que começou com uma sementinha, plantada por duas mulheres decididas, que tiveram a coragem e enfrentaram os obstáculos e lutas, agregando mais pessoas; o movimento cresceu na cidade de Imperatriz, sendo o povo negro contemplado, com uma entidade que tem lutado contra o racismo e construído sua história com muita resistência, ao longo de duas décadas, inspirada em Negro Cosme. Com isso, constatamos como os movimentos sociais fazem a diferença e são importantes organizações, para promover transformações, na sociedade.

[...] Esses negros organizados
 Chamados de quilombolas
 Viram na Balaiada
 Que era chegada a hora
 Da liberdade sonhada
 Renascer naquela aurora
 Cosme Bento das Chagas
 Logo então se destacou
 E lá de Lagoa Amarela
 Três mil negros libertou
 E com tal valentia cega
 A Balaiada engrossou [...]
 (Programa Prosa de Pret@ em: 27/03/2022)

⁹⁷ Estação Tech Sol e Mar projeto de inclusão digital e inovação Estações Tech; que conta com o apoio da operadora Maxx; é fruto de convênio firmado entre o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação e a Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Inovação (SECTI). <https://www.sejamaxx.com.br/sao-luis/noticia/operadora-maxx-leva-internet-de-alta-veloci...>

A Juventude Negra⁹⁸, no Brasil, representa uma grande parcela da sociedade, porém, quando se olha para os quadros de espaços, ocupados por eles, na educação, política, empregos, e moradia, observamos que estes ocupam posições bem inferiores às dos jovens brancos. A situação piora, quando se analisa a questão da violência, sendo considerado um verdadeiro “genocídio”, isto é, a tentativa de exterminar um grupo, por motivos étnicos raciais, cotidianamente; é visível, neste aspecto, a omissão do Estado. Sobre essa violência, sofrida pela juventude negra, Mota destaca, em entrevista ao Programa Prosa de Pret@, em 27/03/2022 que:

Nós temos uma combinação de fatores, E esses fatores, eles são estruturado no racismo na discriminação racial, então, há combinação de racismo, pobreza, vulnerabilidade e também, ausência de políticas públicas, ausência do Estado, contemplando essa juventude, então, geralmente, são jovens que vivem em comunidades periféricas, onde o Estado não chega e muitas vezes quando chega é através da violência policial, então, essa combinação de fatores, ela concorre para essa mortalidade, mortandade e assassinatos de jovens negros (MOTA, Programa Prosa de Pret@ em 27/03/2022).

Pelo relato, fica entendido que essa violência ocorre a partir de uma combinação de fatores, estruturados no racismo e discriminação racial que, como citado, pela entrevistada, essa vulnerabilidade acontece por ausência de políticas públicas que não contempla a juventude negra, que geralmente vive na periferia, segundo disse, ainda há um agravante, pois, quando o Estado chega até os jovens, é por meio de violência policial, uma marca triste no Brasil, já que muitos jovens negros, no Brasil, são assassinados diariamente. O que o jovem negro quer? Quer reconhecimento, emprego, educação, salário digno, quer respeito, quer cidadania. É por isso que a luta de negros e negras continua, porque acreditam e ainda esperam igualdade e respeito. Pois, ainda estão oprimidos e lutando, como podemos observar, no trecho do poema sobre a Guerra da Balaiada, intitulado de “a Guerra da Balaiada – a epopeia dos guerreiros balaios na versão dos oprimidos”. De Magno Cruz, que conta a História da Balaiada, na versão dos oprimidos, isto, é de quem não saiu com a vitória na batalha final, mas tem história e fez história para o povo que estava oprimido. O povo pobre, negro e indígena. Inspiração para todos nós que buscamos combater o racismo e a discriminação racial.

Para Mota (em entrevista concedida ao Programa Prosa de Pret@ em: 27/03/2022) o jovem negro é quem mais sofre violência, devido a uma combinação de fatores, como

⁹⁸ Homens, jovens, negros e de baixa escolaridade são as principais vítimas de mortes violentas, no País. A população negra corresponde a maioria (78,9%) dos 10% dos indivíduos com mais chances de serem vítimas de homicídios. <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/seis-estatisticas-que-mostram-o-abismo-racial-no-brasil/>

combinação de racismo, pobreza, vulnerabilidade e ausência de políticas públicas, o que acontece, segundo ela, porque:

Tem um fenômeno que os estudiosos chamam de “A privatização da Segurança”. Segurança pública, se a gente observar, está nos bairros nobres, nos centros e ela não está, essa segurança nas periferias. Então, é segurança pública, mas, que na verdade, ela cumpre um papel privado, ela atende uma classe, a uma elite branca (MOTA, entrevista concedida ao Programa Prosa de Pret@ em: 27/03/2022).

A entrevistada ressalta que um dos problemas, relativos à questão da segurança pública é que ela só fica em bairros nobres, centros; sendo assim, ela atende apenas a uma elite branca. São necessárias, providências para romper com esse histórico, em relação ao jovem negro brasileiro. Destacamos que nas últimas décadas, alguns esforços vêm sendo empreendidos, no sentido de diminuir essa violência, que atinge essa parcela da população negra, o que ocorre através de algumas políticas públicas e de alguns procedimentos, para integrar esses jovens negros, na sociedade, porém, ainda é pouco e insuficiente. Mota, em entrevista concedida ao Programa Prosa de Pret@, em: 27/03/2022), mesmo tendo pouco alguns efeitos já dá para perceber mudanças, como, por exemplo, a Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Ela pontua que:

Com certeza, já surtiram algum efeito, mas, a gente tem que pensar que não é um efeito grandioso imediato; a gente precisa pensar esses resultados a médio prazo, a longo prazo, mas com certeza, já de imediato surte algum efeito, como por exemplo, é a Lei 10.639, que trabalha a História e cultura afro-brasileira e africana, essa Lei, tem um papel fundamental, na valorização da pessoa negra, desse jovem negro, amenizar, pelo menos caminhar para amenizar o preconceito e a discriminação racial. Eu credito o seguinte: eu à medida em que esse jovem negro, ele ver a sua cultura sendo valorizada, a sua História sendo valorizada, através dessa educação antirracista, então a gente acredita que isso contribui sim, até mesmo para manter esse jovem na escola, então, quando esse jovem está na escola, além dele está sendo instrumentalizado para a vida, o momento que ele está na escola, é para estar também, de certa forma protegido dessa violência lá fora, que nem sempre, né, porque a gente tem visto jovens alvejados dentro da própria escola, mas é um lugar que a gente acredita, que ele está mais protegido ali (MOTA, entrevista concedida ao Programa Prosa de Pret@ em: 27/03/2022).

A entrevistada diz que a Lei nº 10.639/2003, que trabalha a História e cultura afro-brasileira e africana, tem um papel fundamental e contribui para reduzir diferenças. De acordo com ela, essa lei é para valorização da pessoa negra, a partir do momento que o jovem vê sua cultura sendo valorizada, sua história sendo valorizada, por meio da educação antirracista, o que contribui para a transformação social. De fato, essa lei foi uma conquista, embora se esteja precisando de sua efetividade, ou seja, que ela seja agregue em si, práticas inovadoras, por parte de educadores e educadoras. É preciso ficar atento e cobrar para que essa lei seja efetivada.

Temos acompanhado que recentemente, tem aumentado de maneira significativa, os casos de racismo, tendo alguns, ganhado grandes repercussões; uma característica comum, nestes casos de racismo, é que a maioria tem como vítimas, jovens negros. A explicação para este aumento de violência, de acordo com Mota (em entrevista concedida ao Programa Prosa de Pret@ em: 27/03/2022) se deve ao fato de

Nós negros, começamos a sair daquele lugar que a sociedade determinou que a gente ficasse, então à medida que a gente sai e começa a ocupar esses lugares que não eram para nós de acordo com o que a sociedade planeja para o jovem negro, para a pessoa negra. Então à medida que ele vai ocupando esses lugares, então o conflito racial ele aumenta e a questão do jovem, até por ele andar mais, está mais exposto, sair mais de casa, isso acaba expondo mais esse jovem à violência (MOTA, entrevista concedida ao Programa Prosa de Pret@ em: 27/03/2022).

A entrevistada atribui o aumento dos casos de Racismo, ao fato de o/a negro/a está buscando ocupar espaços, na sociedade; espaços estes, que eles não tinham em outros tempos. Um ponto a ser considerado, é que os conflitos gerados, têm atingido mais o jovem, porque ele está mais exposto. Sobre essa questão, José Vicente explicou no canal Uol de notícias (Violência policial contra população negra está 'naturalizada' no Brasil - 20/07/2020 - UOL Notícias) que:

Existe uma "garantia de impunidade" como explica José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, em São Paulo. Ele ressalta o peso do racismo estrutural no Brasil, "fruto da trajetória de 350 anos de escravidão". Um racismo que "por não ser reconhecido, não é combatido e continua produzindo todos seus efeitos na atualidade", como conclui o reitor (<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2020/07/20/violencia-contra-populacao-negra-esta-naturalizada-no->)

Pelo que foi exposto anteriormente, percebemos que a violência contra a juventude negra acontece, em razão da impunidade, decorrente do racismo estrutural, advindo do longo período de escravidão. no Brasil. A sociedade não reconhece, se não reconhece, não combate e por isso continua acontecendo. Ribeiro (2019) apresenta dados que indicam a necessidade de combater a violência racial, no Brasil, segundo ela: “Entre 2007 e 2018, 553 mil pessoas foram assassinadas no Brasil. O total de mortes é maior do que o da Síria, país que enfrenta, há sete anos, uma guerra civil e que, segundo estimativa da Organização das Nações Unidas (ONU), contabiliza 500 mil mortos O número da violência é tão absurdo, que é comparado aos números que ocorrem em uma guerra. Ainda sobre essa violência, Ribeiro (2019) aponta que:

É preciso lembrar que a vítima preferencial tem pele negra. O Atlas da violência de 2018, realizado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, revelou que a população negra está mais exposta à violência no Brasil. Os negros representam 55,8% da população brasileira e são 71,5% das pessoas assassinadas. Entre 2006 e 2016, a taxa

de homicídios de indivíduos não negros (brancos, amarelos e indígenas) diminuiu 6,8%, enquanto no mesmo período a taxa de homicídio da população negra aumentou 23,1%. Segundo dados da Anistia Internacional, a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil, o que evidencia que está em curso o genocídio da população negra, sobretudo jovens (RIBEIRO, 2019, p. 94).

A autora considera assustador, o fato de um jovem negro ser assassinado, a cada 23 minutos. Fica, pois, evidenciada a necessidade de se combater e cobrar para que autoridades se conscientizem, ao mesmo tempo que reconheçam que esses não são casos isolados, admitindo a existência da discriminação racial, no Brasil. Organizações negras têm que ficar atentas e cobrar punições. Neste aspecto de conscientização, o CCN-NC desenvolve ações muito importantes, através de palestras, por meio do teatro, alertando a sociedade, sobre a questão, por meio das suas páginas, nas redes sociais, *Instagram, Facebook e WhatsApp*.

Ficamos imaginando quantos talentos do povo negro foram e ainda são silenciados, no Brasil; uma história que precisa ser transformada, a partir da luta organizada, a denúncia, o enfrentamento, a recusa em não aceitar humilhações, a busca pela qualificação profissional e a educação são caminhos.

3.2 Cartilha Informativa: atuação do CCN - NC na cidade de Imperatriz – Maranhão

Como produto do Mestrado desenvolvemos uma Cartilha Informativa que foi pensada em um viés educativo, tendo como público alvo a comunidade estudantil, professores/as, defensores/as da causa negra e a comunidade em geral. Após a apresentação, os temas abordados apresentam-se como questionamentos, em uma linguagem simples, clara e objetiva.

Nossa intenção é que essa Cartilha desperte o interesse de mais pessoas, para conhecer a atuação do Centro de Cultura Negra Negro - Cosme, na cidade de Imperatriz, para que com isso, tenham acesso a mais informações sobre temas voltados à educação étnico racial, buscando discutir sobre formas de inclusão e combate ao racismo.

Sendo assim, o primeiro tópico aborda a história do CCN - NC, pois o que tenho aprendido nesses anos de estudo e pesquisa é que não se ama o que não se conhece. Conhecer é então, o primeiro passo para o engajamento, na entidade. Atuar, isto é desenvolver ações que visem eliminar o preconceito racial e transformar a sociedade é algo que deve ser do interesse de todos e todas; existem várias formas de apoiar a causa do povo negro, seja por meio de engajamento social, ou na participação nos projetos e eventos da entidade. Porém com foi dito, anteriormente, é preciso conhecer: o que é o CCN - NC?

No segundo tópico trazemos contribuições do CCN - NC no combate ao racismo em Imperatriz – Maranhão, sua atuação na educação com estudantes, com professores e com a comunidade. Por meio de palestras, rodas de conversa, formação, oficinas, teatro, poesia, realizando eventos e desenvolvendo projetos, como o Programa Prosa de Pret@, a Editora Balaiada de escritas Negras, a Estação Tech Sol e Mar de inclusão digital. O CCN - NC é um Movimento Negro, que trabalha com diferentes atividades.

No terceiro tópico apresentamos os desafios do Centro de Cultura Negra – Negro Cosme na luta contra o preconceito e a discriminação racial, nas escolas, em empresas, praças, por meio de visitas de autocuidado com os militantes, e, através das mídias sociais.

O quarto tópico, se refere a dica de temáticas a serem desenvolvidas na sala de aula, porque entendemos que não é qualquer educação que elimina preconceito, é necessário que escolas e profissionais da educação sejam comprometidos com a educação antirracista.

Para o quinto tópico, apresentamos sugestões de recursos pedagógicos que são: literaturas, filmes e links, ferramentas para ampliar a consciência e o conhecimento a respeito do povo negro.

No sexto tópico abordamos que a luta não tem fim. Destacamos que o CCN-NC, é uma entidade comprometida com a educação antirracista, desenvolve suas atividades em benefício da conscientização e fortalecimento da identidade negra, atua com formações, estudos, palestras sobre temáticas que afetam o povo negro numa perspectiva de inclusão social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos por meio deste estudo conhecer o panorama histórico do Movimento Negro brasileiro, destacando os acontecimentos de resistência negra, que ocorreram antes do fim da escravidão, no pós-abolição, a partir de fases, pelas quais o Movimento Negro passou, assim como, sobre a luta do Movimento Negro, no Maranhão, trazendo uma visão para os leitores, além do Centro de Cultura Negra - Negro Cosme, foco desta pesquisa, entidades como o FNB, o MNU, o TEN, CCN-MA, entre outras, mencionadas no decorrer da pesquisa inferindo que o Movimento Negro, não é uno; ele é diverso.

Considerando a seguinte questão de pesquisa: Qual a contribuição do Movimento Negro em minha vida e formação acadêmica? Destaco que ele contribuiu para que eu me posicionasse como mulher, professora, nordestina; me conduziu a demarcar meu lugar de fala. Contribuiu para minha consciência de saber quem eu sou e o que faz parte das minhas pautas de luta. Um encontro de aprendizado que levo para minhas práticas diárias, na sociedade, entendendo que a escrita da história de vida é uma forma de enfrentamento a uma estrutura de dominação que se manifesta também, na produção do saber. Portanto, a escrita autobiográfica é necessária para dar voz a outros sujeitos.

No que concerne ao panorama histórico do Movimento Negro brasileiro, as leituras me ajudaram a ter uma visão sobre os povos subalternizados, sua luta por libertação que atravessa séculos. Nesse sentido, o Movimento Negro apresentou-se como uma organização de pessoas que buscam resolver suas inquietações. Ao longo de todo período do escravismo no Brasil, o negro foi resistência. Suas formas de se organizar deram origem aos quilombos e foram muitos quilombos formados, ao longo do Brasil, que serviram de inspiração e que deram origem ao que na atualidade conhecemos como Movimento Negro.

No que concerne às novas formas de luta com a FNB e o TEN, concluímos que as preocupações ganharam proporções e várias eram as pautas educativas, políticas de lutar contra o racismo, dentre outras, e, na terceira fase, depois de um longo período de ditadura, em que o Movimento Negro foi silenciado, o sonho de vencer o racismo, as desigualdades sociais surgiram com mais força. A fundação MNU foi um acontecimento que ganhou projeção Nacional e uniu muitos grupos de Negros, no Brasil, para reivindicar direitos e reconhecimento. Foi neste período, que também surgiu o CCN-MA, inicialmente, como um grupo, para estudar sobre questões étnico raciais.

No que concerne à atuação do Centro de Cultura negra- Negro Cosme (CCN-NC), na cidade de Imperatriz - Maranhão os estudos realizados apontam ser esta uma entidade sem fins lucrativos, onde o trabalho desenvolvido pela militância, mostra-se através de diversas ações, como palestras eventos, em escolas e empresas, visando à conscientização de negros e negras, no combate ao racismo. São vinte anos de serviços prestados à sociedade imperatrizense, onde os serviços são voluntários.

O Movimento Negro, na cidade de Imperatriz, MA é, sobretudo inclusivo e agrega as pessoas, por meio dos vários projetos visando à inserção e, sobretudo, participação do negro na sociedade; ou seja, podem contribuir com o trabalho da entidade aqueles/aquelas apresentados por um membro e aprovados em assembleia. É necessário, pois, estudar, discutir formas de romper com o racismo na sociedade, o que faz com que o Centro trabalhe 10 categorias temáticas que são esclarecedoras e que ajudam o povo negro, na questão do reconhecimento e no tocante a se organizar para reivindicar direitos.

No tocante aos quadros analisados, a partir do Programa Prosa de pret@ que se constitui como realização do Centro de Cultura Negra - Negro Cosme, tendo como editor-chefe e apresentador, militante e jornalista Domingos de Almeida, pudemos constatar que os temas de cada quadro, a saber, Balaio do Cosme, Mundo Negro, Literanegr@ e heróis e heroínas de todo mundo; ações afirmativas; com destaque para a Lei de Cotas, feminismo negro; racismo estrutural, ações afirmativas, gênero, religião, educação antirracista e juventude negra.

Inferimos que ter consciência é o primeiro passo para romper com a discriminação racial. A data 20 de novembro Dia da Consciência Negra é um dia de celebração, ao mesmo tempo que de luta. O trabalho do CCN - NC e das ações realizadas durante a Semana da Consciência Negra foram destaques no Programa. Todo ano é trabalhado um tema, sendo realizada uma vasta programação que envolve palestras nas escolas, roda de conversas, visitas a integrantes e a culminância no dia 20 de novembro com uma Celebração Ecumênica na Igreja São José do Egito no bairro Bacuri.

No que diz respeito ao racismo estrutural, com enfoque na questão: Qual o papel da educação, no processo da construção da consciência antirracista? Inferimos que a educação é muito importante, mas, só ela não resolve e ainda tem que serem observadas algumas questões como, não é qualquer educação que vai romper essa estrutura que coloca negros e negras, às margens da sociedade. Para que a educação cumpra seu papel, é necessário todo um processo educativo, de profissionalização concreta e elevada, que entenda de política, e com isso, contribua para o desenvolvimento de uma sociedade crítica e com justiça social.

A análise da categoria Ações Afirmativas, com destaque foi para a Lei de cotas, nos levou à constatação de que esta é uma conquista, para as pessoas negras, que têm oportunizado educação superior, fazendo com que, o mercado de trabalho ganhe a presença de profissionais negros e passe a atuar, em diversos espaços da sociedade, o que antes da Lei de Cotas era improvável.

Em relação ao tema Feminismo Negro, pudemos entender a necessidade desta categoria de reflexão, pois, as pautas debatidas, tanto pelo movimento feminista tradicional, como pelo Movimento Negro não contemplavam interesses desse grupo, surgindo daí, o interesse de as mulheres negras se organizarem, para reivindicar pautas que atendessem a suas necessidades.

No que concerne a Gênero, observamos, que a agenda de gênero não é prioritária e as consequências desse descaso têm gerado problemas diversos, na sociedade. Assim sendo, para superar essas dificuldades, o caminho apontado é o de uma educação emancipadora e, sobretudo, libertadora, papel que o CCN - NC vem desempenhando, no âmbito de suas ações.

Em relação à religião, constatamos que esta pode ser uma forma de resistência, mas também pode se revelar uma forma de dominação. São um campo em que a gente percebe muito desrespeito, intolerância e discriminação, mas precisa ser superado, razão porque é uma das pautas do movimento negro organizado e em especial, do CCN - NC.

No tocante à Educação Antirracista, esta se constitui um desafio, para professores, pois para uma educação antirracista é preciso estudar, pesquisar, só que muitos profissionais da educação se recusam e ficam apenas no livro didático. O preconceito precisa ser eliminado da sala de aula, porém isso só vai ocorrer caso o professor se qualifique e tenha um posicionamento antirracista. Nessa perspectiva, o CCN - NC tem focado suas ações em formação continuada.

Considerando o tema Movimentos Sociais que são mobilizações coletivas, em busca de algo melhor; é a luta do oprimido por direitos, O CCN - NC tem buscado se organizar, para lutar por negros e negras, na cidade de Imperatriz.

Um dos enfoques de grande importância foi o tema Juventude Negra, que destacou uma grande parcela da população, que vive às margens, sem emprego sem saúde e sem educação, tendo a violência como um dos maiores obstáculos. O CCN-NC, ao constatar que um dos responsáveis por essa problemática é a segurança pública, tem focalizado suas ações nesse sentido, como observado a partir da análise do Programa Prosa de Pret@, alcançando um de seus objetivos, qual seja, levar aprendizagem e consciência ao povo negro, definindo as temáticas abordadas, por meio de categorias que se concretizam como foco do Centro de Cultura Negra.

A fim de dar um desfecho a esta pesquisa, que não se esgota neste trabalho; pelo contrário; nos deu ânimo, para continuar a análise e debate sobre o tema abordado, buscamos descrever como minhas questões de pesquisa foram respondidas neste texto. Assim, no que tange a identificar a contribuição do Movimento Negro na minha vida e formação acadêmica, posso dizer que após dois anos mergulhada no estudo a respeito das organizações negras, o Movimento Negro contribuiu para que eu compreendesse o meu lugar de fala. Posso destacar como aprendizagem que o reconhecimento e a consciência de negritude são essenciais, constituindo-se como primeiro passo para quem deseja falar, refletir e reivindicar direitos.

A análise do panorama histórico do Movimento negro brasileiro, nos fez perceber que a história do povo negro tem marcas profundas e que elas são fruto de um sistema desumano, implantado no Brasil, com objetivo de obter lucro. Que o povo negro sempre buscou forma de resistir, em tempo algum, aceitou ser escravo. Que o Movimento negro, ao longo de sua existência, vem lutando para conquistar direitos e ocupar espaços, na sociedade.

Ao descrever como o Centro de Cultura Negra-Negro Cosme (CCN-NC) atua na cidade de Imperatriz- Maranhão, identificamos as atividades ali desenvolvidas, ao longo da sua existência e os desafios para continuar com esse trabalho de combate ao racismo. Percebemos que a entidade desenvolve várias atividades diversas e em diferentes locais; que atua em espaços diversos, como as escolas, levando palestras, oficinas de desenhos com temas afros para exposições; para esse trabalho nas escolas, conta com uma parceria potente que é a coordenação da Igualdade Racial de Imperatriz (CEIRI), que trabalha a Lei nº 10.639/2003 com estudantes e educadores/as das escolas públicas, que integram a Unidade de Educação Regional de Imperatriz (UREI) e que sempre teve no comando, mulheres empoderadas: Maria Luísa Rodrigues de Sousa, Doralice de Assunção Mota, Maria Erotilde Nunes Leite e Antônia Gisêuda Pereira da Costa.

Pudemos também, identificar o trabalho do CCN - NC, realizado, por meio do teatro com a Companhia de Teatro Reinvent'Arte, conduzido pelo jornalista Domingos de Almeida, no Centro de Ensino Urbano Rocha, em que inúmeros jovens puderam trabalhar com o teatro, poesia, música e corpo negro atuando na Semana Municipal de Consciência Negra, em que todo ano trabalha um tema diferente, com uma programação vasta.

Destacamos que destarte suas conquistas e atuação, no campo das atividades, voltadas para a luta do povo negro, no Brasil, em termos gerais e, em específico, no estado do Maranhão, que o CCN - NC apresenta como maior desafio, a construção de uma sede, com um salão amplo, onde possa fazer oficinas, seminários, fazer formação e exposição.

Inferimos que esta pesquisa foi de grande relevância, para minha construção identitária, profissional, entre outras a se fazerem presentes ao longo de minha trajetória como mulher e, sobretudo educadora. Aprendemos com a convivência no CCN - NC, que o mais importante na luta, é se colocar à disposição, que a causa é mais importante que as dificuldades que possa enfrentar e que o Movimento de Imperatriz, o CCN - NC, foi construído com muitas mãos e eu, Maria Zilma Rodrigues Silva, coloco-me à disposição, estando disposta para lutar em prol de uma sociedade mais justa e menos racista.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. Tradução de Julio Romeu. Companhia das Letras (O perigo de uma história única é uma adaptação da primeira palestra proferida por Chimamanda Ngozi Adichie no TED TALK, em 2009). Disponível em: https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/enfrentamento-ao-racismo/obras_digitalizadas/chimamanda_ngozi_adichie_-_2019_-_o_perigo_de_uma_historia_unica.pdf. Acesso em: 21 jan. 2021.
- AGOSTINI, João Carlos. **Brasileiros, sim! Uma reflexão sobre identidade**. São Paulo; Moderna, 2004. ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amílcar Araújo. **História do Movimento Negro no Brasil: depoimentos ao CPDOC – Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FGV, 2007.**
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.
- ALMEIDA, Domingos de. **Poemas em retalhos negro-nordestinos**. Imperatriz/MA: Editora Balaiada de escritas Negras, 2021.
- ALVES, Aline Neves Rodrigues. **Juventude Quilombola: projetos de vida, sonhos comunitários e luta por reconhecimento**. Mestrado em educação. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.
- ARAÚJO, Rodrigues de. **Alegres na Esperança**. São Paulo: Paulinas, 2019.
- ARRUTI, José Maurício. **Relatório técnico científico sobre os remanescentes da comunidade de quilombo de Cangume, município de Itaóca-SP**. RTC, 2003. Disponível em: http://www.itesp.sp.gov.br/br/info/acoes/rtc/RTC_Cangume.pdf. Acesso em: 23 jan. 2021.
- Autobiografia. Dicionário informal. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/autobiografia/>.
- BRASIL. **Lei nº 11.645**, de 10 março de 2008. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Disponível Em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso: 10 ago. 2021.
- BOFF, Leonardo. **A voz do Arco-íris** - Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
- CARVALHO, Herli de Sousa. **No chão quilombola os rebentos narram suas percepções acerca da escola de infância da comunidade Cajueiro I em Alcântara/MA**. 2016. 248f. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.
- CELLARD, André. Análise documental. In: POUPART, Jean *et al.* **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes. 2008, p. 127 – 152.

CHAGAS, Camila Pizzolotto Alves das. **Solano Trindade: luta, poesia e teatro Possibilidades de análise de raça e classe social no Brasil (1940 – 1960)**. Mestrado em história. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

CRUZ, Mariléia dos Santos. **Pluralidade racial em livros didáticos: uma análise em conteúdo de história brasileira**. São Luís, MA: Edufma; Imperatriz, MA: Ética, 2011.

CUSTODIO, Lourival Aguiar Teixeira. **Um estudo de classe e identidade no Brasil: Movimento Negro Unificado (MNU) - 1978 – 1990**. Mestrado em Estudos Culturais Instituição de Ensino: Universidade De São Paulo, São Paulo, 2017.

DOMINICÉ, Pierri. **A biografia educativa: instrumento de investigação para a educação de adultos...**(p143-153); **O que a vida nos ensinou...** (189- 222). In: NÓVOA, A; FINGER, M. (org). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica**. Revista Brasileira de Educação. V. 17. N. 51, set.-dez. 2012(b) Disponível em: www.scielo.br/pdf/rbedu/v17/n51/02.pdf. Acesso:25/07/2022

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos**. **Tempo**, n. 23, p. 100-122, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/yCLBRQ5s6VTN6ngRXQy4Hqn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 jan. 2021.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis**; (Org). Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, Januário. **25 anos 1980 -2005: movimento negro no Brasil**. Brasília, DF: Fundação Cultural Palmares, 2008.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. História. Coleção para todos, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – Brasília. Ministério da Educação, 2005.

GOMES, Nilma Lino. Movimento Negro e educação: ressignificando e politizando a raça. **Educação e Sociedade**, v. 33. n. 10, p. 727-744, jul./set. 2012. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso: 16 jan. 2021.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Movimento negro e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Set/Out/Nov/Dez, 2000, n. 15 Acesso em:16 jan. 2021

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223 – 244. Disponível em: edisciplinas.usp.br. Acesso em: 19 jan. 2021.

HERMÓGENES. **Mergulho na Paz**. 31.ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2022.

JOSSO, Marie Christine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida.** Porto Alegre/RS, ano XXX, nº 3 (63), p.413 -438, set./dez. 2007

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação.** Tradução José Cláudio, Júlia Ferreira; Revisão científica: Maria da Conceição Passeggi, Marie-Christine Josso. 2. ed. rev. e ampl. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação.** Episódios de racismos cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KING JR., Martin Luther. **Discurso de Martin Luther King Jr.** I have a dream (Eu tenho um sonho) Disponível em: <https://www.somostodosum.com.br/blog-autoconhecimento/eu-tenho-um-sonho--discurso-de-martin-luther-king-jr-9800.html> Acesso em: 24 ago. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 13. ed. São Paulo: HUCITEC, 2013.

MUNANGA, Kabengele. Origem e histórico do quilombo na África. **Revista USP**, São Paulo, n. 28, p. 56-63, dezembro-fevereiro, 1995/1996.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro:** processo de um racismo mascarado Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, Beatriz. Negro e Racismo In: RATTS, Alex (Org). **Eu sou Atlântica:** sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. Instituto Kuanza, Imprensa oficial: São Paulo, 2006.

NASCIMENTO, Geraldo Santos do. Uma tentativa de romper a barreira do racismo In: QUEVEDO, Júlio (Org). **Historiadores do novo século.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: Afrodiáspora: **Revista do mundo negro**, n. 6-7. Ipeafro, 1985. pp. 41-49. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4934276/mod_resource/content/1/Untitled_29082019_194415.pdf. Acesso em: 23 jan. 2021.

PANDOLFI, Dulce; GAZIR, Augusto; CORRÊA, Lucas. **O Brasil de Betinho.** Rio de Janeiro: Mórula Editorial; 2012.

PASSOS, Joana Célia dos. As desigualdades na escolarização da população negra e a educação de jovens e adultos. **EJA em debate**, Florianópolis, v. 1, n. 1. nov. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/article/view/998/pdf>. Acesso em: 25 abr. 2020.

PEREIRA, Amilcar Araújo; VITTORIA, Paolo. A luta pela descolonização e as experiências de alfabetização na Guiné-Bissau: Amilcar Cabral e Paulo Freire. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 50, p. 291-311, julho-dezembro de 2012.

RATTS, Alex (Org). **Eu sou Atlântica:** Sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. Instituto Kuanza, Imprensa oficial: São Paulo, 2006.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

- RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SALES, Natalia. **Fazendo movimento negro**: sentidos de política e relações raciais na micropolítica do(s) movimento(s) negro(s) de Duque de Caxias. Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Antropologia, 2015.
- SANTO FILHO, José Camilo dos. **Pesquisa educacional**: quantidade-qualidade. 8. Ed. São Paulo, Cortez, 2013.
- SANTOS, Jociane Maarthendal Oliveira; ESTEVAM, Rebeca Ancelmo; MARTIS, Thiago de Melo. Pesquisa (Auto)biográfica: **Ensaio Pedagógico**, Sorocaba, v. 2 n. 1, jan./ abr. 2018. Disponível em: <http://www.ensaiospedagogicos.ufscar.br>. Acesso: 16 jan. 2021
- SANTOS, Joel Rufino dos. **O que é racismo**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1984.
- SANTOS, Maria Durvalina Cerqueira. **A trajetória de vida material de mulheres negras sob o impacto de ações afirmativas em educação**. Doutorado em Educação e Contemporaneidade Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2015.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **Panorama do Segundo Império**. 2ªed. Rio de Janeiro: Graphia, 1988.
- SILVA NETO, Mariano da. **O município de Francisco Santos**: estudo e memória. Teresina, COMEPI, 1985.
- SILVA, Egnaldo Rocha da. Quilombos e quilombolas no Brasil: comunidade remanescentes e sua luta pelo acesso e permanência na terra *In*: **Roteiros temáticos da diáspora**: caminhos para o enfrentamento ao racismo no Brasil (orgs.). VOSS, Andrea Maila; VANALI, Ana Cristina. Porto Alegre, RS: Editora FI, 2018.
- SILVA, Gracielle da Costa. **Movimento negro ou movimentos negros?** As múltiplas vozes da militância antirracista em Campina Grande – PB. Programa de Pós-graduação em Antropologia. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.
- SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2005.
- SILVA, Petronilha Beatriz Gonsalves e. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. **Educação**. Porto Alegre/ RS, ano XXX, n. 3, v. 63, p. 489 – 506, set./dez. 2007. Disponível em: revistaeletronica.pucrs.br. Acesso em: 16 jan. 2021.
- SOTERO, Edilza Correia. **Representação política negra no Brasil pós-Estado Novo**. Doutorado em sociologia. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2015.
- SOUZA, Geraldine Mendonça de. **Trajeto da luta negra pela educação**: Uma inspiração em Mundinha Araújo. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018. (Dissertação de Mestrado). Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/8824>. Acesso: 30 jan. 2021.

Fontes documentais

Estatuto do Centro de Cultura Negra Negro Cosme

Programa Prosa de Pret@ - 2º temporada

Histórico. <http://cnnegrocosome.blogspot.com/p/histórico.html?m=1>

Regimento da Editora Balaiada de Escritas Negras